

IRMÃOS KOSTANIDIS
LIVRO 3



PELA *Obsessão*
PROTEGIDA

O Tutor Grego e a Bailarina

D. A. LEMOYNE

D. A. LEMOYNE

Copyright © 2023

Obscuro
PELA
PROTEGIDA

○ Tutor Grego e a Bailarina
Irmãos Kostanidis
Livro 3

Há paixão e fúria quando a beijo.

A agonia da espera.

Fome.

A contenção forçada.

— Nunca mais vai fugir de mim — digo.

Ares Kostanidis
(Obcecado pela Protegida)

D. A. LEMOYNE

dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2023

Título Original: Obcecado pela Protegida

Primeira Edição 2023

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Nome do Autor: D. A. Lemoyne

Revisão: Dani Smith Books

Capa: D. A. Lemoyne

Imagens: Adobe Stock e DepositPhotos

ISBN: 978-65-00-69018-7

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

Sumário

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

Bônus - [Hades Kostanidis](#)

[Obras da Autora](#)

[Papo com a Autora](#)

[Sobre a Autora](#)



Aviso: pode conter gatilhos.

Aviso: Obcecado pela Protegida, livro 3 da série Irmãos Kostanidis, é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da saga poder ser lido separadamente, mas é provável que os seguintes contenham spoilers dos anteriores.

Ares Kostanidis, o segundo mais velho dos filhos do bilionário clã grego, ao contrário de seus irmãos, prefere motos velozes a carros de luxo. Lindo, sexy e nada convencional, é conhecido pelo senso de humor sombrio, cinismo e espírito combativo.

Ele vive uma vida sem forjar laços emocionais que não sejam com a família, até que o destino o obriga a se tornar o responsável por uma jovem sozinha no mundo.

Serenity Clementine Blanchet é uma órfã que perdeu ambos os pais ainda muito jovem. Enviada para um colégio interno na Alemanha, passou a se dedicar compulsivamente ao balé, tendo na dança uma zona de conforto.

Ela não gosta de mudanças e ama a rotina, então quando seu tutor avisa que agora ficará sob o comando de um empresário grego, sente-se insegura.

Ares se sente fascinado pela deusa de enormes olhos azuis e que parece tão frágil quanto uma boneca de louça, mas resiste a ceder ao desejo.

Um evento, porém, muda tudo, trazendo Serenity para perto dele e o magnata terá que passar de tutor legal a protetor.

A aproximação forçada transforma a atração em uma paixão intensa e logo os dois embarcam em uma jornada de desejo incontrolável.

Mas neste jogo de sedução, dinheiro e poder, nada é o que parece e para ficar com a mulher que ama, Ares terá

que desvendar o passado dela, defendendo-a de inimigos mortais.

Para todos os que estavam ansiosos pelo Kostanidis
mais cínico e mal-humorado do clã.

Eu dedico a presente obra a aqueles que como eu,
amam romances com homens gregos, sempre
intensos e apaixonados.

Carolina do Norte, maio de 2023.

Nota da Autora

Obcecado pela Protegida, livro três da série **Irmãos Kostanidis** contará a história de Ares, nosso deus grego da guerra, rebelde e combativo e sua protegida, Serenity Clementine Blanchet.

No livro 1 da presente saga tomamos conhecimento de que nosso protagonista atual se vê obrigado a virar tutor de uma garota para que a família dele possa adquirir as ações que faltam para se tornarem sócios majoritários de um banco e completarem uma vingança.

Assim, tenham em mente que o início desta obra, apenas os primeiros capítulos, coincidirá com o começo do livro 1, *Seduzida por Contrato*. Em seguida, haverá uma passagem de tempo e o encontro em definitivo do nosso casal.

Como nos livros anteriores, a trama será centrada em Nova Iorque, mas uma parte dela se desenrolará em Nova Orleans e na Grécia também.

Desde o começo desta série, eu me apaixonei por Ares, meu deus grego sem papas na língua e um tanto raivoso. A imagem que tenho dele na minha mente é muito semelhante com a da capa. Sexy, lindo, irônico e um tantinho malvado, como todos os Kostanidis.

O último livro da saga da primeira geração desta família de homens deliciosos contará a história do rancoroso e vingativo Hades.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D.A. Lemoyne



Serenity

Nova Orleans

Aos treze anos

“Amados Roger e Leticia Blanchet, sempre em nossos corações.”

Leio e releio a inscrição na lápide do túmulo dos meus pais, no cemitério. Há oito anos eles partiram.

Eu venho visitá-los toda vez que volto à Louisiana, mas não pelas razões que JeAnne, minha babá, acredita — *saudade* — e sim, para me obrigar a não esquecê-los, já que para mim, eles são completos estranhos.

Sempre em nossos corações.

Sempre no *meu* coração?

Sim. É assim que deve ser.

É dever dos filhos lamentar a morte dos pais.

Mesmo que de vez em quando, eu sinta raiva deles por me deixarem sozinha no mundo.

Amados Roger e Letícia...

Amada Serenity? Por quem? Por JeAnne, a quem só vejo duas vezes por ano? Pelo senhor VanLith, que recebe um salário para cuidar de mim? Pelos professores do internato que mal sabem meu nome?

Não, eu não sou a amada Serenity, sempre no coração de todos.

Sou a solitária Serenity, de quem ninguém se lembra.



Capítulo 1

Nova Iorque

***S/N*^[1] Nightclub**

— Não venha aqui outra vez. Não foi contratada para isso. Vejo o rosto da garota, minha funcionária, ficar vermelho enquanto claramente pensa no que responder.

— Eu...

— Vamos poupar tempo a nós dois, baby. Não saio com as dançarinas da *S/N*. Você é linda, mas não estou interessado. Jamais misturo negócios e prazer e se você vier à minha sala novamente, pode dar adeus ao seu emprego.

Noto que está morrendo de vergonha, mas não dou a mínima. Meu humor, que normalmente oscila entre o tédio e

a raiva, está uma merda neste instante.

Eu estava saindo para resolver um problema inesperado quando, pela terceira vez na semana, uma das novas dançarinas invadiu minha sala com a desculpa de limpá-la.

Não é um incidente isolado, de uma única funcionária, e sei que não será a último. Eventualmente uma delas tenta pular na minha cama, insinuar-se. Eu já tive que despedir várias que pensaram que por trabalharem para mim, teriam alguma chance de me seduzir, mas eu nunca misturo sexo com negócios.

Eu a observo recuar e sair de cabeça baixa, mas não sinto pena. Ela sabia dos caralhos das regras ao ser contratada.

E no momento, eu tenho um problema muito maior para lidar.

Rey Cardona de la Vega^[2].

O maldito espanhol recluso, que raramente deixa seu castelo e com quem eu e meus irmãos estamos tentando fechar negócio há meses, tem feito das nossas vidas um inferno com sua teimosia.

O homem pouco sai de casa, quase nunca é visto pela imprensa, então quando concordou em vir à *S/N*, minha

boate, no dia do meu aniversário, para conversarmos sobre a aquisição de suas empresas por nosso grupo, eu soube que precisaria conseguir um meio de amolecê-lo.

Um incentivo *extra*.

Assim como meus irmãos, eu estudo meus adversários e encontro seus pontos fracos.

Rey pode ser antissocial, mas é homem antes de tudo, e pelo que eu soube, as únicas mulheres das quais se aproxima são acompanhantes de luxo.

Não fornecemos garotas de programa na *S/N*. A função da minha boate é realizar fantasias para uma pequena parcela da sociedade e eu tenho certeza de que ele sabe disso.

Políticos, chefes de estado, reis, empresários como eu. Homens que têm muito a perder e que por isso mesmo não podem satisfazer algumas de suas taras em qualquer lugar.

A *S/N* existe há dois anos e conseguir se tornar um membro dela é quase um rito de passagem em que o candidato segue por uma triagem e, logo após, uma verificação de antecedentes.

Há acordo de confidencialidade de ambas as partes, assim como das moças contratadas como parte

fundamental do entretenimento.

Aqui, eles podem usar lingerie em uma sala privada, desfilando para nossas meninas. Ou passar horas lambendo sapatos femininos, serem puxados por coleiras ou surrados com chicotes.

A única coisa que não podem fazer é tocá-las e a proibição, para a maioria, é ainda mais excitante.

Não há julgamentos.

Não há câmeras nas salas privadas.

Telefones celulares não são permitidos.

O hedonismo^[3] não é só tolerado, ele é incentivado.

A *S/N* é o lugar para o prazer sem culpa e minha intenção é de que o espanhol consiga relaxar o bastante para fechar negócio conosco.

Eu sei que nossa proposta não foi a única que Rey recebeu e também sei que todas as anteriores foram recusadas, então planejei um diferencial em seu tratamento e contratei uma bailarina que falasse espanhol para lhe dar uma dança privada.

Chegou até mim que ele prefere conversar em seu idioma pátrio.

Encontrei a garota ideal: Madison Foster^[4]. Linda e um tanto desafortunada.

Eu a entrevistei pessoalmente. Escolhi-a a dedo e agora, tudo pode ser posto a perder por um maldito acaso.

Se alguém me dissesse que meu irmão Zeus ficaria interessado por ela, eu não acreditaria.

O mais velho de nós quatro é a pura imagem de um banqueiro, suas mulheres sempre são iguais, como em uma fabricação em série. Eu nem sei como consegue diferenciar uma da outra, pois poderiam passar por irmãs.

Sofisticadas, altas, lindas, bem-educadas... entediadas para caralho.

E agora, o bastardo resolveu se interessar justamente por aquela que eu escolhi para entreter Rey.

Quando o gerente veio me dizer que quem estava no aposento destinado ao empresário espanhol era Zeus, eu segui em linha reta para desfazer o engano, mas bastou encará-lo, assim que entrei na sala em que se encontrava, para ver que meu plano teria que ser modificado.

Neste momento eu o olho, indiferente à performance de Madison, porque o bastardo sabe que não deveria estar

aqui.

O que diabos está acontecendo?

A dançarina não me viu ainda. Está de costas, seminua, mas sinto-me tão puto que nem reparo nas curvas generosas que imagino que tenha.

Quando vou abrir a boca, ele faz que não com a cabeça, mas não costumo desistir facilmente.

Não vou me mover enquanto ele não vier falar comigo.

Conhecendo-me o suficiente para saber que não desistirei, ele levanta-se da poltrona com o semblante fechado.

Passa pela dançarina e avisa:

— Não saia daqui.

Apenas então a garota percebe que há mais alguém na sala.

— Ela vai se apresentar para Rey — digo quando saímos e ele fecha a cortina atrás de nós.

— Não.

— Como assim, *não*? Foi por isso que a contratei.

— Eu quero exclusividade com ela.

Olho para o meu irmão como se ele tivesse enlouquecido.

— Você usou drogas?

— Idiota.

— Não, é sério. Eu tenho essa boate há dois anos e você sempre odiou vir aqui, e agora quer exclusividade com a única dançarina indisponível? Hoje era para ser apenas sobre negócios, irmão mais velho, então pense com o cérebro e não com o pau e deixe a menina fazer o trabalho dela.

— Vou pagar pelo resto da noite, mas ela não vai sair dessa sala até que eu diga.

— Jesus, agora tenho certeza de que enlouqueceu! Não é possível que vá disputar uma dançarina com um cara com quem estamos negociando.

— Pague o triplo a outra garota, mas essa aqui ficará à minha disposição hoje.

Eu o encaro em silêncio por um tempo antes de dizer:

— Espero que saiba o que está fazendo. Madison é recém-contratada e eu não quero sofrer um processo por assédio.

— Madison o quê? Qual é o sobrenome?

— Foster.

— Não volte mais aqui — diz, entrando e fechando a cortina outra vez.

Foda-me!

— O que há de errado? — Hades, nosso irmão caçula, pergunta, ao esbarrar comigo no corredor. Ele parecia estar se dirigindo para o meu escritório.

Eu nem sabia que tinha vindo. Não é muito dado a socialização, mesmo que se trate de negócios.

— Zeus atrapalhando minha vida — lato. — Vai ficar?

— Não. Vim só te dar um abraço. Tenho certeza que vocês conseguem enredar o espanhol sem a minha ajuda.

Passo a mão pelo cabelo, preocupado, como sempre faço quando noto que ele ainda está preso à sua obsessão.

— Para onde está indo a essa hora, Hades?

— Eu recebi uma pista promissora do paradeiro *dele*.

— Foda-me! Precisa deixar essa merda ir, irmão. Acabou.

— Nunca vai acabar enquanto os dois não pagarem pelo que fizeram.

Ele não me dá tempo de argumentar, virando as costas e partindo sem olhar para trás.



Capítulo 2

Semanas depois

A porra de uma avalanche. Foi nisso o que se transformou o encontro de Zeus com Madison.

Há anos meu irmão busca vingança contra a família que destruiu a nossa. Foi uma promessa feita ao nosso avô paterno de comprar o banco que pertence aos nossos inimigos, fazendo com que o sobrenome “Gordon” virasse sinônimo de piada^[5].

O meu irmão viveu toda sua existência guiado por essa promessa.

E então, de repente, o mais equilibrado de nós quatro, ficou louco pela mulher que deveria representar somente uma aventura, enquanto não chegasse o momento dele cumprir as regras de um acordo firmado, que resultaria no fim de mais de uma década em busca de vingança.

Eu consegui enxergar a porra do caos cem metros adiante. No instante em que Zeus exigiu que Madison nunca mais fizesse danças exclusivas, apresentando-se somente no palco, eu adivinhei que ele estava entrando em um caminho sem volta.

Ele decidiu pagar o equivalente ao que ela arrecadaria em danças privadas somente para que não ficasse a sós com outro homem.

Na verdade, eu sei que exigiu que Madison se demitisse, mas duvido que tenha obtido êxito porque ela não faz o tipo dócil.

Se ele não estivesse criando um inferno para si mesmo, eu poderia achar divertido vê-lo, sempre tão centrado, louco por uma garota bem mais jovem e sem sofisticação alguma. Nada em meu humor sequer se aproxima disso, no entanto.

Eu e meus dois outros irmãos, Dionysus e Hades, além dos nossos primos Odin^[6] e Christos^[7], decidimos nos reunir para encontrar uma solução para o problema que se formou agora, já que Zeus, mesmo que ele próprio não tenha percebido ainda, não parece mais disposto a cumprir sua parte no acordo com Gordon, o patriarca da família rival.

Uma vez rompido o pacto entre os dois, jamais conseguiremos adquirir as ações do *GordonBank* que precisamos.

Ainda antes, quando eu pensei que Madison era apenas temporária na vida do meu irmão, havia já uma chance dos nossos planos terem ido para o caralho, pois Gordon é tradicional e odeia escândalos. Apenas um pequeno vazamento do relacionamento entre Zeus e Madison seria o suficiente para fazê-lo recuar.

Um banqueiro de caso com uma dançarina? Não poderia haver escândalo maior em Nova Iorque.

Quando o convidamos para essa reunião, Zeus não sabia que planejamos esse encontro na casa de Dionysus. Achava que se trata apenas de um almoço, mas assim que chegou, percebeu que seria muita coincidência que até mesmo Christos, que mora na Carolina do Norte, tenha vindo.

— Não é por acaso que estão todos aqui — Zeus diz, constatando o óbvio.

— Não, não é — respondo.

Ele olha para mim e entende que a reunião está relacionada a Madison.

— Vamos lá para fora — Dionysus propõe. — A babá que está com meu filho é recém-contratada e não gosto da ideia de que Joseph^[8] esteja na piscina sem minha supervisão.

Sentamos em cadeiras ao redor de uma mesa à sombra de uma árvore e logo uma empregada aparece para oferecer bebidas.

— Eu não vou demorar — Zeus avisa.

— Por que não? — Odin pergunta, mesmo que todos nós já saibamos a resposta.

— Tenho um compromisso — ele desconversa.

— Com *Madison*? — indago, porque diplomacia nunca foi meu forte.

— O que está acontecendo aqui? A Santa Inquisição? Porque se acham que eu acredito que essa reunião trata-se apenas de um encontro familiar, não me conhecem tão bem.

— Não foi por acaso — Hades confirma. — É uma tentativa de impedi-lo de destruir a própria vida.

— Conversas por códigos não são minha especialidade — meu irmão mais velho rosna, irritado.

— Não, são a minha — Odin fala, mostrando um bom humor incomum.

— Apenas digam o que precisam.

— Temos uma alternativa para sua *situação* com o velho Gordon.

— Eu não vou quebrar a promessa que fiz ao meu avô.

— Que foi o quê, exatamente? — o mais velho de todos, nós, Christos, continua. — Até onde sei, era destruir o patrimônio deles para vingar a morte do seu pai.

— Sim, riscar o sobrenome centenário do mapa. Por isso fechei o acordo. Não há outra maneira de destruí-los. Já investiguei por anos.

— Estamos comprando ações do *GordonBank*— Odin fala.

— O quê?

— Há muitos meses, começamos a comprar ações do *GordonBank*.

— Isso não seria possível. Ele blindou qualquer venda ligada ao meu sobrenome e todos sabem que somos primos.

— Usamos pequenas empresas que fazem parte do nosso conglomerado, meu e de Odin, mas que não estão

diretamente ligadas a nós — Christos diz. — Separados, não possuímos ações suficientes para termos a diretoria na palma da mão, mas quando somamos as de ambos, falta apenas um por cento para que consigamos a sociedade majoritária. Cinquenta e um por cento. Quando acontecer, criaremos uma terceira empresa que terá controle absoluto do *GordonBank*.

— E então, venderemos a você — Odin completa, enquanto percebo que meu irmão tenta absorver aquela virada de jogo.

Eu conheço a maneira dele de pensar. Zeus sabe que se o plano dos nossos primos funcionar, obteremos nossa vingança contra os Gordon, ele estará livre da chantagem do velho e, ao mesmo tempo, não deixaria de cumprir a promessa que fez ao nosso avô.

— Fale alguma coisa — Hades diz.

— Quanto tempo até que consigam esse um por cento?

— Está sendo mais difícil do que pensávamos porque quem os possui não é um profissional, mas uma menina órfã, representada por seu tutor — Christos explica.

— Ofereçam o triplo.

— Estamos tentando, mas ele reluta porque parece que é a única herança que restou para a garota, que desde que perdeu os pais, mora em um internato só para meninas.

— De qualquer modo, quando meus planos chegarem ao fim, não haverá nada do que antes se conheceu como *GordonBank* — ele fala. — As ações valerão menos do que papel de bala descartado. Vender será um bom negócio para ela.

— O que pretende fazer com os empregados? — Odin questiona.

— Distribuir pelas minhas empresas e as dos meus irmãos. Não deixarei mais de cento e cinquenta mil funcionários na rua.

— Cento e cinquenta mil. É um número alto — Christos diz. — Mas podemos remanejá-los em alguns de nossos negócios também. E os que estiverem em idade de se aposentar, oferecermos algum tipo de incentivo.

— Por que fizeram isso? Por que se darem ao trabalho de comprar as ações? — Zeus pergunta.

— Eu não deixaria que destruísse sua vida por conta de uma promessa — meu primo Odin fala.

— A multa pelo rompimento do contrato com o velho Gordon será alta — digo.

— Não. Para que fosse exigido o cumprimento do nosso pacto, ele teria que ser detentor da maior parte das ações — Zeus explica. — Se Christos e Odin conseguirem comprar esse um por cento que falta, ele está perdido. Mesmo que negocie com todos os outros acionistas, o que é altamente improvável, nunca obterá mais do que quarenta e nove por cento.

— Vai ser um golpe e tanto para o velho — Dionysus ri, porque não há piedade em nossos corações para qualquer um que carregue o sobrenome Gordon.

Por causa dessa maldita família, nosso pai desistiu de viver.

— Gordon é feito de material resistente — digo. — Além do mais, ele não é melhor do que o desgraçado do filho morto. Emerson não passa de um maldito chantagista.

Depois de semanas em que estive tenso para caralho, eu enfim consigo me sentir um pouco mais aliviado.

Se tudo der certo, a promessa ao nosso avô será cumprida e meu irmão não destruirá o futuro dele para isso.



Capítulo 3

Nova Iorque

Meses depois

— *Alguma novidade sobre o maldito um por cento?* —
Zeus me pergunta ao telefone.

Odin e Christos não tiveram êxito em adquirir o que falta ainda.

— Não, mas tenho um plano. O tutor da menina tem quase cem anos e acho que teme pelo destino da tutelada — falo.

— *E o que pretende fazer?*

— Além de oferecer cinco vezes o valor de mercado pelas ações, conseguirei um tutor profissional para a garota.

— *Acha que ele está preocupado em morrer e deixá-la desamparada?*

— Sim. Oferecendo-me para comprar as ações por muito mais do que valem e ainda solucionando a questão da tutela, ela estará protegida.

— *Quantos anos a criança tem?* — pergunta.

— Não é criança, é uma adolescente. Dezesete, prestes a fazer dezoito, mas segundo descobri, só poderá colocar as mãos no patrimônio com vinte e um, e se estiver casada. Caso contrário, precisará completar vinte e cinco.

— *O pai dela era um imbecil* — ele rosna.

— Não tenho como discordar, mas talvez suas intenções fossem boas. O problema é que tornou a filha incapaz de gerir a própria vida depois de adulta. Se fosse minha menina, eu também acharia razoável impor a idade de vinte e um anos para que se apossasse da totalidade da fortuna, mas jamais inseriria uma cláusula obrigando-a a se casar.

— *Resolva isso, Ares. Mal posso esperar para fechar essa questão.*

Ele soa ansioso.

Eu sei que Gordon tem pressionado-o mais e mais a cada dia. Em qualquer outra situação, meu irmão mandaria o filho da puta patriarca se foder, mas sem o um por cento das ações que nos falta, isso significaria o fim da chance de concretizarmos nossa vingança.



Dias depois

— Acho que o melhor a ser feito é nos encontrarmos com o tutor pessoalmente — digo, já de saco cheio dessa merda.

Estamos no escritório de Zeus, na sede do nosso Banco^[9]. Apesar de todos sermos não só acionistas, como também parte da mesa diretora, é meu irmão quem ocupa o cargo de CEO, já que eu, Dionysus e Hades temos negócios à parte.

— Homem teimoso do caralho! — ele rosna. — O que mais ele pode querer?

— Garantias. Ele não aceitou que eu contratasse um tutor profissional. Mas isso de falar por telefone não está funcionando. Sugiro irmos juntos até lá.

— Nova Orleans?

— Sim. Quando seria uma boa data?

— O mais rápido possível. A questão já deveria ter sido resolvida.

— Então vou organizar a viagem para a Louisiana.

— Faça isso. Nem que eu precise pagar dez vezes o valor das ações, só voltarei quando adquirirmos o que falta para sermos acionistas majoritários do *GordonBank*.



— Acham que conseguirão resolver tudo? — Hades pergunta, sentado ao meu lado em um piano bar.

Antigamente, quando saíamos juntos, era para festas em nossos iates ou nos dos amigos, como Vincenzo^[10], mas meu irmão cada vez menos se interessa por qualquer coisa que não seja sua obsessão^[11].

— Acho que sim. A solução não é a que eu quero, mas de onde vejo, a única possível — falo.

— E qual seria?

— Assumirei o papel de tutor da menina.

— Porra! — ele geme e mesmo que não fale, está na cara o que pensa da ideia: a merda de um pesadelo.

Quem em sã consciência desejaria cuidar de uma adolescente? Não eu, com certeza.

— Não será pessoal. Vou manter distância e apenas garantir que Serenity tenha tudo o que precisa até completar a idade para tomar posse de seus bens.

— Casando-se? A ideia é ridícula! Obrigá-la a assumir um compromisso com vinte e um anos apenas para poder ter dinheiro para se manter parece o tipo de acordo que se firmaria na Idade Média.

— Não. Na Idade Média ela provavelmente teria que se casar aos doze, treze anos — ironizo. Mesmo que suas intenções tenham sido boas, não consigo deixar de desprezar um pouco o pai dela por ter posto uma cláusula daquela no testamento.

— O que pretende fazer? Pelo que soube, a menina está em um colégio internona Alemanha.

Eu não me admiro que Hades saiba desses detalhes. Nós quatro somos extremamente controladores, mas meu irmão está um passo além. Privacidade alheia é um termo que ele desconhece se o que estiver em jogo forem nossos interesses.

— *Estava*. Serenity completou dezoito ontem, mas já havia voltado a morar em Nova Orleans há alguns dias.

— Tem um plano para ela?

— Como eu disse antes, se ele me aceitar como tutor, vou supervisioná-la à distância. Colocarei alguns dos meus homens para vigiá-la, claro, e no mais, lhe darei uma liberdade assistida. Ela é muito jovem e deve ser ingênua também, pois estudou desde os cinco anos de idade no colégio alemão.

— Foda-me! Ela era praticamente um bebê quando ficou órfã?

— Sim. Sei que há uma babá que já está com ela há muito tempo. Ainda trabalha para a garota. Esta mulher, eu acredito, é a única referência do passado que a menina tem.

— E o atual tutor?

— Como conversamos antes, ele tem quase cem anos e está doente. É essa a razão de hesitar tanto em autorizar a venda das ações. Ele quer garantir que sua tutelada terá algum patrimônio quando for mais velha.

— Significa que ele atua como uma espécie de protetor?

— Acho que não. Cumpre um dever profissional, nada além.

Ele me encara em silêncio e sei que quer falar algo mais.

— O que foi?

— A tal Serenity vai ser um alvo perfeito para filhos da puta. Independentemente de ser bonita ou feia, vão ficar em cima dela como moscas no mel. Jovem, órfã e herdeira. A menina é o pacote completo.

Batuco os dedos sobre o tampo de madeira do balcão do bar. É meio que um tique quando estou tomando uma decisão.

Eu já pensei a respeito do que ele está dizendo, claro. O sangue Kostanidis é como uma maldita doença, carregamos o peso do mundo nas costas. Quando alguém nos pertence, não importa se em caráter permanente ou temporário, nos tornamos defensores ferozes.

— Talvez pudesse convencê-la a se mudar para Nova Iorque.

— Não vai funcionar. Segundo descobri, ela praticou balé a vida inteira. Acaba de ser aceita por uma das melhores

escolas do país, localizada precisamente em Nova Orleans. Ela deseja se profissionalizar.

— Ela poderia fazer um teste para a *Joffrey Ballet School*. Nossa família é patrona de lá há gerações e tenho certeza de que conseguiríamos fazer com que a menina fosse aceita.

— Eu já pensei nisso tudo, Hades.

— E?

— Como disse antes, não pretendo tornar nosso relacionamento tão pessoal. Serenity vai ficar bem na Louisiana. Providenciarei para que tenha tudo o que precisa e organizarei um verdadeiro exército para cuidar dela, com guarda-costas bem treinados.

— Acha que vai ficar solteira até os vinte e cinco?

— Até onde sei, nunca namorou, mas se a intenção dela for se casar aos vinte e um para colocar a mão no dinheiro a que tem direito, vai precisar da minha aprovação. É o que consta do testamento.

— E pretende intervir se achar que o escolhido não serve?

Ele me dá um arremedo de sorriso, e até mesmo isso para meu irmão, é raro.

— Se eu achar que está fazendo uma má escolha, eu não vou só intervir. Eu vou fazê-la entender que terá que me obedecer.



Capítulo 4

Nova Orleans

Duas semanas depois

— Você sabe que não precisa mais fazer isso, JeAnne. Eu não sou um bebê.

— Sim. É uma mocinha agora — diz, mas continua atrás de mim na penteadeira, escovando meus cabelos.

Reviro os olhos, tentando esconder um sorriso. JeAnne é minha babá desde que me entendo por gente. Eu não me lembro dos meus pais se não olhar as fotografias deles, mas em todas as recordações da infância, minha amada JeAnne está.

— Sou adulta. Mocinha soa como adolescente.

— Hum.

— O que significa esse “hum”?

— Não leve a mal o que vou dizer. Estou muito feliz que finalmente tenha voltado para casa, mas fico preocupada de que agora alguém tente se aproveitar de sua inocência. Não sabe nada da vida.

Meus pais, aparentemente, foram muito cuidadosos em suas determinações testamentais para mim no caso de virem a falecer, o que de fato aconteceu quando eu tinha somente cinco anos.

Como não temos parentes de ambos os lados, eles designaram um tutor para cuidar de mim, o senhor VanLith. Ele já era bem velhinho, mesmo quando eu ainda era uma menina e estava adoentado na época do falecimento dos meus pais. Segundo eu soube depois, fiquei quase dois meses sendo cuidada por JeAnne antes que ele enfim viesse me ver.

Nunca fomos próximos. JeAnne é minha única referência de família e vou ser sempre grata a ela por ter dedicado a vida inteira a mim.

Quando fui para o internato na Alemanha, o senhor VanLith queria dispensá-la. Eu ainda era bem pequena, mas

chorei por quase uma semana, implorando para que a deixasse ficar.

Ele cedeu, e nestes treze anos em que perdi meus pais, ela se tornou minha família.

Além dela, meu segundo amor é o balé.

— Se está falando sobre rapazes, não precisa se preocupar. Não estou interessada. Eu só quero ser a maior bailarina de todos os tempos.

— Só isso? — ela brinca. — Muito modesta, senhorita Blanchet.

Eu fico séria e seguro sua mão por cima do meu ombro, olhando-a pelo espelho.

— Não sei ser outra coisa, JeAnne. Ser uma bailarina profissional é meu objetivo de vida.

Ela me dá um beijo na cabeça.

— Então é isso o que será.

O senhor Vanlith disse que quer conversar comigo na próxima semana. O que deve ser?

— Provavelmente para lhe prestar conta de sua herança. Como mesmo disse, já é uma adulta agora.

— Sou adulta, mas não serei independente até que me case aos vinte e um ou que complete vinte e cinco, solteira.

— Ele nunca deixou lhe faltar nada. Não precisará se casar para acessar sua fortuna. Espere pelo tempo certo.

— Sim, eu sei, e para ser sincera, não me importo com o dinheiro. Contanto que eu tenha o suficiente para manter as aulas de balé e comprar tudo o que preciso para dançar, por mim tudo bem.

Mordo o lábio inferior, pensando no que quero pedir ao meu tutor na próxima semana.

— O que foi? — ela pergunta.

— Acha que o senhor VanLith concordará que eu monte uma sala de balé em um dos quartos vagos daqui de casa?

— Acho que sim. Por que ele lhe negaria algo assim?

— Não sei. Eu não tenho ideia de quanto dinheiro possuo.

— Estou certa de que é o suficiente. Mas eu pensei que preferisse treinar na escola de dança.

— Não. Eu quero poder treinar por horas, mesmo fora do horário das aulas. A prática leva à perfeição, JeAnne. No internato, mesmo tendo acesso às classes de balé duas vezes por dia, eu me sentia frustrada quando a professora

encerrava. Ela só me deixava continuar treinando por mais uma hora depois. Se eu tiver uma sala aqui em casa, poderei praticar sempre que quiser.

— Há seis quartos livres, Serenity. Tenho certeza de que seu tutor não se negará a montar um para seus treinos.



Uma semana depois

— Eu não sei se entendi direito — digo, quando na verdade entendi sim e muito bem. Tanto, que estou me sentindo enjoada.

— Estou muito velho, senhorita e pensando no que é melhor para você. Apenas por isso estou buscando outra pessoa para ocupar o meu lugar.

— É melhor para mim que não seja mais o meu tutor? — pergunto, tentando não demonstrar o quanto a notícia me deixa triste.

Apesar dele nunca ter agido comigo de outro jeito que não fosse profissional, eu detesto mudanças.

Vivo minha vida guiada por regras.

O quanto comer para não engordar. Durmo as horas necessárias para obter sono suficiente e assim poder treinar melhor. E sempre cumpro meus estudos quase que com a mesma dedicação com que faço em relação à dança.

Perder meus pais em pequena me deixou insegura. Eu criei um mundo só meu onde tudo funciona perfeitamente, desde que eu siga as regras.

E agora ele está me falando da possibilidade não de uma mudança qualquer, e sim, que talvez em breve eu deva ter que obedecer a um total estranho.

— Eu não entendo por que isso é necessário.

— Um novo tutor? É uma exigência testamentária dos seus pais. Sabe perfeitamente disso. Ele protegerá seus direitos e bens até que tenha idade para usufruí-los. acredite em mim, é a melhor solução para você, senhorita Blanchet.



Capítulo 5

Nova Orleans

Desfaço o coque que JeAnne fez questão de pentear quando saí de casa para vir à minha prática de balé e elaboro outro, apertando com mais firmeza.

Ela às vezes ainda me trata como criança. Eu guardo poucas lembranças boas da minha infância, mas as que tenho, são com ela ao meu redor, sempre vigilante e cuidadosa.

Toda vez que eu voltava de férias do colégio alemão, ela me esperava com as minhas comidas favoritas. O internato era assustador para mim. Fui arrancada de casa ainda muito pequena e obrigada a conviver com estranhos. De uma hora para outra, perdi o lar que eu conhecia, toda a minha família e fui enviada para longe da minha amada babá.

Balanço a cabeça com tristeza, pensando em como me sinto infeliz que minha memória pertença aos momentos com JeAnne e não com meus pais. Não me permito ficar

melancólica muito tempo, no entanto. Ao começar a prática, preciso estar totalmente concentrada.

Olho no espelho do banheiro da escola de dança e percebo que agora o cabelo está como eu gosto, tão esticado que meus olhos ficam repuxados nos cantos, quando normalmente são grandes como os de uma boneca de louça em comparação ao resto do rosto.

Perfeição é o meu objetivo na vida, seja em qualquer área. Eu sou exigente comigo mesma e gosto de ordem. Não me sinto feliz com surpresas ou incertezas, e é por isso que nessas últimas semanas pareceu que o chão desapareceu sob os meus pés.

Eu sonhei tanto com este momento da minha vida! Enquanto crescia no colégio interno, imaginava quando finalmente fizesse dezoito e pudesse cuidar de mim mesma, investindo na minha carreira de bailarina.

A primeira decepção veio com a visita do meu tutor assim que voltei aos Estados Unidos. Foi quando eu soube que meus pais deixaram regras muito claras estipuladas no testamento. Só haveria duas maneiras de que eu pudesse ter acesso à minha herança: se eu me casasse até os vinte

e um ou quando, ainda solteira, completasse vinte e cinco. Na prática, a disposição testamentária me impede de crescer.

Eu sou uma adulta, porém, uma adulta que, segundo acreditaram, precisa de supervisão.

Eu fiquei arrasada. Graças a Deus tenho JeAnne ao meu lado, já que o senhor VanLith, apesar de nunca ter me deixado faltar nada, jamais passou de um estranho para mim. Um funcionário dos meus pais que só mantinha contato comigo por dever.

Eu não sou do tipo maleável, que se adapta fácil. Sou rígida como uma superfície de mármore e tensa como a corda de um violão esticado.

Disciplina é o meu norte.

Eu custo a me acostumar com as mudanças, mas tentei me adaptar à realidade de que eu não poderia ser livre ainda. Com minha babá e única amiga do meu lado, respirei fundo e tive certeza de que eu poderia fazer isso.

Foi então que o senhor VanLith veio com a bomba ontem: a certeza e não mais a possibilidade, de que eu terei um novo tutor. Eu ainda tinha esperança de que ele voltasse

atrás na decisão de transferir minha tutela para outra pessoa.

Somente ontem, quando fui pela segunda vez em poucos dias ao escritório dele atendendo a um chamado, foi que eu soube a razão.

Aparentemente meu pai possuía um por cento das ações de um Banco em que o homem que será meu novo tutor, o senhor Ares Kostanidis, está interessado. O senhor VanLith não disse com todas as letras, mas do meu ponto de vista, ele está chantageando-o, dizendo que só venderia este um por cento se o homem, que descobri se tratar de um empresário grego, assumisse minha tutela.

Eu fiquei tão impactada com a notícia sobre as mudanças que acontecerão em breve em minha vida que acabei me esquecendo de pedir a autorização para montar a sala privada de dança lá em casa.

Agora, se o empresário grego se tornar mesmo meu tutor, terei que falar a respeito disso com ele.

Lidar com um estranho, que eu não faço a menor ideia de como é, e mais do que isso, pedir um favor a ele, me deixa apavorada.

E para piorar, o senhor VanLith disse que, por ora, a notícia sobre a mudança da minha tutela é confidencial. Nem mesmo JeAnne pode saber. Tem a ver com a tal venda das ações. Foi uma exigência do senhor Ares.

Eu não gosto de mentir para ela. Claro, eu não lhe conto cada pensamento que tenho. Todas as pessoas guardam segredos, mesmo aquelas que vivem uma existência sem graça como a minha. Porém, neste caso é diferente. Ela conhece e respeita o senhor VanLith, já o senhor Kostanidis, não fazemos ideia de quem seja. Não tenho dúvida de que quando descobrir sobre a mudança, ficará preocupada.

Entro na sala de dança ainda vazia a essa hora e me olho refletida em todos os espelhos, simultaneamente. É a única coisa que eu não gosto nesta escola. Eu me sinto oprimida com tantos reflexos de mim mesma.

Fiquei treze anos em um internato e quando vejo a minha imagem, sinto como se tivesse crescido de repente. Um dia era uma garotinha, no outro, uma adulta.

No colégio da Alemanha, todos as horas eram iguais. Eu não conseguia ver a passagem do tempo como deveria ser. Minha diversão consistia em dançar e ler.

E os sonhos — uma voz me faz recordar.

Eu tinha muitos sonhos com a vida aqui em Nova Orleans, antes da mudança para o colégio interno. Eram sonhos estranhos, confusos, com rostos não definidos.

Eu não me lembro de momentos especiais com os meus pais. Não recordo de nada, para ser sincera. Eu sou um oco, uma casca preenchida com o presente. É por essa razão que me dedico à dança compulsivamente. Dançar me traz conforto e um propósito. É uma sorte que eu seja boa na profissão que escolhi.

Não, não foi sorte — corrijo-me. Foi muito mais.

Eu tenho como professora uma das bailarinas mais talentosas de todos os tempos, Debra Villatorro. Embora sua carreira tenha sido interrompida precocemente, ela é a dona de uma das escolas de dança mais prestigiadas do país. Madame Villatorro escolhe, a cada ano, uma aluna a quem se dedica com exclusividade, sete dias na semana, após as classes regulares. Eu estava aqui há apenas quinze dias quando fui convidada para fazer uma audição.

Eu soube logo o que aquilo significava: ela estava considerando-me como candidata a ter sua atenção

exclusiva.

Sou insegura em relação a muita coisa na vida, mas não sobre a minha dança.

Eu fiquei eufórica e mal consegui dormir na noite anterior ao teste final.

Fui ao teatro onde ela havia marcado a apresentação e a encontrei junto a mais quatro homens, todos professores também.

Antes de começar, JeAnne, que havia ido comigo para dar apoio, me abraçou e disse que independentemente do resultado, se eu fosse escolhida ou não para ser treinada por madame Villatorro, isso não faria de mim pior ou melhor dançarina. Eu agradei, mas falei que não queria ouvir aquelas palavras.

Para mim, vencer e ser a melhor é inegociável.

Eu não tenho outro objetivo na vida que não seja o balé. Dedico-me cem por cento a ele e não aceito nada menos do que ser excelente no que faço.

Seria a segunda vez que me apresentaria para eles. A primeira, dois dias antes, aconteceu na escola de dança,

onde eles me pediram para executar os movimentos clássicos: barra, centro, diagonal e ponta dos pés.

A segunda apresentação, no teatro, foi um solo, um pequeno trecho do clássico “Quebra-Nozes”. Precisei apenas olhar para o rosto de madame Villatorro no fim, para saber que eu havia conseguido.

Sorrio, lembrando-me de quando tive a confirmação de que era sua *escolhida*.

Estou dando passos em direção à realização dos meus sonhos.

Eu não vou mais existir. Eu vou *viver*. Viajar e ser aclamada pelo público. Transformar-me no que fui feita para ser.

— Sonhando acordada, minha doce Serenity? — madame Villatorro pergunta em uma das raras ocasiões em que parece relaxada.

Eu estava tão distraída que não percebi que ela havia entrado na sala.

— *Objetivando* acordada — brinco. — Sonhos podem se realizar ou não e para mim, só há uma alternativa.



Um mês depois

— *Está feito, senhorita Blanchet.*

— O quê? — pergunto ao senhor VanLith ao telefone, mesmo já sabendo a resposta.

— *Eu não sou mais o seu tutor. Em algum momento da próxima semana, Ares Kostanidis virá visitá-la.*

— Tão depressa? Eu achei que levaria mais tempo para que o juiz autorizasse a transferência da tutela.

Ele suspira do outro lado da linha.

— *Já estávamos negociando há meses. Por a senhorita ser maior de idade, e tanto eu quanto o doutor Kostanidis gozarmos de reputação ilibada, a transferência foi uma mera formalidade.*

O que significa que ele mentiu para mim. A transferência da tutela desde sempre foi uma certeza.

— Disse que ele virá a Nova Orleans. Para quê?

— *Precisam se conhecer, mas é importante que se lembre do que eu falei: ninguém pode saber da mudança na sua tutela. Ele exigiu sigilo.*

— Tudo bem em relação ao sigilo — falo, aborrecida. Quando ele usa a palavra “tutela”, eu me sinto um bebê. — Embora não consiga entender a razão de tanto segredo.

Parece algo como uma sociedade secreta. Quem no céu é esse homem?

Escrevo uma anotação mental para pesquisar sobre ele na internet mais tarde. Eu ainda não o fiz, talvez porque, no fundo, tivesse esperança de que ele desistiria de se tornar meu tutor.

Sinto o rosto esquentar quando lembro da minha consulta com um advogado na semana passada.

Eu agendei escondido de todo mundo. Nem mesmo JeAnne ou o senhor VanLith sabiam. Eu queria descobrir se havia algum jeito de mudar o testamento dos meus pais. Se um juiz poderia intervir. Saí frustrada ao receber a resposta negativa.

— Há uma data específica em que ele virá?

— *Não sei. Como eu lhe disse antes, em algum momento da próxima semana.*

— Eu terei minha primeira apresentação solo para um público pagante na semana que vem. Quero dizer, será beneficente, mas mesmo assim, muito diferente do que aconteceu até hoje.

— *Parabéns* — ele diz, deixando claro pelo tom que não está realmente interessado. — *É provável que o doutor Kostanidis não apareça neste dia.*

— Ele ao menos tem meu telefone?

— *Tem, sim.*

— E não terei o dele?

— *Por enquanto, não. Acredito que ele lhe fornecerá quando vocês se encontrarem.*

Eu noto que parece ofegante, cansado, e sinto remorso.

O senhor VanLith é muito idoso e não deve suportar mais o dever para o qual foi escolhido.

Depois de uma despedida rápida e impessoal, na qual nem parece que temos um relacionamento ainda que de tutor e tutelada, por mais de dez anos, ele desliga e sai da minha vida.

É idiotice ficar triste. Ele nunca demonstrou por mim nada além do que preocupação em desenvolver um bom trabalho como tutor, mas mesmo assim, eu me sinto abandonada.

De uma forma ou de outra, todos com quem convivo acabam me deixando.

Outro dia eu encontrei sem querer uns folhetos na cozinha da minha casa. Nele, havia propriedades à venda na Flórida. Eu acho que JeAnne está pensando em se aposentar.

Talvez eu tenha nascido para ser sozinha.



Capítulo 6

— *Eu achei que já tínhamos resolvido tudo quando fomos a Nova Orleans. O que diabos vai fazer na Louisiana?* — meu irmão Zeus pergunta ao telefone.

— Resolvemos *quase* tudo. Eu ainda não a conheço.

Enfim conseguimos comprar o um por cento das ações que precisávamos, em troca de eu me tornar o tutor da menina até que se cumpra os termos do testamento dos pais dela.

Agora, meu irmão está livre de uma vez por todas da chantagem^[12] do bastardo do Emerson Gordon. O banco dele está em nossas mãos. Vamos cumprir o que meu avô pediu. Vingaremos nosso pai e logo viraremos essa página. Ao menos na prática, claro, já que os danos causados pela morte dos nossos pais, assim como os fatos que as envolveram, nos transformaram em quem somos hoje. Eles nos modificaram para sempre.

— Já entrou em contato com o miserável?

— *Ainda não.*

— Por que a demora?

— *Odin me disse que está investigando algo mais sobre Emerson, mas em breve vamos encerrar esse assunto. Ele me pediu para esperar, no entanto.*

— Eu confio em nosso primo, embora não me agrade a ideia de esperar mais tempo — falo. — Eu desprezo Emerson. Homens como ele só enxergam oportunidades. Provavelmente pensou que a possibilidade de ficar alguns bilhões de dólares mais rico nos faria esquecer de todo o mal que o herdeiro dele nos causou. Ele é tão arrogante que sequer considerou a possibilidade de que poderíamos querer nos vingar, ou que era disso que estávamos atrás.

— *Ele levou em conta que somos homens de negócios — meu irmão fala. — O que é um fato. Mas antes de tudo, somos Kostanidis. Não há dinheiro o bastante no mundo para comprar nossa honra.*

— Mesmo quando desmembrarmos o banco dele, não me parece que os malditos Gordon pagarão o suficiente.

— *Você e Hades são os vingativos. Sou prático. Eu vou me ater à promessa. É certo que Emerson Gordon é um bastardo, mas não foi ele quem destruiu nossa família. Acabar com o sobrenome secular me parece retaliação o bastante. Obrigado por ter se tornado o novo tutor da menina. Eu acho que não teríamos resolvido essa questão do um por cento que faltava se você não tivesse tomado a frente. VanLith queria alguém para substituí-lo na função.*

— Acho que sim. Bem, agora já está feito.

— *Parece um pouco irritado, para variar* — ele ironiza, porque nenhum de nós quatro pode ser considerado bem-humorado.

— Descobrir que o velho mentiu para nós até o último minuto me deixou puto.

Apenas quando estávamos diante do juiz foi que eu soube que a fortuna da minha tutelada não se resumia ao um por cento das ações do *GordonBank*. O tempo todo enquanto negociávamos, ele deu a entender que tudo o que havia restado da fortuna que os pais deixaram para ela era aquilo. A verdade não estava nem perto disso. Serenity tem mais de dez milhões de dólares em investimentos em outras

áreas bem diversificadas, desde empresas de tecnologia a petróleo.

— *Melhor a menina que ele tenha mentido. Dinheiro nunca é demais. O que importa para nós é que não tem nada de errado com o um por cento que nos vendeu. Nossos advogados já verificaram. Pertenciam a Serenity Clementine Blanchet mesmo. Foi uma venda legítima.*

— Eu não gosto de ser enganado.

Ele ri.

— *Quem de nós gosta? O filho da puta do VanLith, com toda aquela cara de lorde inglês, nos enganou direitinho. Deveria estar mesmo desesperado para ser substituído no papel de tutor.*

— Sim, também penso assim. Ele acenou com o um por cento para que pensássemos que era tudo o que restava à menina e por isso estava relutante em nos vender, mas o que ele queria mesmo era um substituto.

— *Mas no fim isso não muda nada para você.*

— Muda, sim. O patrimônio dela aumentou consideravelmente, o que significa que haverá ainda mais

bastardos à sua volta, tentando seduzi-la, querendo uma fatia dessa fortuna.

— *Já a viu?*

— Só por uma fotografia quando era criança. Ele não me forneceu outras e eu não pesquisei.

— *Não queria estar no seu lugar.*

— Obrigado pelas palavras de incentivo, cretino.

Ele ri.

Depois que Madison entrou na vida do meu irmão mais velho, Zeus, preciso admitir, se tornou alguém menos carrancudo.

— *E agora, o que pretende fazer com o restante dos bens dela? Podemos transferir para o nosso Banco, assim garantiremos que renderão o máximo possível.*

— Sim, é o que pretendo, mas antes quero falar com Serenity pessoalmente. Saber se eu tenho que me preocupar em deixá-la sozinha em Nova Orleans.

— *Não era sua ideia inicial?*

— Ainda é a minha ideia. Não nasci para ser babá de uma pós-adolescente.

— *Ela já é uma adulta.*

— Sentiu-se ofendido porque Madison só tem dezenove?
— debocho.

— *Vá se foder. Minha mulher é madura para a idade dela.*

— Claro que é. Isso é inegável. E pelo menos tem sangue correndo nas veias e não gelo, como suas antigas companhias femininas.

— *Vai sozinho para a Louisiana?*

— Hades quer ir comigo.

— *Ele está saindo mais.*

— Ele está escondendo algum segredo, Zeus.

— *Como assim?*

— Eu não sei do que se trata, mas tenho certeza de que é um segredo e você pode imaginar a respeito do que.

— *Caralho! Será que ele nunca vai ser capaz de deixar o passado ir?*

— Eu não acredito. É como uma merda de uma ferida aberta. Nosso irmão se culpa. A viagem foi ideia dele e tudo deu errado a partir de então.

— *Ela não deveria ter ido. Jovem demais, deslumbrada demais e...*

— Irritante?

— *Sim, irritante para caralho.*

— Ele a via como uma irmãzinha que nunca tivemos e queria lhe proporcionar boas memórias.

— *O contrário não era verdadeiro. Ela não o queria como irmão.*

— Sim. Todos nós sabíamos. Hades, inclusive.

— *Eu preciso ir. Vou avisar a Christos que você está indo para Nova Orleans.*

— Por quê?

— *O “rei” da cidade é um bom amigo do nosso primo.*

— *Rei?*

— *Não se preocupe com isso, eu só quero ter certeza de que vocês dois voltarão inteiros. Eu ouvi rumores de que há muitos cartéis de drogas e a máfia siciliana atuando por lá. Não precisamos de outra tentativa de sequestro na família.*

Crescemos sob ameaça. A fortuna familiar faz de nós um alvo. Ao longo dos anos, sofremos diversas tentativas de sequestro, todas falhadas graças à competência dos nossos guarda-costas.

— Não sou um bebê. Nós dois temos poucos anos de diferença.

— *Eu não me importo quantos anos você ou os rapazes tenham. Sempre me preocuparei com os três.*



Capítulo 7

Nova Orleans

Sem saber uma razão ao certo a razão, acabei não pesquisando sobre o meu novo tutor. Pode ser uma atitude imprudente, já que estou nas mãos de um estranho agora, mas é também uma forma de negação, eu acho.

De qualquer modo, dei graças a Deus que ele não tenha resolvido aparecer justamente essa semana. O estresse da estreia na minha apresentação solo, para pagantes, prejudicou meu sono e apetite nos últimos dias.

Toda a renda será revertida para uma instituição de caridade e os ingressos, a cinco mil dólares cada, estão esgotados.

Ouçõ um barulho atrás de mim e viro-me, sentindo o coração dar um suave galope. O camarim tem uma parte nas sombras, um cabideiro de roupas posicionado ali e me causa uma impressão meio sinistra.

Sacudo a cabeça, me achando uma tola.

Claro que é o nervosismo da estreia ampliando minha percepção e me fazendo ver coisas onde não existem. Essa é a única explicação possível para a sensação que fiquei de estar sendo observada em todos os lugares em que estive desde que voltei a morar em Nova Orleans.

Sem conseguir me controlar, olho novamente na direção do cabideiro e como acontecia quando eu era criança e imaginava que havia um monstro embaixo da minha cama, sinto um calafrio de medo.

— Pare com isso, Serenity! — falo para mim mesma. — Vá até lá e acabe com esse medo idiota de uma vez por todas.

Eu dou dois passos em direção às sombras no camarim, dizendo em pensamento que não sou uma covarde, mas de repente tenho a sensação de que duas peças de roupa se movimentam, como se houvesse uma súbita rajada de vento.

Exceto que não pode haver. Não há janelas aqui e o aposento é aquecido.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Eu sei que do lado de fora tenho os seguranças designados pelo grego

tomando conta de mim. Eles me acompanham aonde quer que eu vá sem o menor constrangimento.

O senhor VanLith me mandou um aviso sobre eles, o que só me deixou ainda mais chateada com o tal Ares Kostanidis. O homem me põe sob vigilância e sequer se dá ao trabalho de falar comigo a respeito?

Eu tomei um susto quando fui ao campus da universidade de Nova Orleans, e de repente notei três “armários” me acompanhando a uma curta distância como se eu fosse alguma espécie de celebridade.

Eu precisei ir à faculdade essa semana para trancar a matrícula.

Antes de voltar aos Estados Unidos, eu havia aplicado para o curso de artes cênicas. Não porque eu estava interessada particularmente em seguir a profissão, e sim porque imaginei que era o que meus pais esperariam de mim: que eu cursasse uma faculdade.

Após alguns dias com madame Villatorro, entretanto, percebi que seria impossível conciliar um curso universitário com a prática do balé, visando me tornar uma profissional.

E então eu percebi que se insistisse naquilo, estaria deixando de viver os meus sonhos para realizar o dos outros, mesmo que esses “outros” fossem meus pais falecidos.

Foi a primeira decisão adulta que tomei, que eu me lembro. Optei por me dedicar ao balé sem distrações.

Ouçõ duas batidas na porta e segundos depois, sem esperar resposta, minha mentora entra.

— Precisa se alongar mais um pouco — ela diz e a voz soa rude, mas eu sei que é pela tensão também. No começo, eu fiquei intimidada, mas logo entendi que não era pessoal. Ela tem um timbre poderoso, que contrasta com o corpo pequeno e delicado que nossa profissão requer.

De costas, poderiam confundir nós duas. Temos a mesma compleição física, cabelos castanhos abundantes, ondulados e não somos altas.

Ao contrário de mim, porém, que na maior parte do tempo flutuo entre a introspecção e uma simpatia adquirida por força da educação primorosa que recebi, ela pode ser bem assustadora às vezes.

Eu já vi professores da escola de dança tremarem com apenas um olhar seu.

Estou prestes a abrir a boca para lhe dizer que se mover mais um músculo antes de entrar no palco, eles possivelmente explodirão dentro da minha carne, pois segui estritamente todas as ordens que ela me deu para o dia de hoje.

Entretanto, basta que eu a encare para perceber que ela está esperando por isso: a rebeldia, a revolta contra o treinamento puxado.

“Reclamar de dor é para os fracos” — ela costuma dizer. — “Quem almeja a excelência, tem que se acostumar com a dor, fazer dela a certeza de que se está no caminho certo.”

Eu engulo as palavras de protesto. Não estou aqui para discutir, estou para ser a melhor, então ando para a porta, atrás dela, sem dizer nada.

Antes de sair do camarim, porém, dou uma última olhada para trás, para o cabideiro sinistro que me deixou com medo há pouco.

Não há nada lá — digo a mim mesma. — Por que alguém viria atrás de você, sua boba? A maior parte das pessoas

mal sabe que existe.

Ainda.

Eles não sabem ainda, mas, em breve, meu nome será conhecido mundialmente.

Sorrindo e me sentindo mais confiante, sigo minha mentora.



Capítulo 8

Eu gosto de observar.

Embora eu não seja muito paciente, ninguém pode negar que Serenity Clementine é uma coisinha deliciosa de se ver. Uma pena que por ora eu não possa fazer nada além de olhar.

Eu vi seu rosto assustado dentro do camarim e por um instante cheguei mesmo a pensar que ela seria corajosa o suficiente para vir até mim.

O que eu faria, então?

Teria que criar um plano *b* e isso iria contra a minha natureza, pois não gosto de improvisos.

Não, eu preciso ser mais cuidadoso. Não posso falhar. Eu sei que terei apenas uma chance. Ainda mais agora, com aqueles malditos guarda-costas novos.

Ela sempre foi vigiada. O velho a manteve protegida desde que voltou em definitivo para os Estados Unidos, mas eram seguranças normais. Fáceis de serem enganados.

Os de agora parecem mais soldados guardando uma rainha.

E não é o que Serenity é? Uma rainha?

Sorrio, balançando a cabeça e pensando na ironia da situação. A aranha ficou presa na própria teia. Não importa a razão de eu ter me aproximado dela, agora a quero inteirinha. Não apenas o seu dinheiro.

Estou ansioso para ver sua performance. Eu já estive em sua escola de dança antes e sei que ela o faz lindamente. Quem a vê não imagina o quanto é solitária. Dançando como uma fada, Serenity demonstra uma confiança em si mesma que eu sei que não é verdadeira.

No fundo, ela não passa de uma triste menina abandonada.

Mas isso vai acabar. Eu a farei minha e então, vou suprir todas as suas necessidades.

Olho em volta e percebo que a plateia está silenciosa, em expectativa.

Eu também e mal posso esperar pelo momento em que não precisarei mais apenas olhar para ela. Eu quero tocá-la,

arrancar sua inocência, mantê-la como minha escrava particular.

Uma bailarina para performances privadas.

Fecho os olhos e preciso colocar as mãos no colo para disfarçar uma ereção enquanto imagino-a dançando nua para mim.

A fantasia é agradável, mas insatisfatória, então penso nela nua, mas também com vergões vermelhos do meu cinto em suas costas e pernas.

Sim, assim está melhor.

Eu espero que ela não seja dócil. Torço para que seja uma lutadora porque quero muito quebrá-la.

Suspiro quando meu corpo é tomado pela necessidade que sempre estive em mim de provocar dor.

Eu acabo de descartar o plano anterior. Eu não vou matá-la depois de alguns meses. Vou mantê-la para sempre comigo. Uma fada de asas quebradas.

Uma doce menina que nem chegou a viver.

Porém, para que tudo dê certo, eu preciso ser paciente.



Capítulo 9

Nova Orleans

— Tem certeza de que não quer ir à apresentação? — pergunto, muito mais para tentar entender o que há por trás da vinda de Hades comigo para a Louisiana do que por acreditar, por um segundo sequer, que ele possa se interessar por balé clássico.

Eu mesmo, se não fosse obrigado a falar com minha tutelada, escolheria outro programa. Minhas semanas têm sido fodidamente cheias e eu não pude mais adiar minha visita a Serenity. Para meu azar, calhou de ser no dia em que vai fazer seu primeiro solo como bailarina, segundo VanLith me disse ao telefone.

Aparentemente, mesmo depois de ter passado a tutela dela para mim — e aqui eu tenho um adendo, porque a palavra *tutela* me incomoda para caralho, já que ela não é

menor de idade, e sim, uma adulta — ele continua de olho na vida dela.

Talvez se sinta preocupado com relação a homens assediando-a? Eu não faço a menor ideia. De qualquer modo, não está acontecendo. Os guarda-costas que coloquei para protegê-la me garantiram que ela não faz outra coisa que não seja se dedicar ao balé.

Os únicos encontros são com outros bailarinos dentro da escola de dança ou com os professores.

Uma boa menina, ao que parece, e com uma vida tão interessante quanto observar a grama crescer.

— Sim, vai ter que ir sozinho à sua sessão de tortura — ele enfim responde. — Aliás, por que não espera simplesmente a apresentação terminar? Poderia encontrá-la amanhã, inclusive.

Eu não tenho uma resposta exata para isso, a não ser o fato de que algo muito parecido com culpa ecoa dentro de mim há dias, já.

Eu deveria ter vindo antes. É meu dever legal cuidar do bem-estar dela e tudo o que fiz até agora, ao designar

homens para serem seus guarda-costas, foi zelar por sua integridade física.

Hoje, eu quis conhecer um pouco do universo do qual minha tutelada faz parte. Não importa que Serenity para mim seja somente um negócio, eu deveria ter entrado em contato antes.

— Você não vai conseguir me distrair — digo a ele.

— Não tenho ideia do que está falando.

— O que veio realmente fazer em Nova Orleans, Hades? Porque eu não compro essa história de que estava preocupado comigo apenas. Sabe perfeitamente quem manda na cidade. Christos e Zeus avisaram a Beau que eu viria. Eu não corro quaisquer riscos aqui.

Até onde sei, em conversas com Christos e Odin, Nova Orleans no momento é um caldeirão de organizações criminosas atuando nos bastidores. Porém, há um *rei* a quem todas as máfias obedecem sem pestanejar: Beau Carmouche-LeBlanc^[13], o amigo de Christos, de passado desconhecido, quase um fantasma, mas que surge do nada quando necessário.

Todos nós quatro pagamos guarda-costas a preço de ouro para evitar quaisquer incidentes com nossa segurança, mas dentro de Nova Iorque, nosso território, somos um tipo de realeza também. Aqui, atuamos como convidados, assim, Zeus tomou todas as garantias para que não nos acontecesse nada nesta visita.

— Eu gosto do sul do país — ele diz.

— Você odeia qualquer lugar que não seja Manhattan e nossa ilha natal na Grécia, portanto, tente novamente.

— Cuide dos seus problemas, Ares.

— Seus problemas são os meus também. São de todos nós.

Um canto de sua boca se ergue quando ele dá de ombros.

— Se pensa assim, não vou impedi-lo, mas o contrário não é verdadeiro. Não quero compartilhar a tutela de uma bailarina adolescente.

— Adulta.

— Legalmente, né? Porque até onde sabemos, ela não conhece nada da vida.

— Ela tem se comportado bem desde que saiu do internato. Na verdade, eu achei que a garota ficaria

deslumbrada com a recém-adquirida liberdade, mas não foi o que aconteceu. — O motorista estaciona em frente ao teatro e me despeço. — Eu tenho que ir.

Saio do carro pois o motorista contratado por nós levará meu irmão seja lá para onde ele pretende ir. Mal piso na calçada, sou cercado por guarda-costas.

Há uma dúzia e meia nos acompanhando e eu não duvido que a uma curta distância, tenha alguns homens de Beau também.

Eu não ando em direção ao teatro ainda. Observo o carro se afastar com meu irmão caçula dentro, com a certeza de que Hades está me escondendo algo.

Há dois anos, ele vive em função de sua vingança. Atormentado, buscando retaliação.

Não me entenda mal. Sou completamente a favor de retribuição quando alguém atravessa meu caminho e se intromete nos meus negócios. A diferença é que preciso de um único golpe certo. Eu sou objetivo quando minha intenção é destruir; meu irmão, porém, parece mergulhado em uma descendente de rancor infinita.

E culpa — uma voz avisa.

Sim, há muita culpa por trás de sua obsessão. Na mente de Hades, foi ele quem proporcionou o desenrolar fatídico daqueles eventos.

Eu discordo, mas ele nunca nos ouviu e não acho que começará agora.

Ele está preso em um teia de ódio e eu duvido que mesmo quando alcançar o que deseja, terá paz.

Começo a andar para a entrada do teatro e percebo vagamente que meus seguranças estão chamando a atenção, mas não me sinto incomodado. Estou mais do que acostumado a tê-los como barreira.

Não gosto muito de gente. Na verdade, desprezo uma grande parte do mundo, e não tenho dúvida que mesmo que eu não fosse quem sou, daria um jeito para ter sempre alguém me blindando contra conversas indesejadas.

Percebo o chefe dos meus guarda-costas se adiantar e mostrar os ingressos — meus e de toda a equipe —, para o segurança na porta.

A expressão do homem muda instantaneamente e eu sei a razão. Comprei um camarote inteiro, e a minha doação

para o evento equivale à renda anual de boa parte da população da classe média americana.

Em segundos estamos dentro do teatro. Não há mais qualquer pessoa a não ser poucos funcionários, do lado de fora. Eu sou sempre pontual, mas me atrasei de propósito para evitar encontrar com a multidão que veio assisti-la.

Em poucos minutos, chego ao camarote. As luzes estão apagadas e o público, silencioso assistindo à performance no palco.

Acomodo-me na poltrona, preparando-me para ver minha tutelada pessoalmente pela primeira vez.



Capítulo 10

Minutos antes

A ansiedade da estreia desapareceu.

Enquanto esperava as cortinas se abrirem, momentos atrás, para minha primeira apresentação solo, tudo o que senti foi paz porque finalmente um dos meus sonhos está se tornando realidade.

Eu não tenho muitos, mas aqueles que me dou o direito de desejar, são a razão pela qual eu me levanto todas as manhãs.

Hoje é a minha prova de fogo. Eu consegui com apenas poucas semanas na escola de dança de madame Villatorro o que muitos bailarinos profissionais passam toda uma existência almejando.

Não há espaço para falhas. Preciso da perfeição esta noite.

Eu percebi, ao longo da semana, o olhar dos outros bailarinos para mim. Uma mistura de despeito com raiva,

mas o que eles não sabem, é que eu não dou a mínima importância para seus julgamentos.

Eu até mesmo ouvi duas das minhas colegas de profissão cochichando no banheiro sobre o fato de que comprei uma vaga na nossa prestigiada escola, o que, qualquer um que conheça minimamente madame Villatorro sabe que não só é uma mentira, mas também um absurdo.

Madame tem uma reputação no mundo da dança de ser extremamente exigente em suas escolhas para a escola. Ela já recusou inclusive uma princesa, cujo pai, rei de uma pequena monarquia europeia, quis comprar o lugar para sua menina com barras de ouro.

Obrigo-me a limpar a mente de qualquer coisa que não seja a estreia. Não importa o que pensam de mim. Eu sei o quanto me dedico. Madame me disse anteontem que todos os que se destacam, carregam consigo um alvo nas costas.

O sucesso incomoda, ela me falou, porque faz com que as pessoas olhem para o próprio umbigo e percebam que não estão evoluindo.

Eu não sei se isso é verdade. Não estou preocupada com o que os outros bailarinos acham. Eu não me preocupo que

um deles ou todos eles alcancem o sucesso, eu foco somente em como *eu* chegarei lá.

Flexiono os pés uma última vez antes que as cortinas se abram e sinto uma pontada de dor. Se eu tirar a sapatilha, sei o que verei: dedos inchados e com calos de horas e horas de prática. Apesar de ser a minha ponte para alcançar o estrelato com que sonho, meus pés não são uma parte do corpo que gosto. Na verdade, eles me envergonham. É uma das razões pela quais nunca vou à piscina ou praia, nem na minha casa, nem mesmo nas aulas de natação do internato.

Eu implorei para o meu tutor que negociasse no colégio para que o balé pudesse ser definido como meu esporte, livrando-me de qualquer coisa que me obrigaria a ficar descalça na frente dos outros alunos ou professores.

 s vezes, meus pés doem mesmo quando já estou deitada para dormir. Eles pulsam pelo esforço diário, mas eu nunca reclamo.

O balé   minha escolha, minha vida.

Agora mesmo eles latejam, mas quem se importa?

Sonhos nunca vêm de graça. Estou disposta a pagar qualquer preço pelos meus.

Além do mais, eu me acostumei com a dor. Há algo de prazeroso nela.

Sinto o rosto esquentar quando penso nisso. Soa um pouco distorcido ter prazer com dor, e eu não entendo por que me sinto desse jeito, apenas que é assim que sou.

Onde as crianças reclamavam quando caíam, eu me levantava e seguia em frente. Onde choravam quando lhes aplicavam vacinas, eu observava a agulha entrar e não entendia a razão do escândalo em torno daquilo.

Eu pensei muito a respeito disso e depois que me tornei adulta, cheguei à conclusão de que dor para mim experimentar a dor significa que eu posso sentir e se posso sentir, estou viva.

Como sempre faço antes de começar uma apresentação, eu me desligo de tudo à minha volta.

Estou a um passo de entrar e meu sangue ferve. Emoção se espalhando por cada célula minha.

Ouçó o burburinho da plateia e sei que o teatro está lotado. Todo o lugar vibra em energia.

Eu prometi a mim mesma que guardaria a noite de hoje na memória, mas a emoção da estreia é tão grande que

quando dou por mim, estou pairando no palco, o corpo inteiro tomado de adrenalina.

Quando foi que a música começou? O que eu senti quando me deparei com a plateia esperando por mim? Eu não poderia dizer.

Sinto o sangue bombeando e flashes de rostos me encarando na multidão sentada, mas concentro a atenção principalmente em mim mesma.

Eu alcancei o estado de êxtase em que sempre mergulho durante a dança.

Não há mais ninguém, só eu e a música orquestrada.

Faltando pouco para o fim, eu sorrio e é um dos poucos verdadeiros que dou em anos.

Felicidade. A mais pura felicidade é o que estou sentindo agora, porque eu sei que não desapontei madame. Eu não desapontei a mim mesma.

Cambré, balancé, échappé.

Executo cada movimento primorosamente, com o respeito que merecem.

E finalmente, chega ao fim.

O coração incha dentro do peito. Emoção e alegria como nunca senti trazem lágrimas aos meus olhos e há em mim um sorriso tão espontâneo que não sei se algum dia poderei pará-lo.

A plateia se levanta e me aplaude de pé.

Eu corro minha vista por eles, automaticamente procurando JeAnne, mas logo eu me lembro que ela não está aqui.

Resfriou-se e não quis correr o risco de contaminar as pessoas.

Afasto a tristeza e dou início aos agradecimentos.

E então, minha atenção é atraída para um dos camarotes, à esquerda, um pouco acima do nível da plateia.

Eu sei que é o mais caro que há. Muito perto do palco, mas não consigo enxergar as feições de seu ocupante, mas de algum modo, sei que está olhando diretamente para mim e que se trata de um homem só. Posso ver o contorno de seu terno, os ombros rígidos.

Uma outra salva de palmas irrompe, interrompendo minha curiosidade. Eu me obrigo a voltar ao presente, mas

mesmo depois que saio do palco, ainda estou pensando no observador solitário.



Capítulo 11

Eu esperava morrer de tédio.

Tenho uma característica marcante além do cinismo e arrogância que as mulheres sempre fazem questão de jogar na minha cara no fim dos breves casos que mantenho: eu odeio perder tempo.

Neste conceito, reúno tudo aquilo que não é capaz de segurar meu interesse, e dança certamente estaria incluída.

No instante em que vi minha tutelada no palco, no entanto, ela roubou completamente minha atenção.

Eu não entendo porra nenhuma de balé, mas sei muito sobre beleza e paixão. Serenity é a visão mais crua dos dois.

Enquanto a observo se apresentar, entendo pela primeira vez porque ela não sai, que parece não ter qualquer amigo ou mesmo um pretendente a namorado.

Serenity já está comprometida, mergulhada em uma intensa entrega à sua arte.

Durante toda a apresentação, eu não desvio os olhos dela e muitas vezes sou obrigado a me lembrar quem ela é, porque há algo de puro e celestial na garota, mas há também um ardor tão intenso no modo como se movimenta, que eu não consigo deixar de imaginar como seria toda essa paixão na cama.

Todas as vezes que o pensamento me alcança, eu o afasto, tentando me concentrar no fato de que não estou diante de uma mulher qualquer, mas de uma jovem órfã, desprotegida e que muito além, é minha responsabilidade.

Eu nem ao menos sei como é o rosto dela atualmente, já que nas fotos que eu vi, não passava de uma adolescente.

O que diabos está acontecendo? Eu posso ter a mulher que quiser com um telefonema, e então a porra do meu pau decide se manifestar por uma garota de quem devo cuidar?

Uma criatura que aparenta a fragilidade de um beija-flor?

Indiferente aos meus pensamentos, ela continua girando no palco, linda, em movimentos perfeitos e precisos.

Ela tem consciência de que está hipnotizando a todos, homens e mulheres? Sim, porque não há sequer um sussurro pelo ar e o teatro é relativamente grande.

Serenity tem a audiência na ponta dos seus pés delicados e não me agrada fazer parte deste grupo.

Eu me obrigo a desviar os olhos do palco e alcanço meu telefone dentro do blazer. Passo rapidamente pela agenda, sabendo que em algum lugar nela há uma ou várias mulheres de Nova Orleans com quem já saí no passado.

Encontro três nomes com o código de área local. Tento me lembrar de quem são, mas não consigo.

Aleatoriamente, meu nome paira sobre alguém chamado “Sebia”. O nome não me é estranho.

Uma modelo com quem saí?

Forço a memória e não consigo recordar nada. Tenho trinta e quatro anos. Já tive incontáveis parceiras, então não é algo fora do normal que eu não me lembre sequer do rosto delas, mas não lembrar *nada*? Uma conversa, uma risada, ou ao menos como me senti quando a possuí?

Não, eu não me lembro de nada mesmo. Tenho uma enorme lista de contatos que representam um imenso vazio e eu gosto que seja assim.

Hoje, no entanto, eu sei que uma mulher aleatória não vai ser suficiente.

No momento em que essa certeza me atinge, a apresentação chega ao fim.

Eu continuo com o dedo suspenso sobre o visor do telefone, mas volto a focar no palco e nesse exato instante, Serenity olha em minha direção.

Não é um virar de cabeça. Ela olha para *mim*.

Eu não posso ver muito de seu rosto, apenas percebo que ela está sorrindo.

Não sou tão imbecil ao ponto de achar que ela sorri para mim. Serenity tem a expressão segura de um vencedor. Pelo que descobri, hoje foi sua primeira apresentação solo e ela sabe que o fez com perfeição.

A cabeça dela gira, focando novamente na plateia.

Eu a encaro um tanto irritado. Quero estalar os dedos e mandar que as luzes se acendam. Não, eu quero ordenar que a tragam para mim, que me dê sua atenção exclusiva, como a porra de um rei mimado que tem todas as suas vontades atendidas.

A minha prepotência quer proibi-la de desviar o olhar da minha direção.

Observo de novo o telefone em minha mão, sabendo que devo me dirigir rapidamente ao camarim, apresentar-me a Serenity e seguir meu caminho.

Talvez aproveitar um pouco a noite com Hades, como nos velhos tempos, já que sei definitivamente que não ligarei para a tal Sebia, ou os outros nomes locais em minha agenda.

A minha mão se contrai em volta do aparelho, a mente reagindo ao que sei que vou fazer.

Com um gesto de mão para o chefe dos meus guarda-costas parado na entrada do camarote, eu o chamo. Em um segundo, ele está ao meu lado.

Dou-lhe ordens rapidamente para que reserve um restaurante em que já estive aqui em Nova Orleans e que sei que é muito bom. Em seguida, procuro o nome dela na agenda.

Serenity Clementine Blanchet.

Digito uma mensagem.

“Ares Kostanidis, seu tutor, falando. Quanto tempo precisa para ficar pronta? Vou levá-la para jantar.”

Decido lhe dar quinze minutos para me responder. Uma concessão ao fato de que deve estar sendo assediada por sua equipe. Depois disso, se não houve retorno, irei buscá-la.

Um jantar, apenas para me assegurar se ela está bem e então, a levarei em segurança para casa. Depois disso, não precisaremos mais nos ver.



Capítulo 12

— Você foi magnífica — madame Villatorro diz, entrando comigo no camarim.

Eu absorvo o elogio como quem recebe uma joia diretamente das mãos de uma rainha. Por fora, sou a imagem da calma, mas por dentro, estou vibrando como uma garotinha em uma piscina de bolas.

Eu sei que foi tudo bem hoje à noite, mas ter a validação dela é muito importante para mim. Principalmente porque Debra Villatorro é brutalmente honesta. Eu já vi alguns bailarinos saírem às lágrimas pelas “verdades” que ela lhes dirige. Na maior parte das vezes, por achar que não estão se esforçando o suficiente.

Deste mal, nunca morrerei. É bem o contrário. A minha obsessão pela perfeição destruiu os meus dedos dos pés.

— Obrigada, madame — falo, tentando não demonstrar o quanto estou feliz porque não sou boa em compartilhar as emoções.

Aproveitando que não estou mais sozinha, vou até o cabideiro e afasto as roupas, como quando procuramos monstros embaixo da cama, em criança. Claro, não tem nada lá e eu me sinto ridícula.

— O que há de errado? — ela pergunta, porque é do tipo que não deixa qualquer coisa passar.

— Bobagem, madame. Acho que estava um pouco ansiosa antes de entrar no palco e cheguei a pensar que havia alguém escondido atrás das roupas.

Ela não sorri.

— Verificou antes ou apenas agora?

— Não, apenas agora, mas tenho certeza de que não havia nada ali.

Ela anda até o fundo do camarim e afasta os trajes ainda mais do que fiz, dando uma visão total do lugar.

— Por que achou que havia alguém aqui, Serenity?

Eu me sinto constrangida. Estou agindo como um bebê. Madame vai me achar imatura.

— Já disse, foi só uma sensação. Eu sempre fui medrosa
— minto.

Nunca pude ser medrosa. Tendo sido enviada muito pequena para o internato com seus corredores longos e escuros, aprendi rapidamente a trabalhar meu medo.

De repente, ela se abaixa como se tivesse visto algo. Quando torna a se levantar, tem um ingresso nas mãos.

Ela me mostra.

— O que isso está fazendo aqui?

Eu o pego e olho.

— É uma entrada para a apresentação de hoje.

— Sim, mas não deveria estar aqui.

Ela observa em volta do camarim e começa a abrir portas. Suas ações me deixam ainda mais nervosa.

No fim, não encontra nada, mas diz:

— Deve falar com seus guarda-costas sobre isso.

— Claro — respondo, sabendo que não farei de maneira alguma. Eles certamente vão reportar ao meu novo tutor e tudo o que não preciso é de mais um desistindo de mim, pensando que sou um tola que precisa de cuidados em tempo integral. Tentarei ficar totalmente fora do radar do senhor Kostanidis.

Alguém bate na porta e madame faz um gesto com a mão, me pedindo para esperar. Há algo em seu rosto que me diz que ela estava aguardando quem quer que esteja lá fora.

Cinco minutos depois, eu entendo o porquê. Ela acaba de me apresentar a um agente famoso de celebridades. O homem me faz muitas perguntas e parece interessado em mim.

Eu não entendo a razão. Não sou atriz e nem modelo famosa. Não lhe darei lucro.

De qualquer modo, aceito quando ele me entrega seu cartão e lhe dou meu número do celular. O homem é rápido, daquele tipo de pessoa que parece considerar cada minuto precioso e tão depressa quanto chegou a mim, desaparece.

Madame o segue pouco depois, mas antes me pergunta se chegarei em segurança em casa. Eu aceno com a cabeça e quando a vejo sair, sinto-me subitamente melancólica.

Penso nos meus pais. Se estivessem aqui, me levariam para jantar?

Sacudo a cabeça da inutilidade de ficar desejando aquilo. Eu nunca terei uma resposta.

Começo a tirar a roupa, livrando-me primeiro das sapatilhas. Sei que há um banheiro no teatro, mas prefiro tomar banho em casa.

Solto a saia e em seguida, tiro todos os grampos que prendem o coque repuxado no meu cabelo. Gemo de prazer quando finalmente me sinto livre do aperto.

Alguém bate na porta e tendo certeza de que é madame Villatorro outra vez, ou os guarda-costas interceptariam qualquer outra pessoa, eu digo para entrar.

Estou de costas, mas falo para ela:

— Eu decidi tomar banho em casa. Meus pés precisam de uma banheira quente com muitos sais de banho, madame Villat....

Eu me viro sorrindo, mas então, minha voz desaparece.

Não é madame Villatorro quem está parada no umbral. É um homem alto e forte, vestido em um terno elegante.

Um arrepio intenso atravessa meu corpo, porque eu tenho certeza, de algum modo, que se trata do mesmo que estava me observando do camarote.

Eu gostaria que ele viesse um pouco para a luz, seu rosto está parcialmente coberto.

Eu não me lembro que estou só de meia-calça e collant. Eu não me recordo nem mesmo que deveria mandá-lo sair, porque afinal de contas, é um estranho. Ao invés disso, dou um passo à frente, de maneira imprudente, ficando muito perto do visitante inesperado.

A primeira coisa que noto é o rosto quadrado. Ele tem a barba por fazer e um desejo de sentir aquela aspereza na palma da minha mão me faz fechá-las para resistir à tentação. Seus lábios são cheios, mas estão formando uma linha reta. Nem um pingo de sorriso ou simpatia.

O nariz, que poderia pertencer a uma escultura de *quase* tão perfeito, tem um leve arco em cima. Nada que prejudique sua beleza, ao contrário, o torna ainda mais atraente.

O cabelo é curto e bem escuro, mas são seus olhos de um azul escuro como a meia-noite, que me mantêm presa.

São eles que me fazem aproximar ainda mais.

Eu abro a boca para tentar sugar um pouco de ar, sentindo o corpo todo tomado por um calor que nunca senti. É como se minha pele pulsasse, vibrando apenas pelo olhar dele.

Obrigo-me a dizer algo. Ele deve estar me achando uma idiota. Antes que eu consiga formular uma frase, no entanto, ele fala:

— Por que não me respondeu minha mensagem? Eu não gosto de perder tempo, menina.

Menina.

Aquilo me liga um sinal de alerta. É como se ele já me conhecesse.

— O quê?

— Sou Ares Kostanidis. Eu mandei uma mensagem avisando que a levaria para jantar.

— Eu...

Confusa, tento processar a informação, mas não consigo pensar em nada além do fato de que estou seminua diante do meu tutor.

Uma onda de calor esquenta minhas bochechas, como se todo o sangue do meu corpo tivesse fluído para lá.

— Não verifiquei o telefone, senhor. Se puder me dar cinco minutos, logo estarei pronta.

— Não parecia estar com pressa quando se aproximou de mim. É assim que se comporta perto de estranhos? Porque

se for o caso, terei que reforçar a quantidade de guardacostas, Serenity. Você é um perigo para si mesma.



Capítulo 13

Ela não recua depois do que eu falo e levo uma fração de segundos para entender o meu engano.

Serenity pode ter a aparência frágil de um beija-flor, mas suas asas são de aço.

Por muito menos, apenas o tom da minha voz já fez alguns homens tremerem.

Não tenho qualquer intenção de amedrontá-la, mas apesar de estar impactado com sua beleza, sou antes de tudo, seu tutor, e agora não vou conseguir deixar de pensar se ela cuida tão pouco de si mesma.

Está praticamente nua e eu poderia ser qualquer um.

Sem que eu possa me impedir, meus olhos percorrem o corpo perfeito. Delicado, mas deliciosamente sensual. Seios pequenos, quadris estreitos, cintura tão fina que eu poderia tê-la em uma volta completa apenas unindo minhas duas mãos.

Merda. O que estou fazendo?

Olho para seu rosto confuso e dou graças a Deus por sua inocência. Ela não gostaria de saber o que estou pensando nesse instante.

— Muito prazer, doutor Kostanidis. — Ela parece se recuperar. — Eu não peguei meu telefone ainda. Estava no vibrar e minha professora veio falar comigo após a apresentação. Presumo que tenha vindo para me conhecer, embora a ocasião tenha sido... estranha. — Sua voz é plana, destituída de emoção e os olhos não me encaram. Entretanto, um meio sorriso ensaia se formar quando completa: — Obrigada pelo convite, mas não estou com fome.

Ela tem o descaramento de dizer isso ao mesmo tempo em que segura a porta como se fosse fechá-la.

Eu não me movo. Encaro-a e fico satisfeito quando noto que por trás da coragem, há raiva.

Eu não sei lidar com fragilidade. Fui forjado para nunca me dobrar e se vou ter que olhar por Serenity nos próximos anos, eu a moldarei em alguém capaz de andar sozinha quando nosso contrato chegar ao fim.

Já nos apresentamos. Eu posso ir embora com a minha consciência tranquila. A garota não mandou que eu entrasse imprudentemente. Ela esperava alguém conhecido. Não me escapou que assim que entrei, usou a palavra “madame”.

Além do mais, os guarda-costas nunca teriam deixado um estranho passar por eles.

Não foi isso o que me deixou irritado. Foi o fato de Serenity, mesmo sabendo tratar-se de um homem, um total desconhecido, ter se aproximado de mim vestindo tão pouca roupa.

A foto de quando era uma adolescente não faz jus à sua beleza. Ela é do tipo que faria cabeças virarem ao passar na rua.

Um lado mesquinho meu fica satisfeito que ela não saia muito de casa, e empurro o porquê da satisfação egoísta para o fundo da mente.

— Achou que o que fiz foi um convite? — pergunto, mesmo sabendo que deveria ir embora.

Ela estremece quase imperceptivelmente e ao invés de me responder, vai até um cabideiro onde uma bolsa está pendurada. Sem dizer uma palavra, pega o celular.

Eu deveria lhe dar espaço para se vestir. *Obrigá-la* a se vestir, mas Serenity não parece preocupada com a própria seminudez e eu só consigo imaginar que seja porque ou gosta de provocar, ou porque é inocente demais para entender o perigo que representa ficar assim perto de um homem.

Meu olhar desliza pela curva arredondada da bunda firme. Grande, se comparada a sua compleição. A ponta do cabelo quase a encobre. Uma bunda cheia e perfeita para...

Foda-me. Estou completamente insano. É a única explicação.

— Vista-se. Vou te esperar lá fora.

Para minha surpresa, ela se vira para mim com um sorriso irônico. Ou ao menos o que deveria ser um, mas que fica mais parecido com o rosto de um anjo chateado.

— É, não foi mesmo um convite. Foi uma intimação — diz, sacudindo o celular que segura. — Ainda assim, vou ter que declinar, doutor Kostanidis.

— Vista-se para jantar comigo, Serenity. Não tente me desafiar. Tenho sete anos para fazer da sua vida um inferno se eu quiser.

Os olhos bonitos e já naturalmente grandes em proporção ao rosto se arregalam ainda mais.

— Não se preocupou em nem mesmo me dar seu telefone através do meu antigo tutor, e então aparece e diz que pode fazer da minha vida um inferno? Por quê? Já deixou claro que não quer contato e saiba que é recíproco.

Ela tem razão, eu errei, mas mesmo assim estou determinado a levá-la para jantar porque sou um cretino controlador que não gosta de ser contrariado.

— Não pretendo lhe dar trabalho — ela continua. — Eu só quero dançar. Nem vai ouvir falar de mim nos próximos anos.

— Eu acredito em você, mas quero conhecê-la. Tem razão em dizer que eu deveria ter vindo antes — concedo. — Meu erro, senhorita Blanchet. Estou tentando corrigi-lo.

Eu sorrio para ela como faço quando quero que uma mulher ceda a mim. Sei que não é justo, ela é muito inexperiente, mas eu nunca disse que jogava limpo.

Posso ver as engrenagens de seu cérebro rodando e também o momento exato em que ela vai dizer sim.

Eu estico a mão para um interruptor perto da porta, porque apenas luz indireta clareia o aposento.

Há duas razões pelas quais faço isso. Tanto porque quero vê-la melhor, como para quebrar o clima de intimidade no espaço diminuto.

— Vai ser uma boa e obediente menina, Serenity?

Agora eu posso admirar sua beleza e também a maneira como as bochechas coram intensamente.

Ela acena com a cabeça.

— Sim, doutor Kosta...

— Chame-me de Ares, apenas. Você tem cinco minutos para ficar pronta. Eu já cedi demais. Não se acostume com isso.

Eu saio e fecho a porta atrás de mim sem lhe dar tempo de argumentar.

Seria uma perda de tempo para nós dois. Eu sempre venço.



Capítulo 14

Eu me atrasarei, tenho certeza.

Depois que ele sai, tranco a porta, mesmo sabendo que Ares não iria entrar. Ao contrário, ele pareceu zangado por eu continuar olhando-o mesmo vestida com tão pouca roupa e estou até agora tentando entender o que deu em mim para não correr e vestir meu robe.

Talvez ele seja um pouco bruxo. Sim, foi isso. O malvado grego me hipnotizou.

Você é doida, Serenity Blanchet — eu me repreendo.

Por que no céu eu fui agressiva e lhe disse que não iria jantar? Eu preciso que Ares seja meu aliado, não inimigo. Por sete anos, já que não pretendo me casar antes dos vinte e cinco, ele será o responsável pelo meu dinheiro. É uma estupidez enfrentá-lo como eu fiz.

Penso em seu nome e tento me lembrar das aulas de mitologia grega.

Ares, o deus da guerra. Na verdade, se me lembro bem, o deus da guerra *selvagem*, não o do Olimpo, com sede de sangue, a matança personificada.

Sim, eu acho que combina. Mesmo que no fim da nossa conversa tenha tentado parecer legal, nele, a agressividade é latente. Entretanto, não me faz sentir medo. Causa um arrepio inexplicável por todo o meu corpo.

Limpe sua mente, Serenity. Ele é seu tutor e um tutor muito zangado.

E muito lindo também — um diabinho sussurra em meu ouvido.

Meu telefone vibra com uma mensagem.

Número desconhecido: *“Mexa-se, você tem três minutos.”*

“Como sabe que ainda não estou pronta?”

Eu gravo seu número na agenda do telefone e segundos depois, chega uma nova mensagem.

Ares: *“Porque você parece uma pensadora, menina. Eu sou a ação. Vista-se, ou vou entrar aí novamente e escolher sua roupa.”*

“Esse não é seu papel de tutor, Ares.”

Ares: *“Eu não sigo regras. Eu as crio. Não vai custar muito a entender isso.”*

Eu solto o celular em cima da bancada da penteadeira, sentindo o corpo todo estremecer de excitação. Tiro o resto da roupa mais rápido do que já fiz na vida e sem me preocupar em colocar sutiã, ponho o vestido preto com que vim para o teatro, por cima da cabeça.

Olho-me no espelho e faço uma careta ao ver a maquiagem carregada que usei para a apresentação, mas não tenho tempo para tirá-la, então, passando os dedos pelo cabelo para desembaraçá-los, preparo-me para sair.

Jogo toda a roupa dentro da bolsa enorme que eu trouxe, menos a saia que usei na apresentação, fazendo uma

anotação mental para avisar madame Villatorro que a deixei aqui.

Eu empurro como posso minhas sapatilhas, que a partir de hoje foram promovidas as “da sorte” para o fundo da bolsa, e então minha mão esbarra em um pedaço de papel. Quando puxo para fora, noto que é o ingresso que madame encontrou e me deu para guardar.

Olho para trás, para o cabideiro, e um calafrio, nada comparado à excitação de conhecer meu tutor, alcança-me a nuca.

Por um instante, chego a considerar falar a respeito com Ares, mas logo descarto a ideia. Eu não quero que na primeira vez que nos encontramos, ele fique achando que eu sou um bebê. Já não basta a quantidade enorme de guarda-costas me vigiando.

— Você está atrasada — ele diz assim que me vê.

— O senhor...

— *Você* — ele me corrige.

— Você muda de humor muito rápido.

— Ao contrário, Serenity. É sempre o mesmo.

Então ele me manipulou para ceder. É isso o que está dizendo nas entrelinhas?

— Está com fome?

Eu estou morrendo, mas não posso comer quase nada a essa hora para não correr o risco de engordar.

— Não muita — minto.

Ele me observa como se soubesse que estou mentindo e sinto o rosto esquentar. A maldição de se ter a pele clara.

— Você está com fome — ele afirma dessa vez e eu dou de ombros.

— Não posso comer a essa hora.

— O quê?

— Eu não como nada além do que algumas azeitonas a essa hora. Seria o meu jantar.

Suas feições mudam outra vez, o maxilar enrijecendo-se de irritação.

— Hoje você vai jantar. Depois do esforço que fez, precisa de comida.

Ele não me deixa falar. Coloca a mão na minha nuca e me guia para a saída.

A parte do meu pescoço que ele toca ferve como se um ferro em brasa tivesse encostado nele e eu me pergunto se percebe como estou tremendo.

Eu poderia pedir a ele para retirá-la, mas não vou fazer isso. Mesmo que seja uma estupidez pensar assim, gosto do toque do meu tutor.

Ele não segura frouxo, é como estar presa na garra de uma fera.

Sorrio com o pensamento tolo e quando olho para o lado, percebo que ele parece indiferente a mim.

Burra.

Ares está cumprindo o papel dele, assim como o senhor VanLith o fazia. Não envergonhe a si mesma, Serenity.



Eu mal consegui me dar conta de que entramos no carro. Ares não falou mais nada até chegarmos a um restaurante que mais parece um casarão antigo.

Apesar de já ter voltado a Nova Orleans há alguns meses, eu não conheço nada da cidade. Sou como uma turista no lugar em que nasci.

Como um cavalheiro, me ajudou a descer e meu coração abobalhado disparou porque eu não pude conter o pensamento de que é a primeira vez que eu saio com um cara.

Não um *cara*. Meu tutor. Um homem de verdade.

— Quantos anos você tem? — pergunto, depois que nos sentamos a uma mesa em que não há mais ninguém em volta.

Uma *hostess* nos guiou até ela.

— Achei que havia estudado em um colégio de elite. Não te ensinaram que não é educado perguntar a idade das pessoas?

— É um assunto sensível para você? — pergunto, sem conseguir me parar.

Na verdade, eu meio que já sei a resposta. Ares não parece se incomodar com a idade. Com nada, eu acho. Ele é a personificação da autoconfiança.

— Trinta e quatro.

Dezesseis anos mais velho, calculo rapidamente.

— Eu poderia ser seu pai — ele continua com uma voz séria e eu morro de vergonha que ele tenha percebido que eu estava fazendo contas. Rezo para que ele não entenda a razão destes cálculos estúpidos.

— Bem velho — falo, tossindo e disfarçando um sorriso para direcionar a conversa para algo que não seja minha humilhação.

Não é como se eu nunca tivesse visto um homem bonito na vida. Na verdade, eu já até mesmo fui paquerada por alguns.

Mas nenhum que chegue aos pés dele.

E então, uma ideia me ocorre. Ele deve ser casado.

Corro os olhos por suas mãos à procura da aliança, mas quando volto a encará-lo, sinto vontade de morrer.

Ele percebeu.

Jesus, será que o Senhor poderia fazer com que o chão se abrisse para me engolir?

— Eu não sou casado — ele diz, sem pena do meu embaraço —, mas vamos deixar algo bem claro: sou seu tutor, não alguém com quem está saindo. Quero sua

obediência, não ser sua primeira paixão. E mesmo que não fosse assim e eu não tivesse qualquer responsabilidade em relação a você, eu não saio com meninas. Acredite, você não conseguiria lidar comigo, ainda que os nossos papéis fossem outros.



Capítulo 15

Eu estava levando um pequeno pedaço de quiabo empanado à boca, que o garçom trouxe imediatamente após nos sentarmos e que eu acredito que seja um tipo de *hors d'oeuvre*^[14] desse restaurante.

Todas as vezes que voltei do internato nas férias, JeAnne os preparou para mim e acho que meio que me viciiei no aperitivo. Nunca consigo resistir a ele, embora depois corresse ao menos dez quilômetros na esteira para queimar as calorias.

Depois do que Ares fala, no entanto, eu paro o movimento no meio do caminho.

— O que disse? — pergunto, chocada tanto por ele ser o equivalente a um rolo compressor humano quanto por ter conseguido me ler tão bem.

— Você ouviu. Não estou aqui para ser sua primeira paixão, e sim para me assegurar de que está bem e

também ter certeza de que vai me procurar se for necessário.

— Eu nunca namoraria alguém tão velho — falo, porque acabo de descobrir que tenho uma veia vingativa.

Bastardo convencido.

Claro, ele tem razão em parte. Não sobre eu querê-lo para meu primeiro o que quer que seja, e sim porque seria tipo tirar na loteria se acontecesse. Inclusive porque Ares mora em Nova Iorque. Namorá-lo nem ia atrapalhar minha prática de balé. Bastaria uma vez a cada quinze dias e... Não, quinze dias seria pouco. Ele é muito lindo. Uma vez a cada semana.

— Volte à Terra, Serenity. Está sonhando acordada. Eu vi a maneira como olhou para mim, então pare com a encenação de que sou velho demais porque não vou comprar essa defesa.

— Eu acredito que um homem na sua posição deva ter mulheres se atirando aos seus pés, doutor Kostanidis, mas comigo, estará seguro. Meu coração já tem dono.

Gente, eu nunca inventei uma mentira tão rápido na vida. Bati todos os recordes.

Eu quase dou um tapinha nas minhas costas quando vejo sua expressão enrijecer.

Mas dura pouco. Logo, um sorriso de pura ironia se desenha na boca linda.

— Está mentindo. Não sai de casa a não ser para a prática de balé.

Pense rápido, Serenity.

— Tem razão. E isso porque não me interessa por mais nada que não seja feito junto ao meu Otis — falo depressa, lembrando-me do irmão de uma colega do colégio interno.

— Ele é quatro anos mais velho do que eu, e estuda ainda. Está terminando a faculdade, mas nas próximas férias virá me visitar.

— Eu quero o nome completo dele.

— O quê?

— Você me ouviu. Nome completo.

— De jeito nenhum. Ele vem de uma família nobre, posso lhe garantir. Além do mais, eu posso tomar conta de mim mesma.

— O que você pensa, não vem ao caso. Sou seu tutor. Quero saber quem é o rapaz.

Ai, meu Deus. Vou ter que ligar para Otis e pedir para ele confirmar minha mentira. Incrivelmente eu sou mais amiga dele do que de sua irmã.

— Tudo bem — falo e vejo sua sobrancelha erguer.

— Assim tão fácil?

— Quer que eu faça uma guerra por tudo? Como você mesmo apontou, sou uma boa menina. Uma jovem bailarina com uma carreira brilhante pela frente e um namorado lindo.

Eu olho para ele para tentar ver o que minhas palavras causaram, mas demoro um nada para me sentir uma idiota. A expressão de Ares continua neutra, óbvio.

Ele negociou para assumir minha tutela. Não está preocupado com minha vida privada.

— E milionária.

Eu tinha acabado de dar um gole na água, mas engasgo.

— O quê?

Sua expressão denota confusão.

— Como assim o quê?

— Eu pensei que tinha ouvido você dizer que sou milionária.

— Foi isso mesmo.

— Como é possível?

— Espera, VanLith nunca conversou com você sobre a fortuna que herdou?

Eu me sinto uma imbecil, alienada.

— Eu nunca perguntei.

— Não era seu dever perguntar, era o dele lhe informar assim que fez dezoito anos. Há muito em jogo. Seu futuro, principalmente.

Ele parece zangado agora. Não da mesma maneira que foi comigo. Ele parece bravo para valer e o que vem na minha cabeça é que o nome se encaixa nele como uma luva. Eu não queria ser aquele na posição de adversário para Ares. Ele não é explosivo. É de uma frieza assustadora, muito pior do que se gritasse.

— O que quer dizer com meu futuro estar em jogo?

— É uma menina inteligente, Serenity. Pense.

— Eu juro que não estou entendendo.

— Você é linda — ele começa e fico com raiva quando sinto meu coração cretino disparar porque ele fala isso de uma maneira clínica, e não como um elogio. — Mas se essa

beleza vem reunida em um bonito pacote de milhões de dólares, se torna muito mais atraente.

— Oh!



Ares

Jesus, eu tenho vontade de apertar o pescoço de VanLith neste instante.

Ela me olha em completa confusão e mais do que nunca me sinto uma canalha por tê-la cobiçado como faria com qualquer mulher que despertasse meu interesse.

Serenity não tem apenas dezoito anos, ela é um anjo doce em todos os sentidos.

— Quão sério é seu relacionamento com o tal Otis?

— O quê?

— Não responda com outra pergunta. Não vai funcionar.

Ela dá uma risada nervosa.

— A família de Otis tem muito mais dinheiro do que jamais terei. Você disse milhões de dólares na minha conta? Pense na dele mais como algo em torno de bilhões. Agora, será que pode me explicar um pouco sobre essa fortuna de que me falou? — pergunta, como se esperasse que eu dissesse a qualquer momento que a história é uma grande piada.

Meia hora depois, quando eu termino de lhe explicar o montante de sua herança, assim como o modo que pretendo investi-lo, ela está mais branca do que a toalha de mesa.

— Coma.

— Não sei se consigo.

— Consegue, sim. A apresentação aliada à tensão que a antecedeu provavelmente a impediu de se alimentar devidamente.

— Você é pai?

— Não.

— Está agindo como um.

— Meu papel é cuidar....

— Para que eu não caia nas garras de um canalha. Eu entendi, Ares, mas eu não sou um bebê.

— Não, você não é — falo, engolindo em seco, quando a observo levar um pedaço de queijo apimentado à boca.

— E tenho namorado. Um que não vai querer roubar minha fortuna.

Ela diz isso como se não desse a mínima para dinheiro.

— Pretende se casar com ele?

— Eu não pretendo me casar nunca. Vai ter que me aturar por sete anos inteiros, senhor Kostanidis. Mas não se preocupe. Eu não vou incomodá-lo. A única coisa que preciso é montar um estúdio de dança em casa. Eu pretendia ligar você e pedir isso, mas agora que sei que não estou à beira da miséria, não acho que vá me negar.

— Pode ter tudo o que quiser, Serenity.

— Ninguém pode ter tudo o que quer, Ares.

— O que isso significa?

— Todo o dinheiro que você diz que eu possuo não é capaz de trazer minha família de volta.



Capítulo 16

Paris

Dois anos depois

— Deveria contar a ele, Serenity — Debra diz, enquanto me observa dar os toques finais na maquiagem.

— Não — respondo sem encará-la e continuando a pintar os olhos.

Desde a noite da minha primeira apresentação solo, há dois anos, decidi tomar a tarefa para mim mesma. As maquiadoras sempre exageram na quantidade e eu me sinto até mais pesada com tanto rímel.

— Não está pensando direito. Aproveite que passará os próximos meses direto nos Estados Unidos.

— Eu já estou tensa só de saber que eu e ele moraremos na mesma cidade. Se eu contar a Ares sobre meu perseguidor, ele não vai me deixar respirar, Debra.

Há muito tempo que eu a chamo assim. Ela passou de mentora a uma amiga querida, causando inclusive ciúme em minha amada JeAnne.

Eu amo as duas, mas minha babá não aceita me dividir com a *baixinha de nariz em pé*, como ela chama Villatorro.

— Ele tem sido muito melhor do que nós imaginamos no começo — diz e eu sei que tem razão.

Depois do único jantar com Ares, nunca mais nos encontramos pessoalmente. Ele jamais sugeriu isso e embora eu gostaria de vê-lo de novo, sou orgulhosa demais para lhe pedir tal atenção.

A cada apresentação, não importa em que parte do mundo eu esteja, no entanto, recebo um buquê com três dúzias de copos-de-leite — minhas flores favoritas — e uma joia.

Não sei como ele descobriu sobre meu gosto para flores. Provavelmente devo ter comentado em alguma entrevista que dei.

Eu sempre o agradeço por mensagem. Sei que está fazendo aquilo por obrigação e também, de um certo modo, investindo minha fortuna ao me comprar as joias.

Eu nunca sequer as abri. Não dou a mínima para ouro ou diamantes.

Nos dois últimos anos, algumas coisas mudaram em minha vida. A mais drástica delas é que me profissionalizei e que estou prestes a me tornar a primeira bailarina do New York City Ballet. Mas mesmo antes de eu chegar ao meu tão sonhado topo, já sou aclamada mundialmente como o novo fenômeno mundial do balé clássico. Antes de receber o convite para o New York City Ballet, também fui requisitada para o Bolshoi, mas como pretendo levar JeAnne comigo aonde quer que eu vá, não a obrigaria a ir para tão longe.

Os planos de aposentadoria que eu pensei que ela tinha, aparentemente, foram arquivados por ora. Ela nunca tocou no assunto comigo e eu nunca lhe disse que encontrei os folhetos com propriedades na Flórida. Todos têm direito a guardar segredos.

Eu, ao menos, os tenho aos montes. Atualmente, a única pessoa que posso dizer que sabe tudo da minha vida é Debra. Eu não lhe escondo nada, inclusive a atração avassaladora que senti pelo meu tutor na única noite em que ele veio me ver.

Não é que eu não confie em JeAnne para compartilhar. Eu o faço. Amo-a como a uma mãe, mas às vezes tenho a sensação de que ela me vê como um bebê ainda.

Assim, Debra se tornou minha confidente e é justamente por isso que está me perturbando agora.

— Você já assistiu a documentários policiais? — pergunta.

— O quê?

— Eu estou falando especificamente sobre *stalkers*^[15], Serenity. Perseguidores que escolhem um alvo e fixam-se neles porque acham que estão destinados a ficar juntos ou o que quer que seja a explicação louca que dão a si mesmos.

— Passaram-se dois anos desde aquele ingresso que você encontrou, Debra. Nada aconteceu de grave desde então.

— É verdade, mas mesmo assim, a pessoa, e vou assumir aqui que seja um homem, quer que você saiba que ele está por perto. Os bilhetes recorrentes, a única rosa que surge do nada em seu camarim. Isso tudo são pistas de que ele está ao seu redor. Não tem medo?

— Um pouco, mas, honestamente, não acho que ele queira me fazer mal. Talvez seja só um fã. Um muito rico,

para correr mundo atrás de mim.

— Ou um muito louco. E cuidadoso, né? Porque nunca deixou DNA em seus “presentes” ou foi pego pelas câmeras.

Sei que ela mandou testar os bilhetes e não encontraram nada.

— Eu agradeço sua preocupação, Debra, e prometo que vou pensar a respeito, mas eu não me tornarei uma prisioneira do medo. Além do mais, o que Ares poderia fazer?

— Está brincando comigo? Nós duas o pesquisamos juntas. Os Kostanidis são uma espécie de realeza no país, assim como os Oviedo.

— Eu sei. Vamos fazer assim: quando eu chegar a Nova Orleans, para organizar a mudança para Nova Iorque, telefonarei para Ares.

— Não ache que vou me esquecer dessa promessa, Serenity. Eu cumpri o seu pedido de não avisar aos seguranças sobre as flores e os bilhetes, mas algo me diz que seu perseguidor está se tornando cada vez mais impaciente.

— Impaciente para quê?

— Para encontrá-la cara a cara.

Um arrepio de medo eriça os cabelos da minha nuca.

— Eu não quero mais falar sobre isso. Vou entrar no palco daqui a poucos minutos. Preciso me concentrar.

— Eu me preocupo com você como faria com uma irmã mais nova, Serenity Clementine. Eu não vou deixar que se machuque.



Capítulo 17

Nova Orleans

Quinze dias depois

— *Hey, estranha. Esqueceu de ligar para seu namorado?*

— Acabei de desembarcar. Você tem algum tipo de radar para me encontrar, Otis?

Na mesma noite em que cheguei do jantar com Ares, para não passar muita vergonha, eu decidi ligar para o irmão da minha colega de internato. Com muita vergonha, expliquei a situação. Eu e ele tivemos uma conexão especial desde a primeira vez que nos encontramos e foi assim em outras ocasiões também. Nunca chegamos a ser amigos, mas nos tornamos bons colegas, quando ele ia visitar Matilda, sua irmã um ano mais nova do que eu.

Eu nem sei como tinha o telefone dele na agenda. Não me lembrava de tê-lo pegado, mas quando o encontrei,

suspirei de alívio porque eu não tinha dúvidas de que Ares iria descobrir sobre Otis em um piscar de olhos.

Pelo que minha colega falava, o irmão era bem safado, não assumia namoradas, então eu estava ciente de que estava lhe pedindo um favor enorme.

Até hoje não consigo entender o que me deu para inventar aquela mentira. Eu quis salvar a minha dignidade, fingir que o primeiro pensamento ao conhecer meu tutor não foram bem pecaminosos e acabei me metendo em uma grande confusão.

O fato é que a relação de colegas nos tornou uma de amigos reais. Otis aparece nos lugares das minhas apresentações sem qualquer aviso e sempre me leva para jantar depois.

Eu até mesmo permiti que me beijasse em uma dessas ocasiões. A imprensa vinha nos retratando como um casal há muito tempo.

Quem sabe a mentira não poderia se tornar mesmo um namoro? — foi o que pensei.

Infelizmente, eu não senti nada. O que Ares fez meu corpo estremecer apenas segurando minha nuca, Otis não

conseguiu com a língua dentro da minha boca.

Eu o vejo como um irmão e quis liberá-lo do acordo depois de alguns meses, mas ele me disse que não se importa, e que ter rótulo de “homem tomado” o protege de muito problema.

Ele deve ser discreto ao sair com mulheres, porque todos acreditam que eu sou a oficial — uma oficial com uma galharia na cabeça, né? Porque pela quantidade de parceiras que ele me conta que fica, elas com certeza pensam que sou corna.

— *Estou chegando no seu país dentro de algumas semanas.*

— Deus, vou ser traída aqui também? — dramatizo.

— *Talvez eu esteja indo te pedir em casamento. Assim, podemos dividir sua fortuna e viver a vida como se não houvesse amanhã.*

— Você já vive como se não houvesse amanhã, querido namorado.

— *É, bem, eu havia esquecido que sou rico também — debocha.*

Na verdade, meu amigo safado é o novo CEO da empresa do pai, mesmo com apenas vinte e cinco incompletos.

— Falando sério, o que vai vir fazer aqui?

— *Talvez ajudar com a sua mudança.*

Reviro os olhos, mesmo que ele não possa me ver. Otis é do tipo que não lava um copo, quanto mais fazer força.

— Não se preocupe com isso — eu digo, enquanto entro no carro em que o motorista estava me esperando com a porta aberta. — Ares me mandou um e-mail detalhando todas as providências que tomou. JeAnne sequer terá trabalho de desempacotar as caixas.

— *Como ela está levando isso tudo?*

— Bem melhor do que eu pensei. Não achei que viria comigo. Estava preparada para aposentá-la se fosse o que ela desejava. Eu tenho certeza de que Ares não se oporia em lhe dar uma generosa compensação por todos estes anos.

— *Mas você ficaria sozinha.*

— Sozinha, não. Eu tenho Debra e você.

— *E seu tutor.*

— Não. Ele me vê da mesma forma como o senhor VanLith o fazia no passado.

— *Mas você o chama de Ares.*

— Está com ciúme, namorado?

— *E adiantaria? Sou rico e lindo, mas não tenho a experiência dele, a julgar pelo número de parceiras que já teve.*

Meu humor azeda. Não faço questão de ouvir esse tipo de coisa. Eu nunca pesquiso Ares na internet porque sou uma crente daquele ditado de “quem procura, acha”. Ele não é nada meu, mas de uma forma louca, me sinto possessiva e ia odiar vê-lo com uma mulher.

— O roto falando do esfarrapado, neste caso, namorado.

— *O que isso significa?*

Eu subo o vidro da divisória com o motorista para que ele não possa ouvir o que vou dizer.

— Não pode falar nada sobre Ares ser possivelmente um mulherengo, Otis. Eu sei que se fôssemos compromissados mesmo, eu seria tipo um alce, de tantos chifres.

Eu espero que ele vá rir, mas não é o que acontece. Ao invés disso, diz:

— *Se fosse minha, por que eu iria querer outra, Serenity?*

Eu fico sem jeito, seu tom parece sério e não quero ir por esse caminho. Dia a dia, ele se torna mais importante em minha vida. Uma presença constante.

— Você quase me pegou, Otis. Por um instante, achei que ia me declarar amor eterno.

Finalmente a risada dele vem e eu respiro aliviada.

— *Quase mesmo, não foi? Bem, eu preciso ir. Alguém tem que trabalhar sério nesse país.*

— Isso foi para mim? Eu duvido que você conseguiria sobreviver a uma sessão sequer de treinos com Debra.

— *Eu também duvido!* — Ele dá risada e esta é uma das coisas que mais amo no meu amigo: a capacidade de debochar de si mesmo. — *Eu te amo, Serenity.*

— Eu também. Não me traia muito.

— *Nada além do necessário.*

Desligo o telefone e fecho os olhos, ao mesmo tempo em que coloco a mão dentro da minha bolsa para guardar o celular. Mas no instante em que faço isso, sinto uma picada na ponta do dedo.

Primeiro eu acho que me feri em algum objeto pontiagudo, então eu começo a sentir a região latejando, e uma sensação de formigamento. Em seguida, vem a falta de ar^[16].

Eu bato na divisória do motorista, desesperada, e quando meus olhos já estão pesando, enfim lembro-me de abaixar o vidro.

— Ajude-me. Algo me mordeu. Por favor...

E então, eu não consigo mais me manter desperta. A escuridão me engolfa, mesmo que o sol ainda brilhe lá fora.



Capítulo 18

Nova Iorque

S/N Nightclub

— Tem certeza de que está tudo pronto para a chegada de Serenity? — eu pergunto ao meu novo assistente, sentado em frente à minha mesa, no escritório da *S/N*.

— Sim, doutor Kostanidis. Tudo exatamente como me ordenou.

— E a montagem da sala de dança dela?

— Ainda em andamento, mas eles me garantiram que ficará pronta cinco dias antes que a senhorita Blanchet aterrise em Nova Iorque.

— O avião que a trará será um dos nossos. Eu não a quero em um voo comum.

— Quanto a isso, doutor Kostanidis, sua... — Ele pausa, como geralmente todos fazem em relação a Serenity.

Ninguém sabe como defini-la em minha vida, nem mesmo meus irmãos. — *Tutelada* disse que prefere um voo comercial.

— Não, ela virá no meu avião.

Dois anos já se passaram desde que eu me tornei responsável por ela e durante todo esse tempo, eu me mantive relativamente à distância, ou ao menos é o que todos pensam. Dei-lhe sim, liberdade para crescer, garantindo que Serenity teria tudo o que precisava, mas eu nunca estive longe de fato.

A partir do momento em que a deixei em casa depois de tê-la levado para jantar, naquela noite longínqua, em Nova Orleans, eu entendi o conceito mais puro da palavra “obsessão”. Foi isso o que ela se tornou para mim. Quanto mais eu tentava neutralizá-la em minha corrente sanguínea, mais ela parecia se inserir sob minha pele.

Por dois anos em a observei crescer, florescer. Ela tornou-se o que estava destinada a ser: uma bailarina de sucesso e não uma qualquer, mas aquela que vem emocionando plateias do mundo inteiro.

Dois anos em que o relacionamento dela com o pirralho do Otis Schulz se solidificou.

Eu virei a vida dele do avesso e não consegui encontrar nada de desabonador em relação ao rapaz. Ele vem de boa família, como a própria Serenity já havia me dito, é ainda mais rico do que ela, e principalmente e o mais importante para mim, parece absolutamente devotado à minha... protegida.

Sinto meu maxilar contrair como sempre acontece quando penso a respeito disso, mesmo sabendo que tomei a decisão certa em nunca ter cedido ao desejo por ela.

Eu a destruiria se tivesse levado-a para cama e é o que aconteceria se eu permanecesse em volta dela.

Eu me conheço.

Eu a quis sem nem ao menos ver seu rosto. Eu a desejei com voracidade naquele pequeno camarim no teatro em Nova Orleans. Eu fantasiei com seu corpo perfeito sob o meu, as pernas em volta da minha cintura enquanto eu me afundava em seu interior.

Proibi-me de tê-la, entretanto. Serenity era jovem... ela *ainda* é muito jovem e vulnerável. Ela merece alguém que

traga o mundo aos seus pés e eu não sou essa pessoa. Assim como acredito que acontecerá ao meu irmão, eu não pretendo me casar e basta olhar no rosto inocente da garota para entender que para ela só serviria o pacote completo.

Não importa que tenha me dito que não pretende se casar também, mulheres como Serenity merecem um conto de fadas.

Eu posso lhe dar uma foda suja, fazê-la gritar de prazer montando meu pau, mas não posso entregar-lhe nada além do que bom sexo e, no fim, quando eu me cansasse dela, o que eventualmente aconteceria, ela ficaria destruída.

Nos primeiros destes vinte e quatro meses que se passaram desde que me tornei seu tutor, a revanche da minha família contra os Gordon finalmente foi concretizada. O nome dos meus pais, vingado.

Sim, meus pais.

Ambos, porque nada do que pensamos que sabíamos sobre a história da minha mãe era verdade. Emerson Gordon nunca passou de um bastardo mentiroso e no fim, ele teve a punição que merecia^[17].

Zeus e Dionysus estão casados agora. Meu irmão mais velho, com Madison, a ex-dançarina. Dionysus, com a ex-babá de Joseph, meu sobrinho.

Penso nos casais que se formaram na família e me pergunto se para nós, os Kostanidis, o simples algum dia será uma opção. Mesmo que agora ambos os meus irmãos estejam felizes com suas esposas, eles atravessaram um inferno antes de alcançarem o pote de ouro no fim da porra do arco-íris.

— E os guarda-costas que solicitei? — pergunto.

Pela primeira vez desde que a reunião começou, meu novo assistente, Elmer, me olha confuso. Ele está comigo há apenas três meses e inicialmente eu pensei que não funcionaríamos juntos. É metódico, e vive a vida usando uma espécie de antolhos. Qualquer coisa que saia um milímetro do que ele programou o deixa perdido.

Logo percebi, entretanto, que ele tem uma capacidade de adaptação acima do normal. É um geek, certamente, mas é bom no que faz e embora eu saiba que planos “b” o tiram de sua zona de conforto, ele tem conseguido desempenhar suas funções com competência.

— Eu achei que a senhorita Blanchet já tivesse a equipe para protegê-la formada.

— Nós conversamos sobre isso na semana passada, Elmer.

Ele tosse e eu sei a razão. Eu o chamei pelo primeiro nome. Foda-me se o garoto não pensa que nasceu na realeza.

— Sim, eu sei, mas eu pensei que...

— Vamos esclarecer algo: no que diz respeito a Serenity, não pense. Esse é o *meu* papel. Eu a quero segura e se não percebeu ainda, meu desejo não é uma vontade, é uma *ordem*. Se for preciso contratar um exército inteiro para protegê-la, assim será feito.

Ouçõ duas batidas na porta e sem que a secretária anuncie, Hades e Dionysus entram.

Faço um gesto com a cabeça para que Elmer saia e apenas quando bate a porta atrás de si, levanto-me para cumprimentar meus irmãos.

Hades tem aparecido mais, mesmo que do seu jeito, cheio de segredos, misterioso e sombrio. Já Dionysus, só vem quando quer discutir algo sério, já que ele não quer

enfurecer sua ruiva espevitada chegando em casa tarde da noite. Cici, a esposa dele, parece doce como um pote de mel, mas tem um gênio infernal e é uma das poucas pessoas que vi até hoje com coragem de enfrentar o meu irmão.

— Uma visita? — pergunto principalmente a ele. — Entediado com a vida de casado?

Ele não manda que eu me foda, como seria normal. Dionysus está completamente domado pela esposa, louco por ela e não tem problema em admitir isso.

Nenhum dos dois fala nada e bastam alguns segundos para que eu entenda que há algo de errado.

— O que diabos está acontecendo? — pergunto, já de pé.

— Seu celular está desligado.

— Não, ele... — Pego o aparelho e vejo que a bateria morreu.

Merda.

— Quem? — pergunto, porque sei que eles não estão me trazendo boas notícias.

— Serenity.

Sinto meu sangue gelar.

— O quê?

— Ela foi internada. Precisamos ir para Nova Orleans.



Capítulo 19

Nova Orleans

Horas depois

Eu ouço meu telefone vibrar em cima da mesinha lateral no leito do hospital e quando estendo a mão para pegá-lo e ver de quem é a mensagem, todo o torpor que estava sentindo desde que acordei, desaparece.

Ares: *“Não se atreva a sair do hospital antes que eu chegue aí.”*

Bruto. Autoritário. Arrogante.

E ainda assim, faz meu coração disparar.

Como isso é possível?

Ele está vindo me ver? Talvez eu devesse ter tentado morrer antes.

É, meu humor está sombrio. Como seria diferente?
Alguém colocou um escorpião dentro da minha bolsa!

A mensagem é de cerca de quatro horas atrás, o que significa que ele deve chegar a qualquer momento.

Já é madrugada.

Ele deixou tudo em Nova Iorque para vir me ver?

Eu releio a mensagem três vezes, tentando adivinhar o que aquilo vai significar para o meu futuro.

Não a mostro para Debra, que chegou da Europa há algumas horas e nem mesmo para JeAnne, cujos olhos estão vermelhos de tanto chorar.

Ela já me abraçou e beijou tantas vezes para ter certeza de que estou mesmo bem, que eu já não sei mais o que dizer para confortá-la.

Debra a convenceu a ir até a cafeteria do hospital para comer alguma coisa porque ela não saiu do meu lado por um segundo sequer desde que chegou aqui.

Agora, estamos eu e minha mentora nos encarando e ela não parece feliz.

— Se você não contar a Ares, eu mesma contarei — diz, soando zangada.

Sei que foi ela quem mandou avisá-lo, porque me contou.

Eu suspiro e faço um gesto de cabeça para o celular.

— Ele está vindo — digo.

— Serenity, você sabe que o que está acontecendo não é culpa sua, né? Não caia na bobagem de achar que fez algo para atrair a atenção desse louco.

Eu faço que sim com a cabeça, porque não imagino um motivo sequer para alguém querer me fazer mal.

— Como ele pode ter colocado o escorpião na minha bolsa sem que eu tenha notado, Debra?

Ela não tem chance de responder. Antes que possa dar uma próxima piscada de olhos, a porta se abre e o meu deus da guerra, mais lindo do que eu lembrava, paira no umbral. Eu posso ver dois outros homens atrás dele, mas só sei que são homens pela estatura e os ternos. Não há como dar atenção a outro ser humano com Ares Kostanidis parado a tão poucos passos de mim.

Eu não consigo falar. Apenas o encaro. Pensei muitas vezes em como seria nosso reencontro, quando eu enfim chegasse a Nova Iorque, mas nada me preparou para a corrida louca que meu coração executa neste instante.

É como se eu estivesse entorpecida durante os últimos dois anos e por fim despertasse.

É como se ar fresco enchesse meus pulmões e minha pulsação encontrasse o ritmo correto.

Eu passei meses pensando no motivo do meu corpo ter reagido a ele daquela maneira na única noite em que estivemos juntos. Enganei-me dizendo que era porque nunca antes havia estado perto de alguém tão lindo ou poderoso, mas agora, quando a avalanche de emoções me atinge com a mesma intensidade, eu tenho a certeza de que sempre que eu estiver ao redor dele, será assim.

Dois anos se passaram. Eu viajei, conheci outras pessoas, rapazes inclusive, mesmo com meu falso compromisso com Otis. Ninguém jamais me fez sentir desse jeito. Nada nem perto disso.

Ele usa um terno negro e camisa branca, social, sem gravata. Agora, um pouco mais velha, eu reparo em detalhes que antes me passaram despercebidos, como o modo como a camisa social se estica contra o peito, delineando a musculatura. Ou como a calça marca os quadris estreitos e as coxas musculosas.

O cabelo está desgrenhado e a barba, por fazer, o que o deixa ainda mais sexy.

— Eu quero todos fora — ele diz de repente, ainda olhando para mim. A voz soa como uma trovoada.

Dá um passo para dentro e seu corpo grande parece preencher o quarto inteiro.

— Ares — um dos homens que o acompanham chama, em tom de advertência e entrando também.

Ninguém precisa me apresentá-los para que eu saiba que se tratam de seus irmãos.

Os olhos dos três são idênticos. Não a cor especificamente, mas o formato... talvez a maneira de encarar as pessoas também.

Não há uma gota de suavidade neles.

O que falou tem o cabelo mais longo, na altura dos ombros, barba e usa óculos de armação quadrada. O segundo homem acompanhando Ares, muito lindo também, não diz nada. Não tenta acalmar o irmão, ao contrário, ele me encara parecendo tão aborrecido quanto meu tutor.

— Eu sou Debra Villatorro — minha mentora não se deixa intimidar e estende a mão para ele.

Por alguns segundos, Ares desvia os olhos de mim e a encara como se decidindo se ela merece uma resposta ou não.

Ele está muito ferrado se ignorá-la. Debra não se dobra para qualquer outra pessoa.

— É um prazer conhecê-la, senhora Villatorro — diz, embora não haja qualquer prazer na maneira como fala.

Outra coisa que me chama a atenção também é que Ares sabe que ela é senhora, e não senhorita. Poucas pessoas têm conhecimento do fato de que já foi casada.

Por que isso me espanta? Mesmo à distância, ele já deu várias demonstrações de que controlava cada passo meu. É natural que saiba sobre as pessoas que me cercam também.

— Senhor Kostanidis, eu não acho uma boa ideia... — Debra começa a falar.

— Eu realmente não estou preocupado com o que a senhorita acha. Agradeço por ter entrado em contato, mas Serenity é minha responsabilidade.

Eu me seguro para não lhe dar uma resposta atravessada porque imagino a razão dele estar tão furioso.

A polícia saiu daqui há poucos minutos, e tomou meu depoimento. Debra pode ter ligado para ele avisando que fui picada por um escorpião, mas eu tenho certeza de que quem contou que precisei prestar depoimento e muito pior, o teor da minha conversa com os detetives, foram os guarda-costas.

Ela abre a boca para retrucar, mas eu a interrompo.

— Pode nos deixar a sós, Debra. Eu vou ficar bem.

Ela faz parte da minha vida e nos próximos cinco anos, ao menos, Ares também fará. Não faz sentido incentivar uma guerra entre os dois.

Minha amiga vem até mim e me dá um beijo na testa antes de sair.

— Estarei no corredor — ela diz.

Noto que os homens estão indo também e um pequeno ataque de pânico me atinge. Eu vou ficar sozinha com ele?

Não que tivesse a ilusão de que qualquer um dos dois poderia me proteger da fúria do meu tutor, mas ao menos o de barba parece um pouco mais calmo, tipo, em uma escala de zero a cem na ira, ele talvez seja noventa e dois,

enquanto Ares e o outro facilmente ultrapassariam o cento e cinquenta.

— Não vai me apresentar aos seus irmãos? — pergunto, em uma tentativa desesperada de ganhar tempo, antes que eles saiam.

Ele aperta os olhos e posso ver que entendeu minha manobra.

— Eu sou Dionysus e ele é o Hades — novamente o de cabelo comprido diz e acho que sua boca se ergue um pouco em um sorriso irônico.

Por quê? Por que tive coragem de jogar na cara de seu irmão que é um “sem modos”?

— Todos deuses? — pergunto, fruto do mais sincero nervosismo e dessa vez o sorriso do homem é real.

— Está dopada ainda, Serenity? — pergunta.

Meu rosto ferve de vergonha.

— Quando estou nervosa eu falo a primeira coisa que vem na minha mente.

Ele assente.

— Sim, somos todos deuses, mas, no momento, sua única preocupação deveria ser com este aqui — diz, batendo no

ombro de Ares.

Percebo que ele aperta suavemente o ombro do meu tutor e sussurra algo que não consigo ouvir.

Então os dois saem, me deixando para enfrentar o que sei que não será uma conversa fácil.



Capítulo 20

Eu a assisti no palco, oculto nas sombras, nestes últimos dois anos e se tinha alguma esperança de que o impacto da beleza dela acabaria se neutralizando para mim, acabo de constatar que me iludi. Serenity é agora ainda mais perfeita do que quando nos conhecemos.

Todos os traços do fim da adolescência se foram.

Ela ainda é muito jovem, mas não há dúvidas de que é uma mulher completa.

O cabelo longo ainda, cai solto pelas costas e também um pouco pela frente do corpo, criando um cobertor castanho, trazendo novamente à tona o desejo de enroscar meus dedos nele.

Guardo as duas mãos nos bolsos do terno e me obrigo a me concentrar no que vim fazer aqui, embora os olhos de boneca, que neste momento demonstram insegurança, e a boca de lábios cheios e naturalmente rosados, sejam uma fodida distração.

Quando me dispus a ajudar meu irmão Zeus, me tornando o tutor da então órfã e aspirante a bailarina, a única herdeira das ações que ele necessitava, eu pretendia manter nosso relacionamento em termos impessoais, durante o tempo que durasse minha obrigação.

Sabia que eventualmente teríamos que nos encontrar, mas bastou uma única visita a Nova Orleans para que eu soubesse que nossa convivência seria uma péssima ideia.

Mesmo que não fosse pela atração instantânea que senti por ela, eu não crio laços além dos familiares. Não queria uma mulher para cuidar — no caso, uma garota.

Eu a estava protegendo de mim mesmo, do meu desejo por ela porque o que houvesse entre nós, não iria durar.

Tudo o que Serenity Clementine tinha que fazer era ficar sossegada, manter-se como uma boa menina, alcançar a maldita idade estipulada no testamento para tomar posse dos seus bens e desaparecer da minha vida para sempre.

Não correr riscos. Não despertar a loucura de um fã obsessivo, mas antes de tudo, e em primeiro lugar, não ocultar nada de mim.

Eu mal concluo o pensamento e me sinto um bastardo sobre as duas primeiras questões. Ela não tem culpa de ser tão linda e talentosa. É claro que conquistou o coração de fãs ao redor do mundo, e dentre eles, centenas devem ser pervertidos.

Mas ela está muito errada por não ter me dito desde o começo que havia alguém assombrando-a.

Segundo os guarda-costas que a ouviram depor me relataram, está ocorrendo desde que voltou para Nova Orleans, vinda do internato alemão.

Há mais de dois fodidos anos.

Serenity revelou também à polícia que o filho da puta lhe deixa presentes e bilhetes e o que passa pela minha mente é: onde estavam os seguranças, cuja única missão nesta porra de planeta era protegê-la, que deixaram que alguém que representava risco para ela se aproximasse tanto?

A mudança dela para Nova Iorque me deixou dividido. Ao mesmo tempo que me agradava a ideia de tê-la ao alcance da mão, essa é uma via de mão dupla. A tentação também estaria próxima demais.

Agora, no entanto, eu estou decidido a mantê-la perto de mim. Por mais que eu não queira qualquer proximidade porque me conheço o suficiente para saber onde provavelmente acabaremos se eu der vazão ao meu desejo, sou um Kostanidis e por enquanto, ela é minha.

Ninguém irá machucá-la.

— Você é minha. O que no inferno passou pela sua cabeça ao não me falar que estava sendo perseguida?

— Você nunca mais veio me ver.

Eu passo a mão pelo cabelo, irritado.

— Então foi isso? Eu não vim te ver e como retaliação você me esconde algo que poderia prejudicá-la ou muito pior?

— Claro que não. Eu... eu não precisava chamar você. Eu tenho Otis!

— E onde ele estava que não a protegeu? Você poderia estar morta, Serenity. — Eu não digo isso para assustá-la, mas porque preciso que ela entenda a gravidade da situação, mas no momento seguinte, sendo quem sou, eu a isento de qualquer responsabilidade e trago tudo para as

minhas costas. Passo as duas mãos pelo rosto. — Você tem razão. Eu não deveria ter desaparecido como fiz.

— Você não desapareceu. Tem sua vida. Não sou uma criança. Também tenho a minha.

Eu ignoro o ato de rebeldia. Falhei com ela. Ir a algumas de suas apresentações ao redor do mundo não chegou nem perto de ser o suficiente. Nunca mais acontecerá.

— Mudança de planos. Não vai mais morar no apartamento que eu havia designado para você.

— O quê?

— Você me ouviu. Vai morar em uma unidade no andar abaixo do meu. Sou dono do prédio inteiro. Os apartamentos são duplex, terá todo o conforto possível e também poderei vigiá-la melhor assim.

— *Vigiar-me?* Eu não preciso ser vigiada.

— Foi o que pensei antes, mas aqui está você, com veneno de escorpião em sua corrente sanguínea e que poderia ter sido fatal.

— Mas não foi, Ares. Eu estou bem.

Apesar do que diz, seu lábio inferior treme.

Não sou um cara sensível. Ao contrário, sou um bastardo sem coração, mas vê-la fragilizada traz algo próximo a uma bola de ferro para o meu estômago.

— Não estamos em um debate. Você se mudará para onde eu determinar, Serenity.

— E se eu não quiser?

— Eu vou colocar um exército atrás de você. Ou melhor, eu mesmo irei em cada viagem que fizer.

— Não teria tempo. É um empresário e eu, uma bailarina. Temos vidas separadas.

— Só preciso de um celular e um notebook, menina. Não me teste. Não ache que pode ganhar em uma queda de braço comigo. Você não teria a menor chance.

Ela abre a boca para falar, mas eu faço que não com a cabeça.

Eu nunca me senti tão dividido na vida.

Quero apertar o pescoço dela e, ao mesmo tempo, puxá-la para mim e protegê-la.

Quero virá-la de bruços e surrar sua bunda por ter me escondido um segredo tão sério por tanto tempo e também lhe jurar que vai ficar tudo bem.

Quero trancá-la em uma fodida torre onde apenas eu possa visitá-la e, mas também, lhe dizer para lutar, não permitir que um doente roube sua vida.

Decido por um meio-termo.

— Pode discutir o quanto quiser, Serenity. Enquanto não apanharmos quem tentou machucá-la, ficará sob supervisão.

— Eu terei apresentações em breve. Está me dizendo que irá atrás de mim ao redor do mundo?

— As próximas apresentações serão aqui nos Estados Unidos porque tenho sua agenda — entrego, confessando uma pouco da minha obsessão. — Mas sim, quando forem em outros países, irei também.

Na verdade, eu acabo de me decidir a respeito, mas ela não precisa saber disso.

— Você não poderá.

— O quê?

— Disse que só precisa de um notebook e celular, mas não é verdade. Eu li a reportagem, Ares. É dono da boate *S/N* e a frequenta todas as noites.



Capítulo 21

Eu quero engolir cada palavra assim que acabo de falar, mas percebo que é tarde demais ao enfrentar a cara de espanto e depois de raiva, de Ares.

— O que você disse?

Estou muito intimidada, mas chateada também. Não posso dizer que fui enganada em relação ao meu tutor. No único contato que tivemos cara a cara, ele deixou claro que é controlador e arrogante, mas mesmo assim, chegar aqui como o deus do universo dizendo que terei que mudar de planos e ir morar em seu edifício é um pouco de exagero até mesmo para ele.

Eu quase peço desculpas.

Quase.

Mas eu percebo que tenho uma vantagem se a expressão de surpresa dele for alguma pista.

Há alguns meses, surgiu uma reportagem sobre um *nightclub* secreto, chamado *SIN*, e que era frequentado por

autoridades do mundo inteiro.

Não havia muito na notícia, a não ser o fato de que pertencia, alegadamente, a Ares Kostanidis, o herdeiro de uma das famílias de banqueiros mais poderosas do mundo, e também que o lugar só era acessível à elite da elite.

Eu não sei o que aconteceu depois, mas de repente, todas as notícias a respeito desapareceram dos sites do planeta. Como eu sei disso? Porque eu pesquisei. Eu não quero saber da vida amorosa do meu tutor, mas pela vida profissional, eu fiquei curiosa. Infelizmente, continuo na ignorância porque não faço ideia do que a *SIN* representa. Mas um lugar que se chama “pecado” faz com que a imaginação corra solta.

E de que tipo de pecado será que estamos falando?

Se eu, uma virgem até na alma, tive meu interesse despertado, eu imagino o que não acontece com homens e mulheres dos Estados Unidos. Não duvido que eles tenham agora uma fila de espera para associados.

Sim, *associados*, como uma espécie de clube, segundo a reportagem.

— Serenity, responda a minha pergunta.

— Você me ouviu... —eu pauso porque sei que o que vou dizer vai cutucar a onça com vara curta. —, Tio Ares.

— *Tio Ares?*

Para minha decepção, ele não parece afrontado, e sim divertido.

— Quer me tratar como um bebê. Estou agindo de acordo.

— *Tio Ares...* — ele repete. — É, talvez esse título funcione.

Sem dizer uma palavra, ele vai até a porta e a tranca.

Eu deveria sentir medo, mas não é o que acontece. Eu confio no meu coração, e ele me diz que se há alguém no mundo com quem sempre estarei segura, é com o meu tutor.

— O que está fazendo? — pergunto, quando ele começa a caminhar para onde estou.

Ele não responde. Senta-se na cama e com um movimento rápido, me puxa de braços sobre seu colo. Sem que eu espere, ele estala uma palmada na minha bunda, por cima da camisola fina do hospital.

Em seguida, me coloca de volta na cama.

— Por que fez isso? — pergunto, a voz saindo desafinada, fruto de uma confusão de emoções tão intensas que não consigo nem começar a entender.

Eu ainda posso sentir a palma enorme contra minha pele. Ele não bateu com força. Ardeu, mas não foi a sensação da palmada o que fez com que meu corpo reagisse e sim a maneira dominante com que ele me pegou.

Dominante?

Deus, de onde eu tirei isso? O que sei sobre domínio?

— Você me chamou de tio. Achei que seria assim que um *tio* reagiria quando estivesse diante de uma sobrinha desobediente.

— Só porque eu perguntei da boate?

— A *SIN* não é da sua conta.

— Então ela existe?

— Não estamos aqui para falar de mim e sim, da sua segurança.

— Eu acho que esse negócio de ficar na minha vida é uma via de mão dupla, ti... — Limpo a garganta. — Ares.

— Uma palmada não foi o suficiente?

— Não sei do que está falando.

— Ia me chamar de tio outra vez, atrevida.

— Não está com sono? É madrugada. — Tento disfarçar para ver se ele esquece o assunto.

Eu tenho medo de abrir a boca e dizer que quero mais palmadas. Eu poderia mentir, falando que odiei, mas será que vai acreditar?

Não, ele não vai. Pela maneira que olha para mim agora, um misto de curiosidade e confusão, talvez saiba exatamente o que sua palmada inesperada causou no meu corpo.

— O que o médico disse? — Graças a Deus ele muda de assunto.

— Não falou com ele ainda?

— Não. Eu queria te ver.

Pela primeira vez entendo o que ele fez. Pegou um avião no meio da noite para ter certeza de que eu ficaria bem.

— Por ser o meu tutor?

— Porque enquanto você estiver sob meus cuidados, é minha.

— Otis poderia discordar disso — provoco, e só Jesus seria capaz de explicar porque acabei de dizer uma bobagem

dessas.

— Otis é um menino. Você precisa de um homem para protegê-la. Tem a mim e não vou permitir que quem quer que tenha feito isso, se aproxime novamente. Qual das mãos?

Eu mostro a esquerda, onde ainda se nota na ponta do dedo a picada do escorpião.

— Não há maneira desse bicho ter vindo comigo de Paris. Ou ele estava no carro ou colocaram na minha bolsa no aeroporto.

Ele ainda não soltou minha mão. Na verdade, apesar de olhar para mim, seu polegar percorre minha palma. Eu não sei se ele percebe o que faz, mas eu, sim, e meu coração bate como se estivesse prestes a infartar.

Eu me lembro do que ele me disse na noite em que jantamos, há dois anos:

“Quero sua obediência e não ser sua primeira paixão. E mesmo que não fosse assim, eu não saio com meninas. Acredite, você não conseguiria lidar comigo, mesmo que os nossos papéis fossem outros.”

— Eu tenho uma contraproposta a fazer.

Ele solta minha mão imediatamente.

— Em relação ao quê?

— A sua vigilância controladora sobre mim até que o homem que está me assediando seja capturado.

— Acha que está em posição de negociar?

— Não, mas vou morrer tentando. Não quero transformar nossa convivência em um inferno, então acho que podemos entrar em um acordo.



Capítulo 22

— De que tipo? — Ele soa desconfiado, mas ao menos está me ouvindo.

Eu acabo de decidir que quero conhecer mais dele. Não apenas em seu papel de tutor, mas como homem também.

— A cada ordem que me der, eu tenho direito a um pedido.

— A resposta é não se isso significar que você correrá riscos, Serenity.

— Não. Prometo. Mas quero ter uma zona de manobra.

— Exemplifique.

— Eu não saberia neste instante, mas juro que não pedirei nada que seja embaraçoso para você, nada ilegal e muito menos que me colocará em risco.

— Eu poderia te obrigar a me obedecer de qualquer modo, sem mesmo fechar um acordo contigo.

— Estou começando a ganhar dinheiro como profissional. Sou chamada para entrevistas e até mesmo para

representar uma marca de perfume famosa. Ficaria surpreso se eu lhe contasse quanto estão dispostos a me pagar. Eu poderia abrir mão da minha fortuna, e então, me meter em encrenca. Nosso contrato estará acabado, mas algo me diz que gosta do controle total, Ares. Não vai querer olhar para trás daqui a alguns anos e lembrar que falhou comigo.

Os olhos dele soltam faíscas de fúria e eu desconfio que é porque não está acostumado a ser desafiado, mas por sua expressão, sei também que acertei em cheio.

— O que você quer?

— Quero que seja meu amigo, em primeiro lugar.

— Não. Sou seu tutor. Amigos não devem obediência um ao outro.

— Sou adulta, Ares.

— Mesmo? Não percebi. Seu comportamento irresponsável diz o contrário. Eu quero que me conte tudo sobre assediador, o que, aliás, já deveria ter feito há muito tempo.

Eu olho para minhas mãos, descansando sobre os lençóis. Viro a palma para cima, focando mais uma vez na minúscula picada do escorpião.

— Acha que pode ser um fã? — pergunto.

— Quem mais seria? Você não sai de casa, tem poucos amigos. A não ser que...

— A não ser que o quê?

— Seja um inimigo do seu namorado.

— Não. Meu... Huh... relacionamento com Otis só começou a ficar mais sério depois da minha estreia como solista.

— Depois da noite em que jantamos, você quer dizer. — Ele me encara como se pudesse ler minha mente e soubesse de todas as minhas mentiras e pecados. Quanto a pecados, eu nem tenho tantos assim, mas sobre mentiras... Jesus!

— Sim, isso mesmo.

— De qualquer modo, mandarei investigá-lo.

— Já não o fez?

— Não. Conferi as informações que me deu e batiam, mas como vocês quase não se viram nesses últimos dois anos, não achei necessário ir mais fundo.

— Nem todo mundo tem tempo para sair todas as noites. Eu e Otis temos um ótimo relacionamento, mas vidas à

parte.

— Platônico?

— O quê?

— Você me entendeu, Serenity.

Por alguns segundos, eu não entendo mesmo, então sinto como se lava de vulcão me queimasse por dentro. Ele está me perguntando se já fizemos sexo?

Eu o encaro para ter certeza de que foi isso mesmo que quis dizer, mas quando vejo a sombra de um sorriso sardônico, a raiva vence a vergonha.

— Nada platônico. Quando ele me visita, não saímos do hotel, se é que me entende.

Ele nunca vai ter certeza se estou falando a verdade. Otis aluga quartos ao lado dos meus e com portas de comunicação entre eles, embora nunca tenhamos feito uso delas porque sempre tranco a minha pelo meu lado, mas pelo menos posso fingir que não sou tão inexperiente assim.

Quando vejo que a face irônica se transmutou em carranca, fico satisfeita.

— Conte-me sobre o assediador.

— Naquela noite em que você foi me ver no teatro, eu achei que tinha alguém no meu camarim.

— O quê?

— Por trás do cabideiro.

— E por que não avisou aos guarda-costas?

— Pensei que estava ficando louca. Havia poucos meses que tinha saído do internato, acreditei que estava exagerando, já que tudo para mim era novidade. Mas...

— O quê?

— Começaram a surgir bilhetes e, às vezes, uma única rosa vermelha, não importava em que parte do mundo eu estivesse.

Ele anda de um lado para o outro como uma fera enjaulada, e mesmo que as lembranças das vezes em que senti medo ainda hoje me deixem ansiosa, não consigo desviar os olhos do meu tutor. Com todo seu mau-humor e arrogância, Ares é um espetáculo de se ver.

— Jure que nunca mais me esconderá algo assim, Serenity — ele diz, vindo para perto e segurando meu queixo.

— Eu juro. Não queria preocupá-lo à toa.

— À toa? Você acaba de me dizer que vem sendo stalkada por dois anos e acha que isso não é nada de mais?

— Eu sei. Fui uma tola. Debra já brigou comigo diversas vezes por isso.

— Quem mais sabe?

— Apenas ela e JeAnne. Nem mesmo para Otis eu contei.

— Ou para mim.

— Não fiz de propósito.

— Por que razão, então?

Balanço a cabeça, sem vontade de falar.

— Conte-me.

— Eu não quero que sinta pena de mim.

— Acabei de espancar sua bunda depois que foi picada por um escorpião. acredite em mim quando eu digo que não sou do tipo que sente pena, Serenity.

— É um sádico, então?

Meu Deus do céu! Por que eu fui perguntar algo assim?

Para minha surpresa, ruguinhas de riso se formam em volta dos olhos dele, embora tente disfarçar.

— Nunca pensei a respeito, mas acho que não. Causar dor não me dá prazer.

— O que o faz?

Ele me olha com tanta intensidade que estremeço. É como se um elo invisível se formasse entre nós. Então, sua expressão volta à neutralidade.

— Essa conversa é inapropriada.

— Eu disse que quero ser sua amiga.

— E eu nunca falei que concordaria com isso. Agora, conte-me por que não disse nada antes sobre esse assediador.

— Porque me acostumei a ser sozinha, em primeiro lugar. Fui mandada para o internato com cinco anos, Ares. Você aprende a lidar com seus próprios medos.



Capítulo 23

— *Você está me dizendo que o escorpião que a picou foi geneticamente modificado?* — Christos pergunta na chamada de vídeo com a minha família, parecendo tão chocada quanto eu fiquei quando o chefe da equipe médica que a atendeu levantou essa possibilidade.

Nossa volta a Nova Iorque teve que ser adiada. Apenas Dionysus retornou, mas Hades continua comigo.

Para minha surpresa, antes de receber alta do hospital, Serenity me fez um pedido: ela quer vender a casa na qual nasceu. Disse-me que mesmo que um dia volte a Nova Orleans, não pretende morar mais aqui.

Eu, claro, questioneei a razão. É o último elo que tem com os pais mortos. Nós mantemos até hoje a casa que meus pais possuíam em nossa ilha na Grécia, por puras razões sentimentais, já que raramente vamos lá. Cada um agora

tem a própria ilha. Talvez, com o nascimento dos meus sobrinhos e com Zeus e Dionysus casados, isso mude.

A resposta de Serenity foi lógica, e triste também. Ela disse que a casa da infância que se lembrava era o internato. Todas as suas recordações se resumem a JeAnne e o colégio alemão.

Ela sabe quem foram os pais e me disse que às vezes sonha com cenas de sua infância, mas nada claro, como se estivesse assistindo a um filme antigo, sem a presença dos dois. Pedacos soltos de memória.

Assim, ao invés de uma mudança temporária, em que a maior parte das coisas seria mantida na Louisiana, eu mandarei que enviem tudo o que ela deseja guardar para o apartamento em Manhattan.

— Não temos certeza ainda — enfim respondo. — Mas o médico acha que essa é a única explicação possível.

— *Por que ele pensa assim?* — Zeus questiona.

— Porque o escorpião que picou Serenity era um *Tityus Serrulatus*. Uma espécie letal, conhecido também como escorpião amarelo brasileiro. Ele pode causar a morte entre uma e seis horas depois da picada.

— *Mas não foi o que aconteceu.*

— Não é por isso que desconfio na mudança genética. O médico disse que já leu sobre um episódio assim uma vez, há muito tempo, mas era uma aranha. Foi enviada para matar um líder político daqui mesmo da Louisiana. Mas no incidente que me relatou, a aranha teve a genética transmutada para aumentar seu potencial de ação. Ele estudou o caso na escola e quando viu o animal que picou Serenity, o reconheceu imediatamente e sabia que se ela tivesse mesmo sido exposta à potência total do veneno...

Eu não consigo terminar. Não me considero um cara particularmente sensível, mas me deixa louco pensar que uma garota tão jovem poderia perder a vida por um ato de estúpida insanidade.

— *Ela não sobreviveria* — Odin completa o que eu não disse.

— *O que vamos fazer?* — Meu irmão mais velho pergunta e apesar de todas as merdas que estão acontecendo, sorrio. Se há uma certeza sob o céu, é que entre nós, o problema de um é o problema de todos.

— Levá-la para ficar comigo, em primeiro lugar — respondo e vejo a sobancelha de Christos alcançar a testa.

Eu sei a razão. Sou o mais desapegado dos quatro irmãos. O conceito de família para mim é forte, afinal, sou grego, mas fora dela, eu mantenho vários conhecidos, nada além disso. Não sou responsável por qualquer outro ser vivo além de mim mesmo.

— Serenity é minha, por ora. Eu abortei o plano de enviá-la para o apartamento que havia escolhido inicialmente.

Todos eles acenam com a cabeça, concordando, e eu sei que em meu lugar, fariam o mesmo. O que eu não digo, é que desde a noite em que a levei para jantar, há dois anos, minha tutelada deixou de ser uma obrigação para se tornar uma obsessão. Uma a qual eu combato em uma base diária.

— *Eu vou investigar* — Odin diz e não me surpreende.

Ele não é uma boa pessoa para se ter como inimigo, ainda mais se você é alguém que mantém segredos.

— A única coisa que eu não entendo é, se Serenity tiver razão e ele esteve escondido no camarim dela desde a primeira vez em que se apresentou aqui na Louisiana, há

dois anos, como o filho da puta pode ter entrado sem que os guarda-costas o apanhassem.

Meu primo dá de ombros.

— *Sorte. Ou talvez ele tenha estudado o local antes de ir. Se ela tivesse nos contado na ocasião, seria mais fácil de conseguir acessar as filmagens. Isso não me levaria mais do que poucos minutos, não importa em que parte do mundo tivesse acontecido.*

— *Ouve a si mesmo?* — Dionysus pergunta. — *Isso é assustador para caralho.*

— *É prático. A tecnologia é a minha arma, qualquer um que atravesse meu caminho, é o inimigo. Se você não tem nada a esconder, não precisa ter medo de mim.*



— Doutor Kostanidis, posso falar com o senhor um minuto?

Eu havia acabado de sair da biblioteca da casa de Serenity. Hades seguiu para um hotel, porque meu irmão é

esquisito assim: ele nunca dorme fora da própria casa ou na casa de estranhos, seja em que parte do mundo for, o que resulta em vários imóveis espalhados pelo planeta muito pouco utilizados. Como não temos imóveis em Nova Orleans, eu preferiu ficar em um hotel.

— Sim? — respondo, já sabendo quem falou comigo.

Debra está com Serenity conversando sobre a apresentação dela na escola de dança de Nova Iorque. Com tudo o que está acontecendo, eu não tive tempo de dar os parabéns à minha tutelada por ter sido escolhida para primeira bailarina, embora já tenha mandado uma joia e flores assim que soube.

Desse modo, a única pessoa que sobrou é a babá. A mulher chamada JeAnne e que Serenity trata com o mesmo carinho que faria com uma parente.

Não passou despercebido a mim que ela está com um aspecto doentio, muito magra e quando nos encontramos no hospital, os olhos estavam vermelhos pelo choro.

Eu não me comovo com dramas alheios, mas admiro aqueles que conseguem doar amor incondicional a pessoas que não têm seu próprio sangue, como é o caso de Eleanor,

a madrasta da minha cunhada Madison e pelo visto, a babá de Serenity também é assim.

Pelo que eu pude descobrir até agora, JeAnne dedicou a vida inteira a cuidar da minha tutelada.

— O que deseja, senhora?

— Eu quero falar com o senhor. Estou doente — ela diz sem preâmbulos, confirmando o que eu já desconfiava. — Mas não quero que Serenity saiba... ainda. Eu gostaria muito de ir com vocês para Nova Iorque amanhã, mas não posso.

— Precisa de alguma coisa?

— Não. O salário que o senhor me paga é mais do que generoso, assim como o seguro-saúde, de primeira. A única coisa que quero lhe pedir, na verdade, implorar, é para que cuide dela.

— Essa é a minha intenção.

Ela me dá outro aceno de cabeça.

— Sim, eu acredito, mas não estou dizendo apenas sobre a parte da segurança dela. Serenity cresceu sozinha naquela escola. Ela tem uma capacidade imensa de se fechar em si mesma. Toda a disciplina que mantém, como

comer pouco, dormir o tempo que se determinou e as horas infinitas que gasta com a prática do balé... eu me preocupo que seja uma espécie de defesa que criou. Ela se protege de viver, fingindo que está vivendo.

— Como assim?

— O balé é o lugar seguro dela. Ela não se arrisca a dar um passo além. Tem vinte anos, mas não viveu nada ainda.

— E quanto a Otis?

Ao invés de responder imediatamente, seus lábios formam uma linha fina.

— Senhora?

— Ele é apenas um menino. Bonzinho, mas mimado. Está aquém dela. Serenity não o ama, se quer minha opinião. O que estou pedindo, e nem sei se tenho esse direito, é que cuide para que ela viva um pouco. Está dentro do seu papel de tutor também, certo?

Eu não sei o que responder, então, mudo de assunto.

— Por que não vem para Nova Iorque conosco? Se está doente, posso providenciar para que tenha o melhor tratamento possível.

— Eu estou bem. Apenas cansada. Ela está começando uma nova vida. Realizando seu maior sonho, que é se tornar a primeira bailarina daquela companhia de dança. Chegou a hora dela caminhar sozinha.



Capítulo 24

No dia seguinte

Daqui a algumas horas, embarcaremos de volta para Nova Iorque. O nosso avião particular já está na pista à espera, mas antes de irmos, temos um encontro. Na verdade, eu fiquei admirado que ele já não tivesse entrado em contato antes, já que é amigo de Christos.

Eu e Hades descemos do carro no que parece ser uma mansão antiga. O terreno é imenso, quase uma pequena cidade, e tão bem guardado quanto uma fortaleza.

Mal damos alguns passos e a porta principal se abre. Há um homem parado lá e embora eu não consiga ver seu rosto, porque está contra a luz, sei de quem se trata: Beau Carmouche-LeBlanc, a quem meu irmão Zeus chamou de “Rei” de Nova Orleans.

Segundo soube por Christos, não cai uma agulha no chão da cidade sem que ele tenha conhecimento.

Ele finalmente começa a andar em direção a nós, mas eu fico surpreso quando Hades se adianta e vai cumprimentá-lo.

É quando tenho certeza de que minhas suspeitas estão corretas. Meu irmão caçula está guardando segredos de nós e eles envolvem a cidade de Serenity.

— Você deve ser Ares — ele diz, me dando a confirmação que eu precisava que já se encontrara com Hades anteriormente.

— Sim — respondo, aceitando a mão que me oferece.

Eu não sei o que esperava. Uma espécie de mafioso talvez? Daqueles tipos romantizados por Hollywood?

O homem à minha frente se parece com um empresário como tantos outros que já conheci. Como nós, exala riqueza, mas não tem nada em suas feições que demonstre que se trata de alguém perigoso, o que, pelo que sei da vida até agora, me dá a garantia de que ele é.

Eu não sou ingênuo.

Homens como Odin passam despercebidos pelo radar.

Pai, marido, primo, tio. Um chefe de família e empresário respeitado. Se você observa apenas a superfície, será isso o

que encontrará, mas há muitas camadas por baixo, no entanto.

— Como está sua tutelada? — ele pergunta, sem qualquer explicação de como sabe a respeito de Serenity.

— Fora de perigo. Voando comigo para Nova Iorque daqui a algumas horas.

Ele acena com a cabeça.

— Vamos entrar?

Começamos a andar ao lado dele e logo, alcançamos o hall. Há uma mulher ajoelhada no chão, recolhendo brinquedos. Patos de borracha e bolas, indicando que ele têm filhos.

— Desculpem-me por isso — ela diz, mas quando começa a se erguer, Beau se adianta para ajudá-la.

Eu observo a dinâmica entre os dois. A expressão do homem suaviza na hora ao olhar para aquela que, presumo, seja sua esposa.

— Obrigada — diz, sorrindo como se ele fosse seu sol.

Quando ela finalmente ergue os olhos para nos encarar, eu fico aturdido por alguns segundos pela cor deles. São amarelos.

— Não são lentes de contato. — Ela sorri mais amplo, como se entendesse meu espanto. — Muito prazer, sou Amber Carmouche-LeBlanc.

A exemplo do marido, oferece a mão para nos cumprimentar e eu quase sorrio pela maneira como Beau nos observa quando tocamos sua esposa.

Como um guardião apaixonado e possessivo.

Ela sai em seguida, e ele nos encaminha para uma biblioteca.

Antes que feche a porta, ouvimos risadas de crianças.

— Quantos são? — pergunto.

— Quatro. Dois casais.

Novamente sua expressão suaviza, mas logo volta a ficar séria.

— Estou investigando o incidente — ele diz.

— Como? — questiono, entendendo que fala sobre o atentado contra Serenity.

— Eu solicitei as câmeras do aeroporto, de todos os estabelecimentos.

Apenas então eu entendo porque Zeus o nomeou *Rei* de Nova Orleans. A polícia disse aos nossos advogados que

levariam meses até que todas elas fossem acessadas. Eu sei que Odin não esperaria tanto tempo. Se conheço meu primo, ele já está trabalhando nisso, mas estou surpreso para caralho com a velocidade e eficiência com que Beau agiu.

— Meus homens estão analisando as imagens, mas pode levar algumas semanas, segundo me disseram.

— Obrigado.

— Ela não precisa ir embora por medo, Ares. Eu não sabia que a menina chegaria naquele dia, mas já pretendia manter um olho nela porque a senhorita Blanchet é sua. Diga-lhe que a qualquer momento que quiser voltar para Nova Orleans, estará protegida. Ninguém se atreverá a levantar um dedo contra ela na minha cidade, a partir de hoje, se quiser continuar respirando.



Serenity

— Não pode ir para Nova Iorque comigo porque está com uma parente doente? Quem? — pergunto, tentando não demonstrar tristeza e empurrando a sensação de abandono para um quarto escuro dentro de mim.

JeAnne não fez outra coisa senão se dedicar a que eu tivesse ao menos uma ideia de lar, sempre me esperando na volta das férias com minhas comidas favoritas. Montando árvores no Natal e mandando cartões e presentes no meu aniversário.

Ela viveu tanto por mim, que às vezes me esqueço que tem vida própria. Eu sei vagamente que os pais já morreram e que nunca teve filhos, nada além disso.

— Uma prima distante. Eu nunca falei sobre ela — desconversa e fico com a sensação de que está mentindo.

Penso nos folhetos com casas na Florida que eu encontrei uma vez, mas logo descarto a ideia. Ela não está com aspecto de quem vai começar uma vida em outro lugar. Ao contrário, parece frágil como nunca a vi antes.

— Por que só me contou hoje?

— Com a história do escorpião, eu acabei esquecendo.

Ela está mentindo outra vez. Eu apostaria um braço que nada do que me contou hoje é verdade.

— Mas vai me encontrar em Nova Iorque quando ela melhorar?

— Vou, sim — diz, sem me olhar nos olhos e sinto meu peito se apertar.

Porém, eu passei muito tempo treinando esconder minhas emoções e nunca demonstrar que preciso de outras pessoas.

— Tudo bem. Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, vai entrar em contato comigo?

— Não se preocupe, minha filha. Eu vou ficar bem.

Eu estou muito abalada. Ela esperou até o último momento para me dizer que não se mudaria comigo para Nova Iorque e embora ela tenha prometido ir depois, eu não acredito mais. No meu coração, acho que isso é um adeus, e a sensação se intensifica quando ela tira do bolso do vestido que está usando uma fotografia de nós duas quando eu ainda era criança.

Eu me lembro dela, embora não de quando a tiramos. Eu a levei comigo para a Alemanha e a beijava todas as noites

antes de dormir.

— Você não vai vir — falo, mordendo o interior da bochecha para não chorar.

— Para morar, não. Mas quero muito conhecer Manhattan. Já é uma mulher, Serenity. Não precisa de mim.

Eu me controlo para não lhe dizer que preciso muito dela, que sempre precisarei. Ao invés disso, desvio o olhar de seu rosto e lhe dou um sorriso fraco.

JeAnne e agora Debra, são minha única família. Até mesmo Otis um dia vai se casar e então, não poderemos mais nos ver com tanta frequência.

Eu não o avisei sobre a história do escorpião e preciso fazê-lo, embora ele já tivesse combinado de me encontrar em Nova Iorque daqui a algumas semanas.

— Vai me avisar quando chegar?

Aceno com a cabeça, concordando, e deixo que ela me abrace.

Eu não poderia dizer como foi o resto da despedida. Lembro vagamente de Ares me guiando para o carro e depois, quando entramos em um avião privado.

Eu escolhi uma poltrona longe dele e de Hades.

Precisava ficar um pouco sozinha para pensar.



Capítulo 25

— *Você deveria ter me ligado* — Otis diz, ao telefone.

— Para quê? Além do mais, foi tudo tão rápido.

— *Não tem nada a ver com essa farsa de namoro, Serenity, mas com nossa amizade. Eu me preocupo com você.*

— Eu estou bem, Otis. E quanto ao que você falou sobre nosso namoro... eu acho melhor pararmos por aqui.

Eu me sinto como uma agente secreta, conversando por códigos. Não quero que os Kostanidis me ouçam.

— *Está falando sério? Quer terminar comigo por telefone?*
Apesar de tudo, eu consigo sorrir.

— Não seja cretino. Eu tenho uma reputação. Estou cansada de levar chifres.

— *Nunca fiz isso...* — ele pausa e dá uma risada — *em público.*

— Não esperava que fosse um celibatário, mas estou te liberando agora.

Eu noto uma sombra pairando sobre mim e quando abro os olhos, percebo que é Ares. Ele nem finge que não está escutando a conversa, e eu rezo para que tenha pegado apenas o final, ou a farsa do namoro vai ser vergonhosa demais.

Olhando para trás, eu me pergunto por que propus tal coisa. Eu era mesmo muito infantil em achar que Ares se importaria se eu tinha ou não alguém. Ele já deixou bem claro que me vê como uma criança.

Propositadamente, continuo falando com Otis por mais um minuto e ele me diz que não tem mais certeza se virá aos Estados Unidos. Eu me pergunto se foi porque disse que queria parar com o relacionamento falso, mas logo descarto a ideia. Ele é lindo e rico, se acrescentar “solteiro” no rótulo, se tornará irresistível.

Eu finalmente encerro a ligação e sem qualquer cerimônia, Ares se senta na poltrona da frente.

— Problemas no paraíso? — ironiza.

— Estava ouvindo minha conversa?

— Só a parte que você disse que não esperava que ele fosse um celibatário, mas que agora estava lhe dando um

pé na bunda.

— Meu Deus do céu, deveria usar essa linguagem com sua tutelada?

Eu tento parecer brava, mas a verdade é que ele tem o poder de me trazer de volta à vida. Saí de Nova Orleans super deprimida. Ares faz meu sangue ferver.

— Devo tratá-la como uma garotinha? Decida-se, Serenity: é menina ou mulher?

— O que você vê?

— Eu não consegui chegar a uma conclusão ainda.

— Errado. Você me vê como uma menina, caso contrário, não teria surrado minha bunda no hospital.

Ouçõ um bufo de risada e acho que ele também, porque em seguida, diz:

— Coloque o fone, Hades, ou vou te ensinar a voar sem paraquedas.

Eu balanço a cabeça e não consigo deixar de sorrir.

— Vocês são quatro, né?

Ele concorda com a cabeça.

— Como é ter irmãos?

— Uma dor na bunda, na maior parte das vezes.

— E seus pais, são vivos ainda?

Pela primeira vez das ocasiões em que nos encontramos, ele desvia o olhar.

— Ambos mortos.

— Eu sinto muito.

— Você passou pelo mesmo e sobreviveu, Serenity. O ser humano é adaptável.

— É, seu sei.

Eu me levanto, pedindo licença. Não quero falar sobre aquilo.

Ando para os fundos do avião, tentando encontrar o banheiro, mas acabo abrindo a porta de um quarto.

Eu tento me virar para sair, mas antes que consiga fazê-lo, ele segura meu braço.

— O que eu falei de errado?

Ao invés de voltar para onde estávamos, ele me faz entrar na suíte, fecha a porta e se recosta nela.

— Estou cansada de me adaptar. Eu fiz isso a vida inteira. Aprendi a fingir aos cinco, no dia em que me deixaram naquele colégio.

— Serenity...

— Quantos anos você tinha quando seus pais morreram?

— Eu já era um adulto.

Cruzo os braços diante do corpo para parar os tremores. Não quero desmoronar na frente dele, mas entre a internação no hospital por conta do atentado contra minha vida e a despedida de JeAnne, estou me sentindo fragilizada.

— O que acha que é melhor? Não se lembrar de seus pais, como se nunca tivessem existido, ou sofrer com uma perda consciente?

— Vem cá, Serenity.

Faço que não com a cabeça e dou um passo para trás.

— Não quero sua pena. Só fiz uma pergunta.

Ele vem para perto.

— Não sinto pena das pessoas. Eu não estava brincando quando falei isso. Mas certamente, não é pena o que estou sentindo agora.

As pernas amolecem.

— É raiva? — Continuo andando para trás, não porque eu queira fugir, mas porque o instinto me diz que ele é um predador, e eu gosto da ideia de ser caçada.

Em apenas dois passos, ele está em mim. O braço enorme envolve minha cintura e eu consigo sentir cada músculo de seu corpo.

— Não jogue comigo. Não vai gostar das consequências.

— Não sei do que está falando.

Ele me dá uma palmada na bunda e para minha vergonha, ao invés de gritar, eu gemo de olhos fechados.

— Porra, Serenity!

Ares me solta e dá um passo para trás.

Dessa vez, sou eu quem avança.

— O que fiz de errado?

— Não pode ser tão ingênua assim.

— Eu sou uma garotinha, lembra? Ou será que você vai morder a língua e admitir que....

Paro de falar quando sua mão segura meu queixo.

— Vou admitir o quê?

— Vai ter coragem de admitir que eu sou uma mulher e que está com vontade de me beijar? Eu deixaria, se tentasse.



Ares

Jesus!

Eu nunca precisei trabalhar tanto o autocontrole. Sinto o suor molhando minha nuca, tamanho o esforço que estou fazendo para não pegá-la no colo e deitá-la naquela cama.

Como passamos de uma conversa melancólica sobre o passado para meu pau estar duro como aço, eu nunca conseguirei entender e essa é certeza que eu precisava de que fiz bem em manter-me distante dela pelos últimos dois anos. A atração que eu sinto não diminuiu. Tudo em Serenity me provoca, até mesmo sua inocência.

Eu não a trouxe para a suíte do avião para seduzi-la. Não sou um canalha.

— Não sabe o que está dizendo. Sente-se triste e por isso acha que...

Eu vejo seu rosto ficar rubro na mesma hora.

— Sim, é isso mesmo — começa, parecendo zangada. — Foi por isso que eu gemi quando bateu no meu bumbum de novo hoje. Porque estou confusa e triste, não porque meu corpo inteiro estava tremendo e querendo mais.

Depois da descarga de coragem, ela corre para o banheiro e se tranca lá, deixando-me para processar as palavras.

Eu não empreguei força em nenhuma das vezes em que bati em sua bunda. Não queria machucá-la, mas mostrar que é uma menina ainda e então ela me diz que quer mais?

Porra!

Esfrego as mãos no rosto, tentando clarear minha mente, mas não funciona. Então mando o bom senso para o inferno e ando para o banheiro, o instinto de caçador ativado, mas antes que eu possa alcançá-lo, ouço Hades me chamar.

— Eu já vou. Espere-me na frente do avião.

— Não. Eu preciso falar com você *agora*.

Abro a porta com o humor circundando o inferno.

— O que você quer?

— O que pensa que está fazendo? — pergunta.

— Serenity não é assunto seu.

— Não, mas você é. Não se envolva com ela, Ares. É jovem e muito vulnerável. Sua tutelada, porra!

Eu quero agarrá-lo pelo colarinho e obrigá-lo a sentar-se em seu lugar, mas eu sei que ele tem razão, então saio e fecho a porta atrás de mim.

— Não foi uma boa ideia levá-la para seu edifício. Talvez possamos remanejar isso. Aumentar o número de guarda-costas, mas enviá-la para outro imóvel.

— Não. Ela não vai a lugar algum. Serenity ficará onde eu possa ter os olhos nela.

— Eu espero, para o seu bem, que sejam só os olhos.



Capítulo 26

Eu passei o resto da viagem deitada na cama do avião e só me levantei quando Hades veio avisar que teria que voltar para minha poltrona, pois estávamos prestes a aterrissar.

Não acredito que eu tive coragem de falar aquilo.

Meu Deus, eu nem sei como aquelas palavras escaparam. Sempre relacionei palmadas a crianças, mas sentir a mão de Ares estapeando meu bumbum fez com que eu precisasse apertar as coxas nas duas vezes em que aconteceu.

Fingindo cochilar, sinto o rosto esquentar ao lembrar do que aconteceu na suíte e dou graças aos céus por estar sozinha, mas quando abro os olhos, dou de cara com o soberano dos meus pensamentos pecaminosos sentado bem à minha frente.

— Não vai acontecer nada entre nós. Peço perdão por tê-la tocado.

Seu rosto está sério ao falar. Não há ironia, raiva ou provocação e sinto o estômago afundar.

Eu não sei o que esperava ouvir depois do que lhe confessei, mas certamente não era levar um fora tão grande.

Respiro fundo e coloco o sorriso mais falso do mundo no rosto.

— Está perdoado. Como eu lhe disse, eu odiei. Estava confusa.

— Não, você não estava. Você amou que eu estapeasse sua bunda tanto quanto eu gostei de bater nela. Eu teria preferido sem o vestido e com a calcinha no meio das coxas, mas mesmo assim, me deixou com tesão te dar uma palmada. Eu poderia te dar mais, Serenity. Poderia te deixar nua, lambar e chupar você inteira. Fazê-la gozar gritando meu nome enquanto eu me enterraria uma e outra vez em seu sexo, mas quando eu fosse embora, você estaria quebrada. E pode ter certeza, não importa quão linda seja, eu iria embora.

Eu engulo em seco e nem sei identificar se me sinto envergonhada por ele ser tão gráfico em sua explicação;

excitada, porque apesar da parte final, quero muito experimentar tudo isso; ou com raiva por ele estar tão certo de que eu seria mais uma, que não o faria sentir nada diferente do que outras antes de mim conseguiram.

— Teremos que conviver pelos próximos cinco anos, Serenity. Se eu te levasse para a cama, nosso caso duraria cerca de uma semana. Meus relacionamentos nunca passam disso. Eu sou experiente e não teria problema em levar a situação com você como se nada tivesse acontecido, mas eu não acho que você poderia lidar com isso.

Caso.

Não namoro, um *caso*.

Qualquer tristeza que eu tivesse sentindo, desaparece, substituída por uma forte determinação. A mesma determinação que me fez, aos vinte anos, ser contratada como primeira bailarina do New York City Ballet.

Em silêncio, eu juro que farei com que ele engula cada uma dessas palavras. Não corro o risco de me apaixonar. Ares é lindo, mas é um ogro também.

Eu não tenho tempo para namorados, eu quero diversão. E no fim, se ele estiver certo e eu não conseguir lidar

mesmo com isso, posso simplesmente me mudar, ir embora. Mas antes que este ano termine, eu prometo, Ares Kostanidis, que você vai ficar completamente louco por mim. E então, quando me implorar por mais de uma semana, vai entender qual é a sensação de ser deixado para trás.

Eu me obrigo a olhar para ele como se não estivesse fazendo um boneco vudu mental do grego arrogante. Mantenho uma expressão pacífica, quando, na verdade, por dentro, estou fervendo.

— Eu entendi e agradeço por isso, Ares. É um homem honrado. Qualquer outro em sua situação teria se aproveitado de minha vulnerabilidade. Eu acabei de terminar com Otis e estava me sentindo carente. Talvez inconscientemente, tenha procurado um substituto mais *vivido*.

Ele me encara como se quisesse abrir meu cérebro com os dedos para descobrir que sou uma farsante e que nenhuma dessas palavras é verdade, mas graças a Deus, ele não tem como ver isso.

— *Substituto?* — acho que dizer isso em voz alta o fez ver o absurdo do que eu afirmei, porque ele me dá um meio sorriso.

Quem em sã consciência iria sonhar com Otis podendo ter Ares?

— Não quis ofendê-lo.

— Não estou ofendido. Você está mentindo. Eu ouvi sua conversa. Foi você quem terminou o relacionamento, não o garoto.

Ele diz *garoto* quase cuspiendo a palavra.

Eu preciso me forçar para não sorrir.

— Eu sempre fui meio apaixonada por ele, mas não acho que daria certo, por isso resolvi colocar um fim antes que eu acabe com o coração partido. Ah, e a respeito do que você disse há pouco, mesmo que eu estivesse interessada em ser seu “caso”, o que não estou, não teria chance de me deixar “quebrada” como afirmou. Isso só poderia acontecer se houvesse sentimentos envolvidos da minha parte. Admito que é muito bonito, mas não faz meu tipo, doutor Kostanidis.

A despeito dos avisos de atar os cintos de segurança estarem ligados, ele inclina-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Você é uma pequena mentirosa, Serenity. Acredito quando diz que não tem sentimentos por mim, mas independentemente de me odiar pelo que eu acabei de lhe dizer, seu corpo me quer. Sorte a sua que não pretendo fazer nada a respeito.

— E nem preciso que faça. Estou em Nova Iorque como determinou, mas não pretendo ficar trancada em casa. Coloque um exército de guarda-costas atrás de mim se quiser, mas eu vou aproveitar um pouco a vida.

— Onde?

— Eu não sei. Debra disse que vai me levar para conhecer alguns *nightclubs*. Com sorte, receberemos um convite para o SIN.

— Não porá os pés lá.

Ele parece surpreso com o meu comportamento.

Bem-vindo ao time. Eu também estou. Nunca pensei que poderia ser tão ousada.

— Eu posso levá-la para sair.

— Não, obrigada. Não quero atrapalhar seus encontros de uma semana.

— Eu a levarei.

— Deixarei que me leve, mas vou entender isso como uma imposição da sua parte, o que me dá direito a um pedido.

— O que você quer?

— Eu não sei ainda. Tenho pouco tempo até a temporada de balé começar. Vou aproveitar para sair ao menos umas duas vezes. Até lá, decidirei se quero algo de você.

Ele me encara.

— Vou te avisar novamente. Não jogue comigo, Serenity. Você é linda e desejável, mas até onde sei, só teve um homem em sua vida. Não é páreo para mim. Eu não sou um cafajeste. Sempre coloco as cartas na mesa, mas entrar em um relacionamento com você só trará problemas para nós dois.

— Não aconteceu nada entre nós e nem vai acontecer, Ares. Sou apenas uma boa menina, e você, meu tutor mandão.



Capítulo 27

A minha *boa menina* olha em volta do apartamento com curiosidade, enquanto, por minha vez, eu a observo.

O imóvel que eu escolhi para ela, um andar abaixo do meu, tem cerca de quinhentos metros quadrados. Eu já mandei providenciar inclusive, assim como ela fez na Louisiana e como eu havia mandado Elmer fazer no outro imóvel que eu tinha escolhido antes para ela morar, que fosse instalada uma sala para que pratique seu amado balé em casa.

O duplex tem quatro quartos e agora, vendo a pequena figura de Serenity percorrer cada cômodo, parece muito grande para uma jovem de vinte anos e sozinha.

Ela não tocou no assunto da desistência de JeAnne de vir para Nova Iorque, o que me faz pensar que minha tutelada é uma contradição. Jovem e inexperiente, mas, em contrapartida, parece que aprendeu a guardar as emoções para si.

Não todas — uma voz demoníaca invade meus pensamentos.

No avião, no momento em que estávamos na suíte, ela me entregou o que estava sentindo. Se não fosse Hades, eu provavelmente a teria perseguido no pequeno banheiro e provado aquela boca deliciosa.

Diabos, eu preciso sair daqui.

Estou prestes a lhe dizer isso, quando ela pede:

— Poderia abrir as malas comigo?

Não há qualquer impertinência em seu tom, e sim, insegurança.

— Por quê?

— Deixa para lá.

Eu ando até onde ela está, mesmo que tenha prometido a mim mesmo não fazer isso.

— Responda — comando, segurando seu queixo e obrigando-a a me olhar.

— Eu não vou te dar uma arma para me achar uma pirralha.

— Eu ainda não te rotulei. Não cheguei à conclusão se é menina ou mulher. Agora, me diga a razão do pedido

estranho.

— E se tiverem colocado outro bicho nas bagagens? Um escorpião novamente ou talvez agora, uma cobra?

Pelo pouco que conheço de Serenity, ela não se sente confortável em mostrar um lado tão vulnerável. Ela se obriga a ser forte.

Qualquer um em sua idade que tivesse sido picada por um escorpião com potencial letal, teria entrado em pânico. Ela lidou bem com a situação. Claro, eu notei que sentiu medo, mas um medo controlado.

Algo nessa “obrigação de ser forte” com que ela age é comovente. Como um anjo inocente tentando enfrentar o mundo.

Sem dar um segundo pensamento para o que estou fazendo, eu a puxo para os meus braços.

Eu não sei qual será sua reação. Serenity é imprevisível. Ela nunca responde o que eu acho que dirá; não recua quando empurro seus botões.

Há pouco tempo, no avião, estava me desafiando, provocando, mas para provar mais uma vez que tinha razão, que não consigo prever seus movimentos, ela passa

os braços delicados pelas minhas costas, aumentando a proximidade.

Um abraço controlado, é o que tento lhe dar.

Conforto. Proteção.

Eu juro por Deus que não havia sequer um pensamento sujo em minha mente.

O problema é que há uma fodida química avassaladora entre nós, como se o corpo da garota emitisse um tipo de hormônio sedutor que fosse ao encontro da minha fome e necessidade.

Ambos sentimos a mudança quando os dois corpos enrijecem ao estreitarmos o abraço.

Não nos afastamos, entretanto, e apenas o som das respirações carregadas preenchem o ambiente.

Eu já a toquei algumas vezes, mas neste momento a sinto completamente moldada a mim e não preciso de muito mais do que alguns segundos para entender que senti-la pode se tornar viciante.

Eu deslizo a mão que estava espalmada em suas costas, para a cintura. Serenity é tão pequena que consigo abarcar o quadril também. A outra, que eu mantinha na parte de

trás de sua cabeça, emaranha na massa de cabelos castanhos, macios como fios de seda.

Ela ergue o rosto e me encara, os enormes olhos azuis brilhantes e convidativos.

— Eu jurei a mim mesmo que não faria isso, mas estou obcecado em provar você.

Ela puxa o ar com força.

— Disse que não deveríamos...

— Sim, eu disse — sussurro, roçando os lábios de leve nos dela.

Serenity olha para mim sob os cílios, totalmente entregue em meus braços, sem perceber que move o corpo em uma dança inconsciente e sedutora.

— Então...

— Preciso dessa boca mais do que da próxima respiração.

Eu não lhe dou mais chance de escapar, não encosto nossos lábios com delicadeza ou com o cuidado que talvez devesse fazer com alguém tão sem vivência quanto ela. Seguro-a contra mim e a devoro com uma fome reprimida por dois anos. Com um desejo voraz que mantive sob

controle porque sabia que seria um jogo injusto com ela, recém saída de um internato.

Ainda é um jogo injusto com ela.

Há uma diferença enorme de idade entre nós dois, mas eu preciso saber como é seu sabor.

Apenas uma amostra e a deixarei ir — juro em silêncio.

Foi uma boa determinação, correta e até mesmo honrada, mas que se desvaneceu como papel dentro de água no segundo em que Serenity separou os lábios e me permitiu sentir sua língua na minha.

A partir dali, do instante em que provei a quentura e maciez de seu interior molhado, qualquer pensamento racional que eu pudesse ter foi para o caralho.

A diferença de tamanho entre nós é enorme, então eu a suspendo em meus braços para que sua boca fique alinhada onde eu preciso dela.

Eu aprofundo o beijo, explorando sua doçura, pegando tudo o que quero e as mãos se enroscam no meu cabelo, apertando de leve.

Separo as bocas por um momento.

— Não se segure. Eu sei que tem muita paixão dentro de você.

As palavras parecem libertá-la. Ela não apenas aumenta o agarre nos meus cabelos, mas também reage ao beijo, sugando e mordiscando minha boca.

Uma voz me diz que precisamos parar antes que seja tarde demais, mas eu a calo porque preciso de um pouco mais desse mel.

Eu seguro suas coxas com as duas mãos, mas quando estou prestes a obrigá-la a circundar minha cintura com as pernas, o interfone toca.

Ela se assusta, tentando escapar dos meus braços. Relutantemente, eu a desço, mas não paro de olhar o rosto lindo e corado de excitação.

— Quem pode ser? Um dos seus irmãos?

Sacudo a cabeça, incapaz de falar, então me lembro que Debra Villatorro me disse que viria de surpresa para passar uns dias com Serenity, até fazer a mudança definitiva para Nova Iorque. Aparentemente, a amizade delas é muito mais sólida do que eu imaginei a princípio, porque a bailarina aposentada pretende manter um apartamento em

Manhattan também e voar para cá algumas vezes na semana para ficar com Serenity.

— Não. Sua mentora.

— Debra está aqui?

— Era para ser uma surpresa. Vá atender o interfone. Vou conferir suas malas como me pediu.



Capítulo 28

Dias depois

— Ficar olhando para o aparelho o dia todo não vai ajudá-la a tomar uma decisão — Debra diz.

Eu aceno com a cabeça, concordando, embora ainda não tenha conseguido resolver o que fazer.

Faz setenta e duas horas que cheguei em Nova Iorque e não o vejo desde então. Ele mandou uma mensagem avisando que precisava viajar por uns dias e que de jeito nenhum eu deveria sair sem os guarda-costas.

Eu preferia falar ao telefone ao invés de trocar texto, mas não vou bancar a carente.

Naquela noite em que ele me beijou, eu não consegui dormir.

É até covardia comparar o beijo que ganhei de Otis com o dele. Meu amigo é lindo e charmoso, mas senhor, a pegada do grego...

Eu não entendo nada de homens, mas sei por intuição que Ares é o rei entre eles em matéria de sedução.

Ele não avançou, não forçou-me a nada ou me tocou em algum lugar íntimo. Foi um beijo delicioso e algumas carícias mais intensas e mesmo assim, eu juro por Deus que virei massinha de modelar em suas mãos.

Eu nunca me senti tão sobrecarregada de emoções. Cada célula minha ligada nele, pedindo por mais do que estava dando.

Assim que Debra subiu naquele dia, Ares foi embora, mas não sem antes me avisar que havia revistado a mala à procura de alguma possível ameaça e que não encontrou nada.

Quando cheguei ao quarto, senti o rosto em chamas. Sim, ele fez o que pedi, mas minha bagagem estava aberta em cima da cama com as roupas espalhadas. As lingerie, inclusive. Mas não foi isso o que me deixou morrendo de vergonha, e sim o fato de que um fio dental preto, que faz conjunto com um sutiã de renda, desapareceu.

Ele roubou minha calcinha?

Eu contei tudo o que aconteceu a Debra, as duas palmadas que ganhei, inclusive, e ao contrário do que pensei, ela tem a mente super aberta, achou excitante.

Sei que ela ainda é nova, fez trinta e oito no mês passado, mas mesmo assim eu não achei que encararia com tanta naturalidade o que vem acontecendo entre mim e meu tutor.

Foi então que ela me explicou que agora, depois dos trinta, é que está começando a viver. Como eu, era uma compulsiva pela dança e pulou várias fases importantes da vida. Quando sofreu uma lesão que pôs fim à sua carreira, passou cerca de três meses sem saber o que fazer dali em diante, continuando a treinar mesmo machucada, o que só piorou sua condição.

A história dela é muito triste porque no pior momento de sua vida, quando achou que havia perdido tudo, ela conheceu alguém. Um amor que a ajudou a se recuperar, a construir um novo futuro, montar a escola de dança e então, com dois anos de casados, ele morreu em um acidente.

Ela tem conversado muito comigo sobre a fragilidade da vida. Como não podemos depositar todas as energias em um só canal. Eu sei que fala pelo meu bem, porque assim como eu, é apaixonada pelo balé. Porém, ela tem tentado me fazer viver um pouco. Ir um pouco além dos ensaios diários. Mesmo não tendo ainda oficialmente iniciado na escola de dança para a qual fui contratada, pratico lá todas as tardes, religiosamente desde que pus os pés em Nova Iorque.

Nós duas já fomos a um musical na Broadway, fizemos compras e estamos planejando uma saída à noite, para um nightclub. Mas a decisão que está me paralisando no momento não tem nada a ver com o projeto “aproveitar a vida” e sim, com a minha lingerie desaparecida.

Debra disse que eu deveria mandar uma mensagem singela para Ares: “eu sei o que você fez”.

Eu não vou negar que a ideia me excita. A única coisa que está me segurando é se eu estiver enganada e ele não a pegou, porque daí vou morrer de tanta vergonha.

— Se está tão insegura, esqueça — ela diz.

— Não, estou pensando. Essa mensagem que sugeri, “eu sei o que você fez”, é algo que dá algum espaço para manobra.

— De que tipo?

— Bem, se ele responder: “fiz o quê?” ou “não tenho ideia do que está falando, Serenity”, eu posso disfarçar com alguma desculpa. Tipo, “você mandou os guarda-costas aumentarem a vigilância” ou qualquer coisa assim. Se encaixa bem com o “eu sei o que você fez”.

Ela gargalhada e bate palmas.

— É uma ótima ideia. Se cair, o faça de pé.

— Você é a melhor amiga que uma garota pode desejar.

— Talvez porque, fora do balé, minha idade mental seja como a sua ainda. A única coisa que me sinto cem por cento segura, é sobre a dança. Grado, meu falecido marido, conseguiu ajustar algumas peças aqui — ela pousa a mão no coração — e aqui — coloca a outra na testa —, mas eu ainda sou insegura em diversos outros aspectos.

— Como uma adolescente?

— Não, uma “novinha” como você. Imatura só na cabeça mesmo, porque meu corpo sabe que não sou mais jovem.

— Você está em forma.

— Sim e pretendo continuar. Agora falando sério, não faça nada por influência minha. Eu sou apenas uma boba romântica.

— Acha que vou me decepcionar?

— Sempre há essa possibilidade, Serenity. A vida não vem com garantias, porque se fosse o caso, eu não teria me machucado e continuaria com a minha carreira.

— Mas também não teria conhecido o seu marido.

Foi o esposo falecido dela, um socorrista de ambulância, quem a atendeu quando ela se lesionou. Se isso não é uma prova de que estava escrito em algum lugar que eles deveriam se conhecer, eu não sei mais o que a palavra “destinados” significa.

— Sim, é verdade. A vida às vezes traz surpresas. Em alguns momentos bons, em outros, ruins, mas adivinha só: o prêmio ou a perda só vem para quem se arrisca.

— Cinquenta por cento de chance.

— No seu caso, não.

— Eu não entendi — falo.

— Serenity, Ares é um homem no sentido completo da palavra. E, além disso, lindo e rico. Ele pode ter a mulher que quiser. Não leve a mal pelo que vou dizer, mas mudar o relacionamento de vocês, mesmo que seja para um “caso” como ele chamou durante o voo, trará muita confusão para a vida dele. Se ele está passando por cima disso e investindo no desejo que sente por você mesmo assim, é porque existe algo mais, mesmo que ele não tenha percebido ainda.

— Você tem razão. É uma romântica e está enxergado uma história de amor onde só existe atração, Debra. O homem me disse que nunca ficou com alguém por mais de uma semana.

— Então o faça suar. Ele está acostumado a sexo fácil. Seduza-o. Leve-o para uma zona que ele nunca esteve antes.

— Como?

— Eu não tenho como te responder isso. Siga sua intuição.

Olho outra vez para o aparelho que estou segurando. O coração disparado ao ponto de eu senti-lo pulsando no

ouvido, então encosto o dedo na tela e clico em “enviar”.



Capítulo 29

Nova Orleans

Três dias antes

Na mesma noite em que cheguei com Serenity a Nova Iorque, eu precisei voltar a Nova Orleans.

Recebi uma ligação a respeito de VanLith Warren, o antigo tutor dela, do hospital. O velho homem estava morrendo e alguém de sua equipe médica entrou em contato comigo, a pedido dele, porque ao que parecia, o idoso não tinha mais ninguém.

Quando eu cheguei ao hospital, eu precisei apenas olhá-lo para saber que seu caso era irreversível. Acompanhei meu avô paterno em seus momentos finais e ele possuía a mesma expressão de despedida com que o ex-tutor de Serenity me encara agora.

Vê-lo à beira da morte, sozinho em um hospital mexeu comigo mais do que gostaria de admitir.

Ele é um homem rico, pelo que pude constatar e, no entanto, isso não lhe adiantou nada no fim da vida.

Invariavelmente, meus pensamentos correm para Serenity. Ela também não tem alguém além de Debra e JeAnne e nenhuma das duas é família.

Não, com ela será diferente. Serenity é linda, jovem e rica. Vai encontrar um homem que a amará e com quem terá um futuro incrível.

Sinto uma fodida bola descendo pela garganta quando tento visualizar esse cenário. Ao invés de me acalmar, faz com que eu me sinta ainda pior.

— Eu não quero que ela saiba — VanLith diz, quase sem forças, do leito. — Conte somente depois que eu partir.

Mesmo em seus momentos finais, o homem é a imagem da dignidade. Mesmo tão fraco e magro, com o olhar um pouco esgazeado, ele impõe respeito.

— A maneira como a criaram, tanto você quanto JeAnne, blindando-a de tudo, não é a melhor forma de preparar alguém para a vida.

— À nossa maneira, eu e a babá tentamos suprir as necessidades da menina.

Eu não vou retrucar. Não há razão para discutir com um homem em seu leito de morte, embora eu pense na contramão do que ele está dizendo. Dar amor a uma criança não significa criá-la em um cenário cor-de-rosa, onde tudo é perfeito. Até porque, se meu palpite estiver certo, eles dois falharam miseravelmente. Fora a dança, Serenity é insegura para todo o resto.

— Por que você não me disse a verdade, desde o começo, sobre o tamanho da fortuna dela?

Ele me dá um sorriso fraco.

— Eu queria que fosse você o homem que assumiria a tutela dela. Mesmo que não houvesse a questão do um por cento do *GordonBank*, eventualmente eu teria que conseguir um outro tutor para ela. Sabia que estava ficando sem forças, e não duraria muito. Só posso atribuir ao destino que nossos caminhos tenham se cruzado.

— Por que eu?

— Não queria você, pessoalmente. Qualquer um dos Kostanidis serviria. Eu conheço a reputação da sua família.

Sabia que ela ficasse sob o cuidado de vocês, não seria roubada. Vocês são honrados e são gregos. O que se diz por aí é que seu povo dá muito valor à família.

— Serenity não é minha família.

— De sangue, não, mas ela nunca seria apenas um negócio para você, assim como nunca o foi para mim.

— Não é o que você demonstrou esse tempo todo.

— Eu sou bom em esconder as emoções. Serenity, ou senhorita Blanchet como a chamo na frente dela, sempre foi a criança mais doce e triste que você possa imaginar. Fechada, não dá a sorrisos e eu morri de pena de ter que enviá-la àquele colégio na Alemanha. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. As disposições testamentárias dos pais dela foram bem claras.

— Ela não se lembra deles.

— A mente humana é um labirinto, Ares. — Ele pausa. — Acho que posso lhe chamar assim, não é, meu filho?

Eu aceno com a cabeça.

— Como eu ia lhe dizendo, a mente humana é um labirinto. É provável que ela tenha bloqueado qualquer memória do passado. E essa é uma das razões pelas quais

eu o chamei aqui. Primeiro, quero lhe agradecer por aceitar cuidar de tudo quando eu partir.

Eu não falo nada. Como diabos você reage a algo assim? Quão foddidamente desolador é que ele precise de um estranho para cuidar de detalhes após sua morte?

— Eu tenho uma caixa no meu escritório com documentos e fotografias de várias fases dos primeiros cinco anos de vida de Serenity. Eu não sei a razão, mas os pais dela cuidaram para que a menina tivesse memórias deles, quase como se soubessem que não viveriam muito. Assim, junto ao testamento, me entregaram essa caixa. Quando ambos perderam a vida no desastre de avião, eu já tinha todos os meios possíveis de organizar a vida da garotinha, mas adoeci e foi uma benção que JeAnne tenha podido continuar cuidando dela nos dois meses que levei para me recuperar.

— Mas por que já não entregou esses pertences a Serenity?

— Eu sou um velho covarde. Afeiçoei-me à menina e mesmo depois de crescida, não quis partir seu coração. As cartas que os pais lhe deixaram eram em tom de despedida.

— Ele sacode a cabeça. — É muito triste ver uma família ser desfeita de repente.

— Eu passarei no seu escritório para pegar a caixa. Digame o que precisa, VanLith. Tem minha palavra de que cumprirei tudo.

— Eu estava certo ao escolher sua família, Ares. Posso morrer em paz. Serenity estará em boas mãos.



Nova Orleans

Presente

Setenta e duas horas depois, eu deixo o cemitério onde acabo de enterrar, apenas com a presença de um celebrante e dois coveiros, VanLith Warren.

Ele me pediu que não contasse a Serenity, e eu respeitarei sua vontade por ora, mas eventualmente o farei. Eu não vou agir como se ela fosse uma flor frágil em redoma de vidro. Qualquer um que aguente a quantidade

absurda de treinamentos que ela faz para o balé tem muita força dentro de si.

Eu ligo meu celular, que havia desligado para o enterro, e ele vibra com a chegada de duas mensagens. A primeira, é de Eleanor, madrasta de Madison:

Eleanor: *“Traga sua menina para o almoço de domingo. Já passou da hora dela conhecer a família.”*

Eu sacudo a cabeça, sem conseguir segurar um sorriso.

A sogra do meu irmão é a pessoa mais gregária que eu já conheci. Desde que Zeus começou a namorar Madison, ela fez questão de reunir todos nós em almoços semanais e isso só intensificou quando Brooklyn se casou com Athanasios. Até mesmo os pais do cirurgião são convidados.

E agora, ela quer juntar Serenity à equação.

Eu seguro o telefone e meu lado egoísta deseja mantê-la à parte, guardá-la só para mim, mas penso nos últimos três dias e no quanto foi deprimente ver o velho homem sozinho.

Não, ela merece estar conosco. Já cruzei a linha, de qualquer modo, quando a beijei.

Eu teria feito mais se não tivéssemos sido interrompidos por Debra. Nosso relacionamento ultrapassou o conceito de proibido há tempos. Mais precisamente, quando a pus sobre meus joelhos e bati em sua bunda.

Eu respondo a Eleanor e passo para a próxima mensagem.

É de Serenity:

Serenity: "Eu sei o que você fez."

Eu toco no visor para completar a ligação.

— *Ares?* — responde sem fôlego após o telefone chamar uma meia dúzia de vezes.

— Eu vou comprar mais duas dúzias delas. Não quero que use as outras.

— *O quê?*

— Você ouviu. Eu quero imaginá-la dentro daquele fio dental, todos os dias.

— *Eu...*

— Jogue as outras fora, Serenity. Eu vou encher suas gavetas de lingerie novas, mas com as que gosto.

- *Isso não está nas suas atribuições de tutor.*
- Não, mas eu estou ampliando meus deveres a partir desse momento.
- *Eu deveria dizer que não.*
- Mas não vai?
- *Não. Eu quero que você pense em mim vestida nelas.*
- Porra!
- *Foi você quem começou. Quando volta? Aliás, para onde foi?*
- Conversaremos sobre isso outro dia. Eu chegarei de madrugada a Nova Iorque, mas vou levá-la para almoçar com a minha família amanhã.



Capítulo 30

— *O quê?*

— Está mais chocada com o convite da minha família do que eu querer escolher que calcinhas vai usar, Serenity?

— *Eu não... hum... eu nunca... eu não acho que saiba lidar com tanta gente reunida.*

Agora sou eu que estou surpreso para caralho.

— Como assim? Você se apresenta em palcos pelo mundo inteiro, capturando a atenção total da plateia por horas.

— *Nenhuma daquelas pessoas me vê. Eles só enxergam a bailarina, não a Serenity. Eu não sou boa nessa coisa de interagir com estranhos.*

— Não quer ir?

— *Por que eu iria? Eu não os conheço. São sua família. Isso só complicaria as coisas.*

Ela está apavorada por causa de um simples almoço?

Algo no meu peito contrai.

— Você está com medo de quê?

— *Não estou com medo. Só não acho adequado.*

— Como eu disse antes, essa linha do “adequado” já foi cruzada.

— *E ela continuará a ser empurrada?*

— Não entendi.

— *Vai me beijar novamente? Eu supus que sim, já que roubou minha calcinha.*

— Eu não roubei sua calcinha. As outras pareciam de vovó. Na verdade, estou te fazendo um favor. Vou te dar um enxoval de lingerie completo.

— *Isso soa meio pervertido.*

— O que sabe sobre perversões?

— *Não muito, mas já li sobre fetiches* — ela diz, diminuindo o tom. Pelo barulho ao redor, presumo que esteja entrando no carro com o motorista.

— Onde você está?

— *Saindo da escola de dança.*

Eu aproveito o gancho para mudar de assunto. Pensar em Serenity e fetiches em uma mesma oração é garantia de uma ereção fora de hora.

— Em um sábado?

— *Eu pratico todos os dias.*

— Pretende fazer isso para sempre?

— *Não sei. Debra disse que preciso variar minhas atividades um pouquinho, mas não quero perder o foco.*

Sei que ela saiu para vários lugares desde que eu fui viajar, como sei também que sua mentora a acompanhou o tempo todo.

— Eu vou te levar para a Grécia por uma semana tão logo você tenha uma pausa entre as apresentações.

— *O quê?*

Eu sei que não deveria, mas não sou dono da *SIN* à toa. Sou um pecador e também hedonista. Eu quero Serenity na minha ilha, nadando em minha praia particular.

— Eu vou te levar para viajar.

— *Só nós dois?*

— Quer levar mais alguém?

— *Não. Nós dois soa perfeito.*

— Mesmo que eu não tenha nada para oferecer depois?

— *Eu não estou dizendo que iremos como um casal, Ares.*

Não seja convencido.

Aquilo deveria me deixar aliviado, mas ao contrário, irrita.

— Esteja pronta às dez, amanhã de manhã.

— *Eu achei que era almoço.*

— E é, mas a sogra do meu irmão gosta de reunir todos por volta das dez e depois só saímos de lá tarde da noite.

— *Ares, eu não sei se devo ir.*

— Por que não?

— *Não quero me acostumar com vocês. Se nós dois brigarmos, ou decidirmos manter tudo na base profissional...*

— Você tem minha palavra de que nunca vou te mandar para longe.

— *Não pode me prometer isso.*

— Eu posso, sim. Você é nossa agora, Serenity.

— *Isso soa meio que como uma máfia.*

— Exatamente. Não há maneira de sair do clã Kostanidis.

— *Eu não me importarei se um dia eu tiver que me afastar. Eu tenho Debra e JeAnne.*

— E a mim.

— *Eu não tenho você. Ninguém tem você, Ares. Foi bem claro quanto a isso. Bem, se acha que não vou atrapalhar, eu aceito.*

— Esteja pronta às dez.

— *Já disse isso, tio Ares. Opa, não posso mais chamá-lo assim. Nenhum tio roubaria a calcinha da sobrinha.*

Ela desliga antes que eu possa responder e apesar da situação deprimente dos últimos dias, eu me sinto leve como não me lembro de já ter estado antes.

Ah, Serenity, o que eu vou fazer com você?

Manter-se longe, em primeiro lugar — a voz da razão avisa.

Entretanto, eu sei que é tarde demais. O que eu disse a ela é verdade. Cruzamos a ponte do proibido e isso só vai piorar uma vez que ela esteja entre a minha família. Haja o que houver, Serenity é nossa.



No dia seguinte

O motorista estaciona na garagem do meu edifício e antes que ele se adiante para abrir a porta, já estou do lado

de fora. Eu não gosto da sensação de ansiedade, mas é exatamente como me sinto enquanto me encaminho para o elevador.

Olho para o painel como se com a mente pudesse fazê-lo andar mais rápido.

Eu tomei banho durante o voo, porque se não nos apressarmos, nos atrasaremos. Eleanor é uma ótima pessoa, mas odeia impontualidade.

Estico a mão para tocar o identificador de digitais, para abrir a porta dela, mas na mesma hora recuo ao me lembrar que esta é a casa de Serenity e aqui, sou um convidado. De qualquer modo, me sinto patético ao tocar a campainha.

Ouçoo passos e também uma risada e segundos depois a porta se abre, mas não é Serenity quem está na minha frente, e sim um rapaz loiro tão alto quanto eu: o fodido Otis Schulz.

— O que você está fazendo aqui? — rosno.

— Ares — Serenity surge atrás do ombro dele, um pouco sem jeito. — Esse é Otis. Ele acabou de chegar aos Estados

Unidos. Queria fazer uma surpresa para mim. Otis, esse é meu tutor, Ares Kostanidis.

Eu dou um passo para frente sem esperar que ela me convide para entrar e sem desviar os olhos dele.

— Queria fazer uma surpresa? Ela poderia não estar em casa.

Ele dá de ombros sem sorrir. Como eu, parece não está muito feliz em me ver.

— Eu teria encontrado algo para fazer. Manhattan é muito agradável.

— Uma pena que ela esteja de saída — eu digo, me aproximando de Serenity e colocando uma mão na parte de trás de seu pescoço.

Sinto-a estremecer e o filho da puta territorial que existe em mim fica satisfeito.

— Será que ele não poderia vir conosco? — ela pergunta.

— O quê?

— Otis tem que pegar o voo de volta ainda hoje à noite.

— Veio aos Estados Unidos para vê-la por apenas um dia?

— Ela vale a pena — o cretino diz, dando uma piscadinha para Serenity.

— Otis veio fazer um curso. Não está no país por minha causa. Mas sim, veio me ver em Nova Iorque mesmo que somente por um dia. Acha que a sogra do seu irmão se importaria com mais um convidado?

Minta — o demônio dentro de mim diz, mas não posso fazer isso com Eleanor.

— Não.

Serenity sorri e eu me pergunto porque ela não demonstra aquele entusiasmo todo para mim. Fiquei quase quatro dias fora.

— Você pode vir, mas de táxi — digo a ele.

— O quê? — Serenity parece confusa.

— Você vem comigo de moto, Serenity. Não há espaço para discussão.



Capítulo 31

Eu sinto o sangue quente pingando sobre minha coxa atravessar o tecido do jeans. Só então percebo que estava segurando o canivete com o qual brincava enquanto vigiava a entrada do prédio dela, na esperança de ver minha noiva.

A mudança dela para Manhattan não foi boa para mim. Na Louisiana, era mais fácil tomar conta de Serenity, mas talvez eu tenha exagerado na história do escorpião.

O que posso fazer? Sou impulsivo. Fiquei chateado. Eu não gosto de mudanças de planos e a vinda da minha Serenity Clementine para Nova Iorque definitivamente foi na contramão dos meus desejos.

O desgraçado do velho VanLith estragou tudo ao passar a tutela dela para Ares Kostanidis. O grego não lhe dá folga. Colocou tantas seguranças em volta de Serenity que nem meus presentes eu pude deixar mais.

Sim, o escorpião foi mesmo uma jogada errada. Tornou o grego mais protetor ainda.

Eu deveria ter permanecido discreto e então, quando chegasse o momento, me aproximaria dela e a pegaria para mim para sempre.

Ao invés disso, sou obrigado a ver o miserável do Kostanidis desfilando com a minha noiva como se ela lhe pertencesse.

Eles acabam de passar de moto, e estou com tanto ódio que se não fossem os três carros com guarda-costas atrás, eu jogaria minha caminhonete sobre eles e a levaria de uma vez, esquecendo os planos que fiz com tanto cuidado.

Com o garoto Otis, eu não me preocupo. Eu sei que o relacionamento deles era uma farsa. Eu até pensei em matá-lo uma vez, mas vi que seria queimar cartucho à toa; um risco desnecessário, já que ele não significa nada além de um amigo na vida da minha noiva.

Claro que quando estivermos casados, isso vai ter que mudar. Eu não admitirei outros homens perto de Serenity que não seja eu.

O celular toca e quando vejo quem é, atendo de má vontade.

— *O que diabos está fazendo na entrada do prédio dela? Sabe que deve se manter à sombra.*

Eu sei que ele me vigia, não confia em mim, e se não fosse quem é, já o teria matado.

Manter-me à sombra?

Sinto vontade de gargalhar. Não, eu penso diferente. Estarei sempre próximo a ela.

— *Diga-me que não teve nada a ver com aquela história do escorpião.*

— Claro que não tive. Por que eu a machucaria? Eu a quero inteira.

— *Mas quando chegar a hora certa, terá que fazer o que for necessário.*

— Eu sei. Farei tudo o que foi combinado desde o princípio.

Eu desligo antes que ele fale alguma coisa que me faça perder o controle. Não posso me arriscar que o maldito desconfie dos meus verdadeiros planos.

Deixarei que pense que o combinado inicial será cumprido. O que ele nem imagina é que desde o momento em que Serenity voltou para Nova Orleans há dois anos, eu deixei de fazer parte do time. Agora, sou um jogador solo e minha maior conquista vai ser roubá-la para mim.



Capítulo 32

— Ao menos disfarce, Ares — Dionysus diz, ao passar por mim.

— Não sei do que está falando — resmungo.

— Se olhar matasse, o garoto cairia duro para trás. O que está acontecendo entre você e Serenity?

— Nada que seja da sua conta.

— Então está acontecendo algo.

— Eu não decidi ainda.

— Como é?

— Você ouviu. Não sei o que fazer sobre ela ainda. Eu a quero.

— Puta que o pariu!

— Não finja surpresa. Já imaginava isso, ou não teria notado que não estou satisfeito com esse infeliz do Otis pairando em torno dela.

— Eu não estou surpreso por você desejá-la. Ela é linda. Estou surpreso por admitir isso em voz alta, mesmo

sabendo o inferno de confusão que será se a tornar sua. E com *sua*, eu quero dizer no sentido total da palavra. Serenity não é o tipo de mulher com quem você está acostumado.

— E Cici era seu tipo, por acaso?

— Eu me casei com Cecily. Fiz dela minha esposa e mãe dos meus filhos. Não é isso o que pretende com Serenity. Além do mais, ela é sua tutelada.

— Ela é adulta.

— Doce demais para você, irmão — Hades diz, se aproximando.

— Vocês não têm mais porra alguma para fazer não? — pergunto, desgastado com a conversa, embora a minha consciência diga que eles têm razão.

Observo Eleanor enturmando o cretino do Otis, enquanto a alguns passos de distância, Serenity parece entretida em uma conversa com Athanasios. Eu não acredito que ele goste de balé, mas ele admira a excelência em qualquer área e não há dúvidas de que ela é um fenômeno no que faz.

Eu acompanhei diversas de suas apresentações, sem que ela soubesse.

Esse é um segredo que até mesmo meus irmãos desconhecem: que minha doce tutelada é também minha obsessão.

Sim, porque qual o nome pode se dar quando você deseja algo, sabe que não pode tê-lo e mesmo assim continua brincando com fogo?

Nunca me permiti chegar perto o bastante para que ela soubesse que eu estava lá, desejando-a à distância, porque eu sabia que se o fizesse, acabaríamos nus em uma cama.

Tenho certeza de que se fizer um movimento sobre ela, terá que ser para um compromisso e eu não quero isso para mim.

Eu ainda não quero isso para mim, certo?

Vejo o bastardo se aproximar dela e pousar as mãos em seus quadris. Dou um passo à frente, mas Dionysus me segura.

— O que vai fazer? Não tem direito sobre Serenity.

— Uma ova que não tenho. Ela é minha tutelada.

— Caralho, você está completamente perdido, Ares.

— Não sei do que está falando.

— Você a quer, mas é teimoso demais para admitir.

— Quero protegê-la, apenas isso. Eu sei que não devo levá-la para a cama. Só estou irritado porque Serenity terminou com o imbecil e, no entanto, ele continua indo para cima.

— Ela não parece desconfortável ao lado do ex — Hades debocha.

— Vá para o inferno.

— Eu já moro nele, irmão. Sou o deus do submundo.

— Reunião com Odin — Zeus diz, se aproximando.

— Eu já vou.

Ele olha para trás, exatamente para o lugar em que Serenity está com o merda do ex dela.

— Agora, irmão. Não quer aborrecer Eleanor com seu ciúme. Uma briga aqui entre você e o alemão iria definitivamente chateá-la.

— Não sou um moleque. Não tenho razão para brigar.

Ele ri, me deixando um pouco mais puto.

— Vá para a biblioteca, Ares. Ele não tem a menor chance com Serenity — Madison diz, se aproximando. Como a

enxerida que é, estava ouvindo nossa conversa.

— Do que está falando?

— Sabe perfeitamente do que estou falando. Serenity olhou para você o dia todo. O rapaz está fora do páreo.



Quase uma hora depois, estamos encerrando a videochamada com Odin e Christos.

— Então o homem que colocou o escorpião na bolsa de Serenity no aeroporto estava disfarçado de mulher? — pergunto.

— *Bem, estou assumindo que seja um homem. E como a única pessoa que se aproximou dela, de acordo com as filmagens que assisti, foi uma idosa, sim, eu acho que o cretino se disfarçou. O amigo de Christos, Beau, nos enviou as filmagens que conseguiu do aeroporto, de outro ângulo das que eu consegui.*

— *Sim. Segundo ele me disse — meu primo mais velho intervém —, os peritos também chegaram à conclusão de se*

tratar de um homem disfarçado.

— Por que não pode ter sido uma mulher mesmo?

— *Espera um instante* — Odin pede.

Em seguida, ele digita alguma coisa no notebook e depois uma pequena tela aparece no alto da videochamada.

Nela, há uma senhora aproximando-se lentamente de Serenity. Parece inofensiva, com dificuldade para andar e mesmo quando esbarra nela, seus movimentos são lentos.

— Deve ter sido por isso que não chamou a atenção dos guarda-costas — Zeus diz.

— *Sim* — Odin confirma. — *Agora reparem que logo após o esbarrão, o comportamento dela muda.*

Eu observo atônito quando a idosa sai quase correndo após não aceitar ajuda para se levantar.

Sim, agora parece alguém disfarçado.

— Foda-me.

— *Reparou que estava de luvas?* — Odin pergunta.

— *Sim. De luvas em pleno verão na Louisiana* — Christos fala.

— Porra!

— E então é isso? Estamos de mãos atadas?

— *Por enquanto, sim. Se ao menos Serenity tivesse guardado os bilhetes...*

— Seriam inúteis. Não continham DNA. A mentora dela mandou que fossem testados — digo.

Odin parece frustrado.

— *Se ela tivesse lhe contado antes, nunca teríamos chegado a esse ponto, mas talvez haja uma solução. Deixe-o pensar que ela está vulnerável.*

— Não, eu não vou fazer Serenity de alvo. Tem que haver outro jeito.

Ele acena com a cabeça.

— *Tudo bem. Não me agrada a ideia também. Vou pensar em outra solução.*



Capítulo 33

Eu me afasto discretamente, pela terceira vez, de Otis. Não sei o que está havendo com ele hoje. Nem mesmo quando fingíamos ser namorados, ele me tocava assim em público.

Eu o adoro. Aprendi a amá-lo como o bom amigo que se tornou nesses últimos dois anos, mas neste instante estou rezando para que o tempo passe rápido e que ele volte logo para a Alemanha.

— Hey, está tudo bem? — a esposa de Zeus, Madison, pergunta.

Ela, junto a Cici, a esposa de Dionysus, e Brooklyn, a mulher do médico, Athanasios, formam um time muito animado. Eu ri muito com as três hoje e não pude deixar de perceber que a cada passo que dão, são acompanhadas pelo olhar atento de seus respectivos maridos.

— Está, sim. Eu não quis bancar a mal-educada, mas precisava ficar um pouco sozinha.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu ficaria com vergonha de confessar isso, mas Madison é do tipo que nos deixa muito à vontade.

Eu meio que estava escapulindo pela porta dos fundos da casa enorme de Eleanor, quando ela me encontrou.

A madrasta dela se casou, há dois meses, com um ortopedista que trabalha no hospital o qual Athanasios^[18] é dono, juntos a dois outros médicos.

Eu soube que o marido de Brooklyn e os dois sócios receberam o *modesto* apelido de Deuses de Branco, por serem os maiores especialistas do mundo em suas respectivas áreas.

— Seu ex está te incomodando? — ela pergunta.

Eu penso alguns segundos antes de responder, mas, por fim, resolvo dizer a verdade.

Eu não tenho amigas além de Debra, já que JeAnne é mais como uma mãe para mim e não quero começar uma amizade com Madison contando mentiras.

— Nunca fomos namorados.

— O quê?

Sinto o rosto esquentar.

— Todas aquelas histórias dos nossos encontros pela Europa que Otis contou, são verdadeiras, mas platônicas. Ele já me beijou uma vez, mas eu não senti nada, então não deixei que acontecesse de novo.

— Jesus, mas por que vocês mentiram?

— Foi ideia minha — confesso, sentindo o calor da vergonha aumentar.

— Por quê? Estava tentando se livrar de algum assediador?

— Não — respondo, embora isso não seja totalmente verdade, já que existe mesmo um louco me perseguindo. Porém, não foi por conta do meu stalker que eu menti. — Eu fiz porque sou doida. Eu vou te contar, mas precisa jurar que não vai rir.

— Não vou. Tem minha palavra.

— Bem, tudo começou há dois anos quando eu e Ares nos encontramos pela primeira vez...

Eu narro sem esquecer de nenhum detalhe, como o bastardo convencido do meu tutor disse que não saía com meninas e sim com mulheres, então nem adiantaria me apaixonar por ele.

— Não me surpreende — ela fala, no fim, dando risada. — Os Kostanidis possuem uma arrogância sem igual... ou talvez seja um problema dos gregos de maneira geral, porque o marido da minha irmã não deixa nada a desejar nesse quesito também.

— Eu fui uma idiota. Meti-me em uma mentira e agora não sei como sair dela. Otis parece disposto a irritar Ares, o que não ajuda minha situação.

— Ares está com ciúme de você, Serenity.

— O quê? De jeito nenhum. Ele é controlador, mandão, mas duvido que seja ciúme. Acho que se sente atraído por mim, mas só isso.

Não conto do beijo que ele me deu e nem que roubou minha calcinha, porque tudo tem limite.

— É ciúme e pelo que estou lendo no seu rosto, essa atração é recíproca, então vou te dar um conselho não solicitado: não deixe que ele seja o único a tomar decisões sobre vocês dois. Todos os Kostanidis estão acostumados a mandar e serem obedecidos. Não seja mais uma na fila de conquistas dele.

— Minha mentora e melhor amiga disse algo parecido. Para que eu o fizesse suar. Mas eu nem sei por onde começar. Ele me vê como uma criança.

— Eu tenho uma ideia.

— Qual?

— Acalme-se. Confie em mim. Se der certo, deixaremos esse bando de gregos loucos. Eu pedirei a Ares para irmos todos à *S/N* hoje. Vamos dançar a noite toda. Duvido que quando a noite acabar, ele continuará te considerando uma garotinha.

— O quê?

— Confie em mim. Se quer que ele não te veja mais como uma menina e sim como mulher, lá é o lugar ideal.

— Ele nunca vai concordar com isso.

— Deixa comigo. Se eu conseguir convencer Zeus, estamos com um bom reforço ao nosso lado.

— E por que seu marido, um banqueiro, iria querer ir para o que a imprensa nomeou de um lugar para *pecar*?

— Porque temos uma história lá — ela fala, de maneira enigmática, mas sem dar maiores explicações.

Entramos juntas na casa e eu quase esbarro em Otis, que estava saindo naquele instante.

Ele me seguiu aqui para fora?

— Você sumiu — diz, mas não soa zangado.

Entretanto, quando chegamos à sala e vê Ares saindo do que sei ser a biblioteca, já que Eleanor nos levou para um tour pela casa, continua:

— Eu estava te procurando para me despedir, Serenity. Alguma chance de me levar ao aeroporto?

Eu olho para ele com vontade de chorar. Por que está agindo assim? Minha lealdade não permite envergonhá-lo, no entanto. Então, eu ando até onde está e passo o braço pelo seu.

— Eu te acompanho até a porta.

Espero que ele se despeça de todos e finjo que não noto que Ares segue meus movimentos com atenção.

Eleanor, como o doce que é, ofereceu o motorista para levá-lo ao aeroporto.

Descemos as escadas de braços dados, em silêncio, mas quando chegamos no carro, onde o motorista o espera com a porta aberta, eu digo:

— Por que está agindo assim?

— Ele quer você.

— Mesmo que seja verdade, isso não é da sua conta, Otis. Eu e você somos amigos. Nestes dois anos, fingimos namorar, mas você nunca deixou de sair, ainda que fosse escondido, com suas mulheres. Eu jamais me importei e nem vou me importar porque não é desse jeito que te amo.

— Poderia aprender a me amar.

— Não faça isso. Eu não quero perder sua amizade.

— Serenity...

— Não ache que porque sou nova e inexperiente sou maleável também, Otis. Eu só faço o que eu quero porque aprendi a tomar decisões sozinha ainda muito pequena. Eu posso não conhecer muito do mundo, mas sei tudo sobre mim mesma. O que eu sinto e principalmente o que eu não sinto.

— Ele não é bom para você, Serenity. Você dois...

— Não existe “nós dois”.

— *Ainda*. Eu sou homem. Ele te quer, mas eu o pesquisei. O cara tem uma reputação de descartar mulheres como roupas que não quer mais.

— Eu vou te pedir mais uma vez para não interferir. Por favor, não obrigue-me a me afastar. Não torne nossa convivência impossível.

— Eu não posso assistir você entrar no covil do lobo e ficar parado assistindo. Eu preciso de um tempo.

— O quê? Está terminando nossa amizade?

Ele fica uns segundos em silêncio e por um instante temo que vá dizer isso, mas então me puxa para seus braços e me dá um beijo na testa.

— Se ele te machucar, eu vou estar sempre à espera.

— Porque é um amigo maravilhoso. E eu também sempre estarei aqui para você.

— Estou sendo um babaca egoísta, né?

— Está, sim. Eu nunca senti ciúme das suas mulheres.

— Nunca?

— Não. Eu quero que seja feliz.

— Estou me sentindo um merda agora.

— Você foi um pouquinho, mas está perdoado. Mande mensagem quando chegar na Alemanha.

— Tudo bem. Cuide-se.



Capítulo 34

Eu estou quase chegando na casa, andando distraída e olhando para o chão, quando bato em um muro de concreto.

Exceto que o muro tem braços fortes, é quente e o cheiro dele atua como um tipo de entorpecente em meus sentidos.

Custo uns segundos até erguer o rosto para ele, ao mesmo tempo em que me pergunto se não se importa que nos vejam assim porque, agora, Ares tem um dos braços em volta da minha cintura.

A camisa branca social que usa, dobrada até os cotovelos, está com os dois últimos botões abertos. Eu consigo ver um pouco de pele e fecho os punhos para controlar o desejo de abrir um por um os restantes.

— Mentiu quando disse que não estavam mais juntos?

Eu penso seriamente em contar a verdade sobre a farsa do namoro, mas não quero envergonhar Otis para aquele

que meu amigo pensa ser seu rival, embora, a bem da verdade, não haja rivalidade alguma. Em um planeta onde Ares Kostanidis respira, eu nunca conseguirei prestar atenção em outro homem.

— Não — digo simplesmente, mas ele não parece satisfeito e segura meu queixo para que o encare.

— Vou te levar para casa.

— O quê? — Não era isso que eu estava esperando ouvir. Fiquei super empolgada com a ideia de Madison de irmos à *SIN*.

— Minha cunhada colocou na cabeça que quer ir dançar na *SIN* e meus irmãos vão com as esposas.

— E você?

— É meu local de trabalho.

— Bem, boa jornada para você então — falo, me desprendendo dele e seguindo para casa.

— Despeça-se de Eleanor e do resto da família — comanda, como se eu fosse uma garotinha.

Eu não sei o que mais me irrita, se é ele achar que pode me dar ordens, mandando que eu me despeça de seus familiares ou decidir que eu não posso ir à *SIN* sem ao

menos me consultar. Eu sei, no entanto, que enfrentá-lo é uma péssima estratégia. Eu preciso de uma aliada. Ou duas.

Subo as escadas correndo, sem olhar para trás e quase dou um encontrão em Cici e Madison.

Brooklyn me dá tchau, assim como o marido que carrega um dos filhos no colo, já adormecido. O resto da tropa é levada pelos guarda-costas deles.

Depois que eles passam por nós, Madison diz, nada discreta:

— Ela sabe do nosso plano — acompanhando suas palavras, faz um gesto de cabeça para Cici, que sorri. Eu me sinto parte de uma sociedade secreta trabalhando em teoria da conspiração.

— Sabe o quê? — disfarço e ela revira os olhos.

— Sobre você e Ares.

Abro a boca para negar, mas a fecho em seguida.

— Disfarce, ele está vindo — ela sussurra para mim.

— Ele quer me levar para casa.

— De jeito nenhum. Deixa comigo. — Ela abre o maior sorriso que, tenho certeza, deve funcionar com Zeus, mas

não acho que surtirá efeito no meu tutor. — Ares, eu chamei Serenity para ir conosco à *SIN* e...

— Não — ele corta com sua prepotência costumeira.

— Por que não? Está dizendo que sua boate não é um lugar respeitável?

— Explicou para ela do que se trata a *SIN*?

Madison sacode a cabeça fazendo que não e eu percebo que está se segurando para não gargalhar.

— Do que vocês estão falando? — pergunto.

— Podem me dar licença para que eu fale em particular com a minha tutelada?

— Não — elas duas dizem, quase em coro.

— Pode deixar que eu explico — Cici diz. — A *SIN* é um lugar para se realizar fantasias sexuais, mas sem o sexo em si, a não ser que seja um parceiro fixo.

Eu tento fingir que ouvir isso não é nada de mais. Pego toda a minha educação recebida no colégio interno alemão e trago à tona, fazendo a fina, mas por dentro, estou vivenciando uma turbulência de emoções.

Ciúme é a principal delas.

Ele vai todas as noites para um lugar que exala sexo?

Deus, eu sou uma idiota mesmo! Acreditei que tinha alguma chance com um homem assim?

— Hum.... Acho que ele tem razão, Madison. Melhor eu ir para casa. — Eu podia parar agora, mas estou me sentindo como um mosquito e faço a coisa mais estúpida do mundo, completando. — Eu quero dormir cedo porque Otis disse que logo que chegar na Alemanha vai me ligar.

A postura de Ares muda.

— Com medo de enfrentar o mundo real, garotinha? — pergunta, entrando na minha frente e na mesma hora percebo que Madison e Cici desaparecem dentro de casa.

— Está me desafiando? Há poucos minutos queria me levar para casa.

— Mudei de ideia. Talvez você esteja precisando de um choque de realidade.

— O que vou encontrar lá?

Ele me dá um sorriso que não demonstra nem um pouco de humor, quase cruel e eu sei que não vai me levar para que eu conheça coisa alguma e sim, para me chocar.

— Por que contar se eu posso mostrar?



Eu não sei o que esperava. A imprensa criou um rebuliço em torno da *S/N*, mas a verdade é que, por dentro, pelo menos no lounge em que nós estamos, lembra muito um *nightclub* que Debra me levou em Paris uma vez.

A decoração é toda em negro, com alguns detalhes em roxo, e eu nem sei dizer o quanto amei. Roxo é minha cor favorita.

Não precisa ser um especialista para perceber que o lugar é feito para os muito ricos, uma parcela mínima da sociedade.

Onde estamos, há uma pequena pista de dança e só agora Madison me contou que já se apresentou na *S/N*. Foi desse modo que ela conheceu o marido, Zeus.

Duas garçonetes vieram nos servir bebidas, mas apesar de estarem com pouca roupa, não é nada explícito.

Ares me disse que viria trabalhar, mas nem por um segundo saiu do lado dos irmãos.

— Vamos dançar? — Madison chama e Cici resmunga:

— Ah, isso é até covardia. Uma nasceu para isso e a outra é considerada a promessa mundial do balé.

— Não seja boba — a esposa de Zeus diz, puxando nós duas para a pista.

O lounge é bem grande, mas só estamos nós aqui.

Enquanto aproveito a música, totalmente envolvida com a batida, esqueço do resto dos problemas, como sempre acontece quando mergulho na minha arte.

Eu deixo que o ritmo comande meu corpo, me envolvendo, mas em um determinado momento, quando abro os olhos, Ares está focado em mim. Ele nem disfarça. Enquanto os irmãos conversam, ele virou o corpo na minha direção.

Como em nosso primeiro encontro, eu não consigo ver seu rosto, mas mesmo assim um arrepio de excitação me percorre. O problema é que eu não sei como chamar a atenção de um homem como ele e depois de uns cinco minutos, peço licença às garotas e vou ao banheiro jogar um pouco de água no rosto.

Eu sei que preciso descer alguns degraus porque Madison meio que me explicou onde era o banheiro, mas quando

testo a porta que achei que seria, ao invés do toailete, noto que é um quarto de paredes negras. Ao fundo, há um vidro, como aqueles de salas de interrogatório.

Quando dou alguns passos para dentro, abro a boca, totalmente chocada. Do outro lado, há um casal. Ambos estão nus, a mulher deitada em uma cama alta e o homem massageando seu corpo com óleo.

Eu deveria voltar, mas fico fascinada com a expressão de prazer no rosto dela, então me aproximo do vidro, plantando as palmas da mão nele porque não confio na força das minhas pernas.

De repente, me dou conta de que se virarem o rosto, vão me pegar em flagrante, observando-os.

Afasto-me alguns passos, mas minha fuga é interrompida quando bato em um corpo rígido atrás de mim.

Eu sei que é *e/e* sem precisar me virar e quase morro do coração quando suas mãos vêm para a minha cintura e sussurra em meu ouvido:

— Eles não podem te ver, menina levada.



Capítulo 35

Ela mal respira. Eu posso sentir porque subo uma das mãos por seu abdômen e o movimento que Serenity faz para puxar o ar é tão suave quanto o bater das asas de uma borboleta.

— O que veio fazer aqui? — pergunto, correndo os lábios pela concha de sua orelha. Ela estremece contra mim, inconscientemente empurrando o corpo para trás, em busca de atrito.

— Eu estava procurando o banheiro.

— Eu sei, mas quando entrou e viu que não era, continuou assistindo. É o que quer fazer? Assistir?

Ao invés de me responder, ela devolve outra pergunta:

— Quem são eles?

— Um casal, caso contrário não estariam se tocando.

Ela fala comigo, mas sei que está atenta à cena que desenrola na nossa frente.

— Por que não?

— A *S/N* não é um prostíbulo. Em parte, é uma boate regular, elitizada, mas há salas como as que está vendo, em que as pessoas vêm para realizar fantasias.

— E qual é a deles?

— Serem vistos. Agora, me diga se quer ficar ou sair, Serenity.

— Eu... hum... quero ficar... um pouco.

Eu ando para a frente, até o vidro, levando-a comigo, com nossos corpos colados.

Pego uma das cadeiras altas, já que o visor começa a partir da linha da minha cintura. Sento-me, trazendo-a para o meu colo.

— O que estamos fazendo?

— Ficando confortáveis — respondo.

Essa é a maior fodida mentira do mundo. Desde o momento em que a estava observando dançar, conforto era a última coisa que eu estava sentindo.

Passei todo o tempo, desde o momento em que foi para a pista, com uma ereção. Quando saiu para vir ao banheiro, eu não tinha a intenção de me aproveitar dela em um lugar privado. Fiquei preocupado porque estava demorando.

Apesar de ser raro, pode acontecer de algum cliente se exceder e tentar se forçar em uma mulher. Desde que abrimos, só houve dois episódios, um deles com Madison, onde o cara tentou subir no palco enquanto ela dançava. Zeus enlouqueceu e o filho da puta foi expulso para sempre.

O segundo caso foi semelhante e teve o mesmo fim, mas no geral, quem vem aqui sabe que se cruzar a linha, estará fora sem segunda chance.

De qualquer modo, eu nunca correrei risco no que diz respeito a ela.

Serenity é inexperiente, um único namorado até onde sei, mas será que tem consciência do quanto é sexy, o tesão que provoca? Eu apostaria que não. Nada nela é ensaiado. Ela não faz esforço para seduzir e mesmo assim deixa qualquer macho, à exceção dos meus irmãos, que já estão domados, querendo se deitar no chão para que ela passe por cima.

Eu olho para a performance do casal e tento imaginar o que ela vê. No momento, eles não estão fazendo nada de mais.

Apesar de estarem despídos, o cara apenas faz uma massagem sensual no corpo de sua parceira.

Ela está rígida no meu colo e eu seguro seu rosto, obrigando-a a olhar para trás.

— Uma palavra sua e saímos.

Na semi-escuridão do aposento, o azul de seus olhos é ainda mais profundo.

— Eu quero ficar.

Ela torna a se virar e inclina-se para a frente, as mãos espalmadas no vidro.

— Disse que eles gostam de se exhibir. Você também?

— Não. Eu não compartilho minhas parceiras nem mesmo visualmente. Isso não me deixa ligado.

— E de assistir, gosta?

— Não particularmente — eu me inclino para a frente e mordo sua orelha —, mas estou com tesão imaginando se está molhada enquanto o vê tocar nela.

— Tem certeza de que não podem nos ver?

— Tenho, sim. É disso que tem medo? Não de estar sentada no meu colo assistindo um casal prestes a foder?

— Você tem a boca suja.

— *Muito* suja. — Eu levanto seu cabelo e mordo sua nuca.
Ela rebola no meu colo.

Passo um braço em volta de sua cintura, puxando sua bunda para cima do meu pau.

Eu a faço se esfregar contra mim e um dos seus braços sai do vidro e vem para trás, envolvendo meu pescoço.

— Eu deveria estar com vergonha? — pergunta.

— Esqueça as regras, Serenity. Não pense no que acha que seria certo fazer, me diga o que você quer.

— Ele está massageando a esposa.

— Sim.

— Eu... Quero...

— O quê?

— Pode fazer o mesmo comigo, mas sem ficarmos nus?

Eu não seguro uma risada, apesar do meu pau estar totalmente inchado de tesão.

— Eu não tinha a intenção de te deixar nua aqui, baby.

Ela não diz nada. Recosta no meu peito, pega a mão que estava envolvendo sua cintura e beija. Eu viro seu rosto e ataco sua boca. O desejo que reprimi o dia todo, emergindo sem controle.

Dessa vez, ela devolve o beijo com a mesma fome. Gananciosa, molhada, a linguinha deliciosa serpenteando contra a minha.

Quando um som de gemido sai pelo alto-falante do aposento, ela descola nossos lábios e volta a olhar para frente. O homem lambe os mamilos da parceira e Serenity olha a cena como se estivesse hipnotizada.

Sem dizer nada, eu abro três botões de sua blusa e seguro os seios pequenos e firmes.

Ela ofega, estremece.

— Shhh... eu só quero te fazer sentir. Está morrendo de tesão, linda.

Ela recosta outra vez no meu peito e eu abaixo os bojos do sutiã.

Continua olhando o casal, mas treme de um jeito delicioso quando acaricio ambos os mamilos com os polegares.

— Isso parece tão sujo.

— Não é o melhor tipo de sexo?

— Sujo?

— Aham. Sujo, suado, duro.

— Ahhhhh...

Eu pinço os bicos dos seus seios e deixo uma das mãos deslizar para o vértice entre suas coxas. Pressiono na altura do clitóris e ela quase pula do meu colo.

— Ares...

— Gostoso?

— Sim.

Eu desfaço o botão do jeans e brinco com o cócs da calcinha. Não adentro, volto a me concentrar no seio, esticando o mamilo de leve para lhe fazer sentir uma picada de dor.

O gemido dela quase me faz gozar. Serenity é muito responsiva, um tesão total.

— Eu quero você nua e aberta para mim. Quero lambe essa boceta e te fazer gozar na minha língua.

— Eu quero isso tudo também. Eu não sei se vou conseguir saber fazer de volta, mas... Oh...

Agora meu dedo está por dentro da calcinha, tocando o clitóris e a resposta do corpo dela é selvagem.

— Continue falando — comando.

— Depois. Não pare.

Eu sorrio do tom mandão. Ela pode ser muito crua ainda, mas sabe o que quer.

— Levante a bunda um pouquinho.

Ela se ergue e eu puxo calça e calcinha para baixo.

— Olhe para frente, Serenity. Está vendo como ele tem o rosto posicionado no meio das coxas da esposa? Ele vai lambe a boceta dela, mas eu duvido que será com tanta fome quanto eu farei quando a tiver descendo na minha cara. Eu vou te devorar.

— Meu Deus, Ares.

Ela está encharcada, as dobras do sexo melados de tesão, e eu não preciso mais do que uns poucos minutos para fazê-la gozar.

Por muito tempo, estremece em meus braços, e depois fica tão quieta que acho que adormeceu. Eu a visto e meu único pensamento agora, mesmo sabendo que estou fazendo uma caminhada para um inferno de confusão, é que quero tirá-la daqui e tê-la nua em minha cama.

Ajeito seu sutiã, fecho sua camisa e ela continua quieta.

— Tudo bem? — pergunto, começando a me preocupar.

Ela faz que sim com a cabeça, mas não é o suficiente, então a giro para mim fazendo com que me monte.

— O que há de errado?

Ela espalma as mãos no meu peito.

— Eu achava que essa sensação que as pessoas descrevem no orgasmo era algum tipo de lenda.

Eu demoro algum tempo para entender o que ela diz e quando o faço, xingo mentalmente o cretino do ex-namorado.

— Você nunca gozou com ele?

Será possível, nem mesmo sozinha, se tocando?

— *Com ele?*

A última coisa que quero é trazer o nome do bastardo do ex-namorado para a conversa, mas preciso saber. Ao que consta, ficaram quase dois anos juntos, o maldito egoísta.

— O seu ex.

— Oh! — fala, surpresa, mas em seguida sorri. — Não. Nós nunca. Eu e ele não....

Antes que ela complete a sentença, uma desconfiança começa a desenrolar no meu cérebro e em questão de

segundos, eu entendo, mas mesmo assim, exijo a confirmação.

— Serenity, você é virgem?

A expressão de vergonha me dá a resposta, e acho que ela também vê o choque no meu rosto, porque pula do meu colo como se estivesse sentada sobre brasas.

Encaramo-nos na penumbra, acho que os dois sem saber o que falar. Eu me sinto o maior depravado que já existiu, mas em minha defesa, nunca passou pela minha cabeça que ela era intocada ainda.

— Eu quero voltar — ela diz e vejo como está embaraçada.

Ela foge e começa a andar para a porta.

Eu aperto um botão para escurecer o visor com o casal do outro lado e desligo o som, onde os gemidos agora são mais intensos.

— Serenity, espera...

Caralho, eu deixei uma virgem assistir a praticamente um filme pornô ao vivo.

De repente, quando ela já está quase na saída, ouvimos duas batidas e em seguida ela se abre com Cici e Madison

do lado de fora.

— Ah, vocês estão aí... desculpem, é que nós...

Pela primeira vez desde que a conheço, vejo Madison envergonhada.

— Eu me perdi — Serenity explica, andando em direção a elas —, e agora estou cansada. Quero ir embora.



Capítulo 36

Eu não saberia dizer como saímos da *S/N*.

Nem faço ideia de como me despedi de Madison e Cici, apenas tive uma vaga noção de que elas disseram que me ligarão na próxima semana.

Sem dizer uma palavra, Ares me levou para os fundos da boate, para o estacionamento exclusivo.

Vi o motorista, assim como os guarda-costas, nos esperando, e entendi que não voltaríamos de moto.

Ares me ajudou a entrar no carro e me observou fechar o cinto de segurança.

Quando o motorista tomou seu lugar atrás do volante, ele subiu a divisória para nos dar privacidade, mas não tentou falar comigo até que chegássemos no edifício que moramos. Dentro do elevador, eu preciso me controlar para conseguir ficar parada, porque sinto como se seus olhos estivessem me perfurando.

Quando enfim paramos no meu andar, preparo-me para a despedida, mas ele me segue para fora.

Ares me segura pelos ombros e me vira para si.

— Precisamos conversar. Eu não tinha ideia de que...

Eu faço um gesto com a mão, sem olhar para ele e aceno com a cabeça.

— Eu entendi. Você presumiu que eu era experiente.

— Experiente, não, mas nunca imaginei que depois de dois anos de relacionamento...

— Ainda fosse virgem?

— Isso.

— Sinto muito pela confusão.

— Confusão? Acha que foi um simples mal-entendido? Você é uma inocente, intocada, e eu abusei da sua confiança.

— Você me perguntou se eu queria sair. Eu tomei a decisão de ficar. Eu adorei cada segundo e faria tudo de novo.

— Não sabe o que está dizendo. Não vai mais acontecer. O primeiro homem na vida de uma garota é muito

importante. Acredite em mim, quando olhar para trás, no futuro, vai se arrepender se for eu esse cara.

Eu não consigo me imaginar entregando-me a outro.

Claro que não digo nada disso. Já tive uma boa dose de humilhação para o resto do ano.

— Boa noite, Ares.

— Serenity...

— O que você quer que eu diga?

— Chame-me de canalha. Eu mereço.

Eu abro a porta com a minha digital, mas antes de entrar, com a mão na maçaneta, viro-me para ele outra vez.

— Não. Eu vou te chamar de *meu primeiro tudo*. Não pode fazer desaparecer a memória do que aconteceu. E eu não quero esquecer.

Entro depressa, porque minha coragem foi apenas o bastante para desafogar o que estava me sobrecarregando.

Ando até o quarto no segundo piso e me jogo na cama sem tirar a roupa, ainda sentindo ele em mim, querendo mais, embora provavelmente nunca vá acontecer outra vez.



Dias depois

Eu estou fugindo dele.

Sim, não é digno e nem honrado, mas ainda não me recuperei da vergonha de nossa conversa pelo que aconteceu na *S/N*. Nem mesmo para Debra, que está na Louisiana, por sinal, tive coragem de contar o que aconteceu.

Deus, por que fui dizer aquelas coisas antes de entrar? Se Ares tinha alguma dúvida de que sou uma tola inexperiente, elas se esgotaram naquele momento.

Temos nos falado por mensagem apenas, o que parece ridículo, já que moramos com um andar de distância.

Ares tem me dado espaço, o que é uma benção. Eu não saberia ser casual depois do que aconteceu.

Tanto Cici quanto Madison me ligaram e quiseram combinar algo para o meu aniversário de vinte e um anos, daqui a alguns meses. Eu concordei, mas pedi que não

falassem sobre a data com Ares. Tenho certeza de que ele não se lembra.

Daqui a três semanas será minha estreia como primeira bailarina do New York City Ballet e a ansiedade já está batendo forte. Eu não preciso de mais um motivo para me deixar tensa e qualquer contato com meu tutor grego, pioraria meu estado.

Olho para o meu celular em cima da cama e rezo para que JeAnne atenda. Desde que cheguei a Nova Iorque só nos falamos três vezes. Eu entendo que ela não queria vir morar em Manhattan, mas depois de tantos anos juntas, vai me cortar de sua vida, como um band-aid arrancado e descartado no lixo?

Quando conversamos ao telefone, ela parece bem, mas não mais suave como era antigamente e eu gostaria de saber se foi algo que eu fiz para chateá-la.

— *Serenity, como vai?* — ela atende no terceiro toque.

— JeAnne, eu fiz alguma coisa para magoá-la? — pergunto, porque a cada vez que ela me trata assim, é como um corte no coração.

— *Magoar-me?*

— Você mudou comigo.

— *Eu estou com alguns problemas, Serenity.*

— E eu posso ajudar? É sobre dinheiro?

— *Não é nada com que você precise se preocupar.*

— E sua vinda para cá? Não quer conhecer a cidade? O apartamento é enorme. Eu posso mandar um voo fretado para você. Nem precisaria vir por um comercial.

Eu odeio soar desesperada, mas estou cansada de fingir que nunca fico triste.

— *Não é necessário. Eu irei em breve.*

— Tudo bem — falo, porque está claro que ela não quer continuar conversando, mas quando estou prestes a desligar, ela chama meu nome.

— Sim?

— *Você está feliz aí?*

— Eu estou bem, JeAnne. Tenho amigos novos e moro em um lugar incrível.

— *Não foi isso o que eu perguntei.*

Eu penso na questão.

Eu estou feliz? Tenho tudo o que uma garota da minha idade gostaria, então, por que não me sinto realizada?

- Sim, eu estou feliz — minto.
- *Sabe que VanLith faleceu?*
- O quê?
- *Ele morreu há alguns dias.*
- Como soube?
- *Saiu uma nota no jornal. Eu pensei que o doutor Kostanidis tivesse lhe dito.*
- E por que ele saberia?
- *Porque ele foi a única pessoa presente no funeral.*
- Quando foi isso?
- *Logo depois de você ter se mudado para Nova Iorque.*
- Mas eu e você nos falamos depois disso. Por que não me contou?
- *Eu me esqueci.*
- Não, você não esqueceu. Lê os jornais diariamente e tem a mente afiada. Por que não me contou, JeAnne?
- *Eu presumi que seu novo tutor o tivesse feito. Como nunca tocou no assunto, achei que não tinha dado importância.*

Aquilo doeu mais do que a mentira anterior. É isso o que ela pensa de mim, que eu sequer mandaria uma coroa de

flores para o senhor VanLith? Acredita que sou uma egoísta insensível?

— Eu tenho que ir — me despeço. — Fique bem.

— *Serenity?*

— Sim.

— *Eu te amo, criança.*

— Obrigada.

Desligo o celular enfurecida e visto um short e camiseta, determinada a ir atrás do arrogante que acha que pode me esconder algo tão importante.

Eu preciso que Ares entenda de uma vez por todas que não sou um bebê.

Subo ao apartamento dele e toco a campainha, mas ninguém atende. É claro que ele não estaria. Neste horário, provavelmente encontra-se na *S/N*. Deveria ser minha deixa para ir dormir, mas estou chateada demais para engolir sapo, então decido que ao menos por hoje, não serei a boa menina que todos esperam.

Volto para o apartamento, pego o celular e ligo para Madison para compartilhar meu plano.

A resposta dela me faria rir se eu não estivesse tão zangada.

— *Ele vai matar nós duas.*

— Então não vai me ajudar?

— *Vou, sim. Dê-me meia hora para pedir à minha mãe*

que venha ficar com as crianças porque não gosto de deixá-

las apenas com as babás. Depois, passarei para te pegar.



Capítulo 37

— Senhor, contratou uma dançarina nova? — Elmer pergunta, entrando no meu escritório da *S/N* sem bater, o que, dado seu jeito formal, é muito incomum.

— *Dançarina nova?* — pergunto, confuso.

Não sou eu quem as entrevista pessoalmente. Eu tenho toda uma equipe para fazê-lo. Elas passam por diversas triagens. A única vez que me envolvi na contratação de uma funcionária foi quando precisava de uma que fosse bilíngue, para enredar Rey Cardona de la Vega e convencê-lo a nos vender suas empresas.

— Por sua surpresa, eu imaginei que não. Posso falar abertamente, doutor Kostanidis?

— O que há de errado?

— Sua cunhada chegou... na verdade, suas duas cunhadas, as senhoras Madison e Cecily Kostanidis, dizendo que haveria uma apresentação especial essa noite com uma dançarina nova. Peço perdão antecipadamente pelo que vou

dizer, senhor, mas eu acho que elas estão... hum... *aprontando alguma*? Acho que é a única expressão que se encaixa nesse caso — ele diz, como se as palavras lhe arranhassem a garganta.

Eu me levanto e ando para a porta.

— Onde elas estão?

— Na plateia.

— Meus irmãos vieram também?

— Não, senhor, mas já tomei a liberdade de telefonar para ambos para avisar que suas esposas estão aqui.

— Caralho!

— Senhor... fiz mal?

— Não, Elmer. Está tudo bem. O "caralho" é porque acho que tem razão. Elas devem mesmo estar armando alguma.

Eu já estou no corredor, quando, de repente, uma desconfiança surge na minha mente ao me lembrar de como eu e Serenity nos despedimos brigados e também o fato de que ela tem me evitado como o diabo foge da cruz.

Não, ela não ousaria fazer uma merda dessas para me irritar, para somente provar o ponto de que não é uma criança.

— Leve-me até a tal bailarina.

— Hum... é um pouco tarde para isso, senhor. Ela já está no palco.

— Onde estão Madison e Cici?

— Venha comigo. Vou lhe mostrar.

Eu não demoro a ver a cabeleira vermelha de Cici entre os espectadores, mas enquanto me aproximo das duas, minha atenção é presa pela “nova dançarina”.

Ainda que esteja usando uma máscara que cobre metade do rosto, eu reconheceria aqueles olhos de boneca em qualquer lugar. Eu sei que devo tirá-la imediatamente do palco, mas minha chegada coincide com o momento exato que ela se vira e me vê.

É como se estivesse me esperando e agora, olha para mim, como se só existíssemos nós dois.

Serenity vestida em um pequeno biquíni de couro preto no palco da minha boate é como a mais suja fantasia se tornando realidade. Um anjo adentrando o inferno e tentando os pecadores.

Tanto quanto eu quero arrancá-la de lá, eu fico hipnotizado com o rebolar de seus quadris.

O corpo é mais delicado do que o de todas as minhas funcionárias, mas por nenhuma delas eu já me senti tentado. A garota que me provoca somente por respirar, no entanto, me deixou duro como um adolescente descobrindo o sexo.

— Ares. — Ouço a voz de Madison me chamar, soando divertida, mas mesmo assim eu não desvio o olhar da mulher que conseguiu me enredar em sua teia sem nem mesmo ter consciência disso.

— Vocês duas vão me pagar — falo, me abaixando apenas para que elas escutem. — Zeus e Dionysus estão vindo.

Eu não lhes dou tempo de responder, sigo reto para ir encontrar Serenity com Elmer na minha cola.

— Faça com que a música seja interrompida discretamente e apague as luzes do palco — aviso a ele. — E não me siga.

O que parece uma vida depois, chego aos bastidores.

— Todos fora.

Eu não preciso falar uma segunda vez e os funcionários desaparecem.

Abro as cortinas e apesar da melodia estar morrendo lentamente, o palco encontra-se no escuro.

Vejo a bunda de Serenity mal coberta pelo pequeno biquíni e meu autocontrole vai para o caralho. Eu vou até onde ela está, a jogo sobre os meus ombros e começo a andar para o meu escritório.

Nenhum de nós dois fala durante o caminho, e é bom que seja assim.

Ela ensaia espernear, mas eu acerto uma palmada em sua bunda, segurando as duas pernas juntas.

Entro em minha sala e fecho a porta com um pé antes de trancá-la.

Coloco-a sobre os seus pés, abro um painel de segurança e desligo as câmeras que estão nos gravando.

Elas não têm som, mas têm sensor de movimento, e assim que alguém entra em meu escritório, são acionadas.

— Não faço danças privadas — ela tem a coragem de dizer depois que eu tranco a porta e me aproximo.

Não penso meia vez antes de soltar sua máscara atrás da cabeça.

Eu quero me manter indiferente, mas reprimi minha fome por ela por tempo demais.

— O que diabos estava tentando provar?

— Eu não sou mais uma criança — diz, erguendo o queixo.

Percorro-a inteira, dos pés calçados em sapatos de salto, as coxas tonificadas pela dança, o sexo coberto pela pequena peça de couro e os seios duros, cujos mamilos nesse instante empurram o tecido. Eu me demoro em cada lugar, dando um foda-se ao fato de que é virgem. Eu tentei fazer o certo depois que descobri que era inocente em todos os sentidos, mas Serenity entrou na jaula do leão para cutucá-lo e agora arcará com as consequências.

Quando enfim chego ao pescoço, percebo que ela está muito vermelha e o rubor se espalha para o rosto também.

— Eu sei que não é uma criança, mas agora, está na hora de você entender de uma vez por todas que sou um homem, não um garoto.

Não há um grama de delicadeza quando a pego no colo e a sento em minha mesa. Ela não tem tempo de respirar

antes que minha boca bata na dela, a língua exigente, obrigando-a a se entregar.

A luxúria foge ao controle e me ataca em ondas de um desejo avassalador.

Ela corresponde ao beijo com uma entrega que só faz piorar meu tesão.

Sinto os mamilos duros contra meu peito e levando a mão às suas costas, solto o sutiã do biquíni.

Estou quase deitado sobre ela, a boca correndo por seus lábios, queixo, mandíbula, mordendo a carne quente do pescoço.

Eu me abaixo e sugo um bico ereto. Ela geme meu nome e cruza as coxas em volta da minha cintura.

Lambo seu abdômen, ao mesmo tempo em que desfaço os laços nas laterais da calcinha de couro.

— Você está tremendo, Serenity. Estou louco para te provar, mas pode me pedir para parar agora mesmo.

Ela faz que não com a cabeça.

— Eu quero tudo, Ares.

Não acho que ela saiba o que está me pedindo e nem eu pretendo comê-la dentro da *S/N*. Não sou tão insensível e

sei que a primeira vez de uma mulher deve marcá-la.

Continuo a trilha de beijos molhados por seu abdômen e a puxo para a beirada da mesa, para posicioná-la como quero.

Quando nossos corpos se colam, quase posso sentir seu coração batendo depressa.

— Seu corpo quer se render a mim, baby. Está morrendo de tesão.

Ela enrubesce, mas coloca as mãos apoiadas na superfície, atrás do corpo, em uma oferta silenciosa.

Segurando-a pela bunda, eu a levanto da mesa, trazendo suas coxas para os meus ombros e aspiro o cheiro doce de seu sexo excitado.

— Já foi tocada aqui? — pergunto, separando os lábios de sua boceta e lambendo da abertura ao clítoris.

Ela choraminga e faz que não com a cabeça.

Sim, ela disse que era virgem e que lhe dei seu primeiro orgasmo, mas isso não significa que...

Eu não quero pensar nisso. Não importa o antes.

— Esqueça — digo.

— Ninguém me tocou intimamente além de você. Em nenhuma parte do meu corpo. Como eu lhe disse naquele

dia, você será meu primeiro tudo.

Caralho!

Eu não posso mais esperar para comer sua boceta. Ela brilha com desejo e eu me abaixo, louco para provar seu mel.

O cheiro do tesão dela está me deixando fora de controle. Com uma das mãos, afasto os lábios ensopados e com a outra, acaricio de leve o clitóris.

A reação dela é pura lascívia. Ela usa os pés nas minhas costas como uma alavanca, erguendo a bunda da mesa e se oferecendo como um doce sacrifício à minha língua.

Lambo e chupo sua boceta de boca aberta. Sugo sua excitação, que acaba de se tornar minha bebida e alimento favorito.

Minha língua busca sem cessar o interior melado, provocando a carne intocada, sem parar de massagear seu ponto de prazer.

Separo os lábios, tentando abarcar tudo. Eu quero ir para o chão e fazê-la sentar na minha cara, cavalgando minha língua, mas sei que é muito para alguém tão inocente.

Mamo seu clitóris e meto um dedo em seu canal sem aprofundar. Fico louco quando sinto o quanto é apertada e meu pau se contorce, querendo sentir o calor estreito.

Ela treme de prazer, empurrando-se contra meu rosto, puxando meu cabelo, deliciada.

Enterro a boca em suas dobras escorregadias, comendo, devorando, querendo tudo dela.

— Vai encher minha boca com seu mel, Serenity. Alimente-me.

Agarro seus quadris, trazendo ainda mais para mim e ela treme, excitada.

Trabalho a língua em suas paredes, dando-lhe uma mostra de como se sentirá quando eu a preencher com minha extensão grossa.

Eu mamo seu clitóris, sugando duro, e não demora para que enrijeça, me dando o primeiro orgasmo.

Eu não paro. Apenas um pedido dela poderia me refrear, porque estou faminto.

Chupo o sexo e a fodo com língua e dedos. Quando goza pela segunda vez, gemendo meu nome, sua cabeça cai suavemente sobre o tampo da mesa.

Eu me ergo e a olho.

Aberta, pronta, deliciosamente entregue.

Eu a quero como nunca desejei uma mulher na vida, mas me obrigo a parar.

Quando a fizer minha, não será uma entrega dela apenas, vou lhe ensinar tudo. Eu a quero comigo, não seduzida, mas dona do próprio desejo.



Serenity não acordou mais. Talvez a combinação da noite inusitada com os dois orgasmos tenham feito seu caminho para esgotá-la.

Eu tenho camisas extras no closet daqui da minha sala, e depois de vestir-lhe o biquíni outra vez, coloquei uma delas nela.

Há uma passagem secreta pela qual posso sair sem que sejamos vistos por algum frequentador e depois de enviar

uma mensagem para o meu motorista, ele estará nos esperando nessa segunda saída.

Já dentro do veículo, tento passar um cinto de segurança por seu corpo, mas Serenity se aconchega no meu colo, os braços em volta do meu pescoço enquanto um ronquinho suave lhe escapa dos lábios.

Quase meia hora depois, quando o motorista estaciona no meu edifício, eu saio com ela nos braços, em direção ao seu apartamento.

Faço uma negativa com a cabeça, deixando uma mensagem clara aos guarda-costas de que eles não precisam subir comigo.

Entro o elevador privativo e nem por um segundo consigo deixar de olhar para o rosto lindo, adormecido. Eu nunca me vi como um homem ciumento, mas eu quis furar os olhos de cada um que a assistiu hoje.

O elevador para no andar dela e com dificuldade, encosto a digital para abrir a porta. Ando em linha reta para o seu quarto.

Eu a deito na cama e ouço seu resmungo.

Não quero ir. Eu quero continuar de onde paramos, mas esta não é uma decisão da qual eu possa voltar atrás amanhã de manhã, então preciso pensar e pesar com muito cuidado o caminho que seguiremos daqui por diante.

Tiro o cabelo de seus olhos e a cubro com o lençol, depois de livrá-la dos sapatos de salto alto.

Meu olhar percorre o corpo lindo, o pequeno triângulo de pano que lhe cobre a boceta e minha boca enche de água quando me lembro de seu gosto, e de como ela gozou para mim.

Obrigo-me a me afastar e estou quase alcançando a porta do quarto quando noto dentro do closet diversas caixas de joias, todas que lhe comprei para cada apresentação que fez nos últimos dois anos.

Estão intocadas, lacradas ainda. Por quê? Não se deu nem ao trabalho de verificar o que escolhi? Cada uma das peças é exclusiva. Eu as encomendei especialmente para ela.

Pego uma pequena, que sei se tratar de um anel, porque todas as outras são brincos e colares combinando.

O que significa ela não ter tido a curiosidade de abri-las?

Otis.

Claro, ela estava em um relacionamento sério e eu como um maldito obcecado, a assediei em silêncio com meus presentes.

Confuso pela primeira vez que me lembre, saio de seu apartamento.



Capítulo 38

Eu não esperava que ele estivesse aqui quando eu acordasse, mas fiquei muito chateada quando, ao me levantar, vi as já conhecidas três dúzias de copos de leite em cima da mesa de jantar, dentro de um vaso, e uma caixa de joias ao lado.

Para qualquer mulher, talvez representasse um tentativa de sedução, de agradar. Para mim, me faz lembrar dos dois anos em que ele se manteve distante.

— Foi o doutor Kostanidis quem mandou entregar — a empregada diz, entrando na sala. — Não são lindas?

Eu aceno com a cabeça, incapaz de falar.

— Ele pediu que assim que acordasse, lhe telefonasse. Parece que seu celular está desligado, senhorita Blanchet.

Ele não está desligado. Está com Madison. Ela me disse que não se pode usar aparelhos telefônicos dentro da *S/N*, então eu lhe entreguei o meu antes de subir no palco.

Deus, que papel de idiota eu fiz!

Depois de tudo o que aconteceu, ele não mudou nada sobre a maneira como me via: como uma garota boba.

Se não fosse eu ter sido ferida pelo escorpião, ele teria sequer se aproximado de mim? Ou ainda que vivendo na mesma cidade, nunca nos veríamos?

Eu acordei feliz, sentindo corpo e mente saciados, o que aconteceu ontem parecendo um sonho, mas agora, começo a achar que envergonhei a mim mesma ontem à noite. As flores e a joia devem ser uma espécie de mensagem: nada mudou.

Ando para o chuveiro, disposta a tomar um banho e seguir para o meu único conforto quando me sinto sozinha: a dança.



Quatro horas depois, meu corpo está desgastado o suficiente e ao menos por um tempo, eu me esqueci de tudo o mais que não fosse minha arte.

Em uma das pausas que fiz, um dos guarda-costas me entregou meu celular com um bilhete de Madison, me pedindo para lhe telefonar.

Havia também mensagens de Ares, mas eu as ignorei.

Conversei com Madison por cerca de dez minutos e fiquei feliz que nem ela ou Cici tenham tido problemas com os respectivos maridos por conta da minha ideia idiota de irritar Ares, me apresentando na *S/N*.

Eu estou me preparando para entrar no vestiário porque sinto-me exausta, quando um dos bailarinos me intercepta pelo caminho.

Ele é muito simpático, embora eu não tenha certeza de qual é seu nome e digo isso a ele, mesmo correndo o risco de ser mal-educada.

— Powers — ele fala, sorrindo.

Conversamos por um tempo e ele me faz rir diversas vezes e então, quando me chama para fazer um lanche, resolvo aceitar.

Debra está viajando e a outra opção seria ficar sozinha em casa.

Talvez seja disso que eu esteja precisando: afastar-me um pouco dos Kostanidis, fazer novos amigos.

Apenas então me lembro do que JeAnne me contou: eu ainda preciso perguntar a Ares por que ele não me falou nada sobre a morte do senhor VanLith.

Não hoje, porém.

Eu preciso de uma pausa e, principalmente, tomar vergonha na cara. Eu cometi o maior erro possível: apaixonei-me pelo homem que declarou na primeira vez em que me viu, e que nem foi em um encontro real, mas por obrigação, que não queria qualquer compromisso.

Sim, porque depois de ontem, é como se uma cortina tivesse sido aberta. Eu finalmente entendo porque nunca consegui me interessar por outro cara nestes últimos dois anos.

Eu me apaixonei à primeira vista por aquele ogro grego.

Para minha sorte, eu não gosto dele. É paixão, físico, assim, jamais correrei o risco de amá-lo.

— E então, como está se sentindo em relação à estreia como primeira bailarina? — ele pergunta, me trazendo de volta à realidade.

Estamos em uma lanchonete perto do New York City Ballet e de onde estou sentada, vejo dois dos meus guardacostas em pé na porta.

Faço uma careta de desgosto, apesar de saber que a presença deles é necessária. Se Powers notou minha escolta, foi gentil demais para não fazer menção a ela.

— Você quer uma resposta sincera ou uma bonitinha?

— A verdade, sempre — ele diz sorrindo, antes de levar o copo com suco de laranja à boca.

— Não caiu a minha ficha ainda. Não consigo acreditar que fui escolhida. A vida inteira eu sonhei com isso e agora que aconteceu, não tive tempo de processar. Talvez o medo me alcance no dia da estreia, mas por enquanto eu...

Paro de falar quando noto Powers olhando por cima de mim. Um segundo depois, quando uma mão enorme pousa no meu ombro, eu sei a razão da expressão dele.

Ares está aqui. Eu nem preciso me virar. Meu corpo o reconhece. Como isso é possível?

Eu me preparo para enfrentá-lo, mas então ele se abaixa sem qualquer aviso e me beija a boca.

Não um beijo tipo encostar de lábios, mas um de língua e dentes e que traz lembranças inapropriadas de ontem à noite.

Quando nos separamos, eu nem sei mais onde estou, cada um dos meus neurônios tentando se realinhar.

— Fugiu de mim o dia todo, baby. Então precisei vir à sua caça. — Ele se vira para Powers. — Meu nome é Ares Kostanidis e você é....

Eu fico sem acreditar quando ele estica a mão na direção de Powers, um comportamento totalmente diferente do que teve com Otis, a quem pareceu desejar matar.

— Powers Udow. — Meu colega aceita a mão, mas basta um olhar rápido para o seu rosto para notar que está morrendo de medo.

Ele se levanta calado uma palavra e pega a mochila sem fazer contato visual comigo.

Ótimo!

Quando aceitei o convite para o lanche, nem passou pela minha cabeça torná-lo um paquera ou qualquer coisa do tipo, e sim fazer amizade. Mas honestamente eu não quero

ser amiga de alguém que sai correndo ao menor sinal de perigo.

Ele se despede rapidamente e o grego arrogante, a última pessoa que eu queria ver nesse momento, ocupa seu lugar.

— Apressado, seu amigo — ironiza.

— Por que me beijou?

— Por que não?

— Porque as pessoas vão pensar que estamos juntos.

Eu me levanto também e saio da loja, deixando que ele se vire para pagar a conta.

Vejo o segurança andar na minha direção, mas o ignoro.

Para minha sorte, um táxi está passando nesse exato momento e eu entro nele, dando-lhe o endereço. Ele arranca e quando olho para trás, vejo Ares em pé na calçada, soltando dardos venenosos pelos olhos.

Eu não estou há cinco minutos no meu apartamento quando ouço a porta se abrir.

Como ele pôde ter chegado tão rápido? Devia estar de moto.

— Saia. Não pode entrar assim. É a minha casa.

— O que diabos foi aquilo? Por que fugiu? Aliás, por que fugiu o dia todo?

— Eu entendi sua mensagem, *tutor*. As flores de sempre e também as joias em série.

— *Joias em série?* Do que está falando?

— Não sou estúpida. Para calar sua consciência por não ter me visitado nos últimos dois anos, você me mandava sempre três dúzias de copos de leite e uma joia. Mesmo depois de ontem, você voltou ao comportamento anterior, me tratando como uma criança.

— Eu mandei suas flores favoritas e enviei uma joia feita exclusivamente para você, como fiz ao longo dos últimos anos.

— O quê?

— Eu vi que não abriu nenhuma das que eu te dei no passado. Ontem, quando estava deixando seu quarto, vi todas as caixas intocadas dentro do seu closet. Eu quis entender a razão, por isso enviei mais uma hoje como um teste.

— Um teste? Joias exclusivas? Não era do meu dinheiro que você as comprava? Eu achei que mandasse a secretária

enviá-las ou algo do tipo. Nos livros de romance que já li, o magnata safado nem se dava ao trabalho de comprar joias para suas exs. Mandava que as secretárias o fizessem.

Ele não diz nada e eu não sou estúpida: está claro que ele já fez isso com namoradas também.

Mas não comigo?

Eu o deixo sozinho na sala e corro para o closet. Pego todas as caixas que nunca abri e me sento no chão com elas à minha volta. A que ganhei hoje, inclusive.

Quando começo a desembalá-las, sinto vontade de chorar. São todas com temáticas de balé, mas, claramente, únicas. Elas também têm pedras de um azul profundo, do tom dos meus olhos.

Eu ergo a cabeça e vejo-o parado na entrada do closet, o maxilar tenso.

Não falamos nada, mas eu não preciso de palavras neste instante. Os presentes dizem muito porque agora eu sei que ele pensou em mim quando enviou cada um deles.

Eu me levanto e ele me observa tal qual um caçador faria com sua caça, que considera a próxima refeição.

Não há um pingo de humor ou suavidade em sua expressão, mas eu acabo de descobrir que gosto do perigo que ele emana.

Sem dizer nada, eu me jogo em seus braços, pulando em seu colo. Ele me pega e enfia a cabeça na curva do meu pescoço, mordendo com relativa força. A picada de dor me excita.

— Não fuja de mim novamente.

— Então obrigue-me a ficar — desafio.



Capítulo 39

— Você não tem ideia do que está me pedindo. Eu te dei espaço para crescer, mas ainda é muito jovem para mim.

— O que quer dizer com “me deu espaço para crescer”?

— Eu nunca estive longe.

Ela engole em seco e acho que finalmente entende o tamanho da minha obsessão.

— Eu não quero outro. Nunca poderá ser outro.

Seguro sua cabeça, a mão em uma pegada estreita em sua nuca.

— Eu vou tirar tudo de você.

— Faça, Ares. Eu quero ser sua.

— Porra!

Há paixão e fúria quando a beijo agora.

A agonia da espera.

Fome.

A contenção forçada.

Eu ando com Serenity para fora do apartamento.

— Aonde estamos indo? — ela pergunta, contra meus lábios.

— Para minha casa. Quer mergulhar no meu mundo? Vamos fazer direito.

O único afastamento entre nós é para abrir a porta.

Assim que a fecho, depois que entro com ela em meus braços, tomo sua boca novamente.

No quarto, eu a ponho de pé, pressionando-a contra a parede, mas a diferença de altura entre nós torna impossível o encaixe. Impaciente, morto de fome, livro-me do blazer do terno e da camisa social. Sei que perco alguns botões pelo caminho.

Atiro os dois aos nossos pés e avanço para ela.

Serenity está me observando com o peito arfante.

— Nunca mais vai fugir de mim — repito.

— Eu gostei de ser caçada. Eu gosto de tudo em você e talvez seja louca por me sentir assim.

Eu a pego no colo e a mantenho presa entre meu corpo e a parede, fazendo-a inclinar a cabeça para trás.

— Não deveria me dizer essas coisas, Serenity. Eu quero devorar você inteira.

Eu revezo entre beijar sua boca e o pescoço. As carícias são urgentes, gananciosas, onde dentes e língua querem provar, chupar, morder, marcar.

Sim, eu quero minha marca nela. Eu gosto de ver a pele clara do pescoço com suaves vergões da minha barba.

Ela me encara com os olhos de boneca apenas parcialmente entreabertos, nublados de paixão.

Segurando seu pescoço com ambas as mãos, eu me obrigo a pegar mais leve com a minha virgem. Deslizo os dedos por seu ombro, descendo uma alcinha do vestido. Eu a mordo ali, no encaixe com o pescoço, deixando mais uma pista em sua carne de que ela é minha.

Abro os botões enquanto minha boca volta a procurar a dela. Quando completo a tarefa, Serenity segura minhas mãos e eu paro, aguardando.

— Diga-me que não quer isso.

— Eu nunca quis tanto algo, mas estou com medo.

— Eu não vou te machucar.

Eu descarto seu vestido no chão e me inclino para beijar seus seios com suavidade. Sugo devagar, chupando gostoso até que ela esteja gemendo contra mim.

Eu me ajoelho e quando olho para cima, Serenity parece uma deusa, seminua, doce, esperando para ser tomada. Um anjo se oferecendo ao pecador.

Ela é tão pequena, que mesmo aos seus pés, minha boca fica na altura de seu abdômen.

Eu seguro sua calcinha pelo cócs e a retiro devagar.

— Apoie as costas na parede e incline o quadril para frente, baby.

Ela obedece, mas posso ver que está envergonhada. Nesse ângulo, põe sua boceta praticamente na minha cara, como um banquete delicioso.

Eu toco seu clitóris com o polegar e com dois dedos, provooco a entrada de seu sexo.

Ela tenta colocar a mão no meu cabelo, mas eu a paro.

— Não. Espalme-as na parede. Sinta, sem tocar. Receba apenas.

Abrindo-a para mim com os polegares, lambo a boceta sem deixar de olhar para ela. Seus olhos se fecham, a cabeça cai para trás e os dentinhos mordem o lábio inferior como que para segurar um grito de tesão.

Eu mamoo sua boceta porque estou viciado no sabor dela, na sensação do mel escorrendo pelo meu queixo quando ela me entrega o primeiro orgasmo.

Eu me levanto e escovo sua bochecha com as costas da mão.

— Abra a boca para mim, Serenity.

Paio os dois dedos com que penetrei seu sexo em frente aos lábios dela.

— Chupe.

— Eu não...

— Siga seu instinto.

A respiração dela é falha, arfante, mas mesmo acanhada, faz o que pedi. A língua escapole da boca, lambendo de leve.

— Chupe, baby. Se for uma boa menina, vou te ensinar a fazer o mesmo com o meu pau. Estou louco para ver essa boca gostosa à minha volta.

Ela separa os lábios e toma mais, provando a si mesma nas pontas dos meus dedos.

Em pouco tempo, sou eu o enfeitado, preso na sedução doce da minha bailarina.

Eu a pego no colo e levo para a cama.

Deito-a na beirada, mas continuo em pé, observando-a.

Dispo o que falta e ela desvia o olhar.

— Não tem que sentir vergonha de nada que aconteça entre nós dois.

Ela acena com a cabeça, as bochechas vermelhas, mas se apoia nos cotovelos me encarando. Tenta disfarçar o espanto quando vê meu pau duro, apontando para cima, e se eu não estivesse com tanto tesão, poderia sorrir de sua inocência.

Eu me aproximo da cama e Serenity tenta fechar as coxas, mas seguro cada um dos seus pés, mantendo suas pernas afastadas.

Subo em seu tronco, tomando o cuidado de manter uma perna de cada lado.

Pego sua mão e envolvo meu pau com ela.

— Toque-me.

Ensino-a a me masturbar, a suavidade da mão pequena, sua insegurança e falta de jeito, tudo contribui para aumentar minha loucura.

Eu me deito de costas na cama e a puxo sobre mim, invertida, seu sexo sobre minha boca, o rosto dela alinhado com meu pau.

— Prove-me. Siga seu instinto. Chupe, lamba, mas não morda.

Eu não espero que ela se decida, puxo seu quadril para o meu rosto, devorando seu interior melado, metendo a língua profundamente em suas paredes virgens.

Quando fecho os lábios em seu clitóris, ela se abaixa, seguindo sua natureza e lambendo a cabeça inchada do meu pau.

Quando suga o pré-goço, quase urro de tesão ao sentir a boquinha quente me envolvendo.

Ela goza pela segunda vez e eu bebo tudo, lambendo seu sexo, sedento por cada gota de seu prazer.

Eu giro seu corpo e me sento, olhando sua cabeça entre as minhas coxas.

É fodidamente erótico vê-la aprender a me tomar e mesmo que não saiba bem o que está fazendo, o tesão que me desperta é mais intenso do que se fosse uma expert me chupando.

Eu apoio uma mão no alto de sua cabeça, agarrando o cabelo e com a outra, acaricio seu mamilo.

— Engula tanto quanto puder, amor. Relaxe essa boquinha deliciosa e me deixe entrar.

Ela toma cada vez mais, e quando se sente segura, vai um pouco além, mas engasga.

Olha para mim com os olhos lacrimejantes do esforço e eu sei que preciso parar ou vou gozar em sua boca.

Serenity nem precisa me chupar para me deixar louco, bastaria continuar me olhando com aquela mistura de demônio e anjo em seu pequeno corpo e em pouco tempo, estarei perdido.

Eu tento puxá-la, para mim, mas me surpreendendo, ela continua me chupando cada vez mais profundo.

Eu quero encher sua boca com minha semente, mas muito mais do que isso, quero me enterrar em sua boceta, tomar sua inocência, fazê-la minha.

Eu a puxo para o meu colo, obrigando-a a ficar ajoelhada apenas.

A ponta do meu pau roça em sua entrada e ela se move sobre mim, provocando uma deliciosa fricção.

Está desinibida em seu prazer agora.

Somos macho e fêmea. Sem regras que nos impeçam, sem mundo, futuro ou pecado.

Mordo sua orelha, puxando o lóbulo entre meus dentes e ela enfia as unhas nos meus ombros, excitada.

Eu massajeio seu clitóris enquanto ela se satisfaz roçando a entrada da bocetinha na ponta do meu eixo.

— Vou te fazer gozar assim. Não posso te foder sem preservativo, mas preciso senti-la gozando em mim.

Ela está ultra sensibilizada, desejosa, safada e apoia as mãos nos meus ombros para conseguir se movimentar melhor.

Tomo um mamilo na boca e quando o arranho com os dentes, bem de leve, ela goza, sussurrando meu nome e jurando que é minha.



Capítulo 40

Beijo sua boca, permitindo que Serenity tome o tempo dela para voltar do orgasmo e somente quando abre os olhos para mim, eu a deito na cama e vou em busca do preservativo.

Eu o desenrolo no meu pau, sob o olhar atento da minha pequena tentação. Quando volto para a cama, torno a me deitar, puxando-a sobre mim.

— Vamos começar assim, baby. Sou muito grande e não quero te machucar.

Eu alinho nossos corpos, cravando as mãos nas bochechas de sua bunda e sem desviar meus olhos dos dela, roço meu pau em sua abertura.

Serenity arqueia o corpo para trás como uma deusa devassa, aproveitando as sensações, descobrindo-se como mulher.

Ela treme inteira e suas reações às minhas carícias aumentam meu desejo.

Empurro o corpo para cima, apenas o bastante para que meu pau adentre as dobras de seu sexo.

Ela desce um pouquinho, mas eu sinto o quanto está tensa.

— Eu só quero te deixar mais abertinha para mim. É muito pequena, amor.

O rosto fica da cor de uma maçã madura, mas ela acena com a cabeça, concordando.

— Apoie as mãos no meu peito. Vou te deixar tomar o controle por ora.

Eu a assisto se masturbar no meu pau, gemendo a cada vez que se esfrega. Toco seu clitóris e o ritmo com que roça em mim acelera, o sugar do ar cada vez mais difícil.

Eu faço com que desça até que a cabeça da minha extensão desapareça completamente em suas paredes e quando ela começa a implorar por mais, sei que está pronta para mim.

Inverto nossas posições, encaixando-me com dificuldade entre suas pernas. Nem mesmo o preservativo consegue

impedir que eu sinta o calor melado.

Serenity rebola sob meu corpo e eu preciso parar por uns segundos para me impedir de entrar inteiro nela.

Abaixo-me para beijá-la e volto a meter devagar.

Intensifico o beijo, ao mesmo tempo que empurro em seu canal virgem.

Os peitos de mamilos duros pressionam contra o meu, as pernas torneadas ampliando-se ao máximo para me acomodar.

Eu entro e saio, penetrando-a bem de leve, recuando eventualmente para olhá-la.

Estou adicto das reações dela, fascinado com seus gemidos, ofegos, e na maneira como choraminga meu nome ao gozar.

Serenity está completamente à mercê do meu tesão, mas ela não é uma boneca sem vontade, um corpo que se deixa ser usado. Mesmo em sua inexperiência, ela exige também.

Puxa-me pelos ombros para me beijar. Morde, arranha, pede.

Eu a penetro mais um pouco e ela fica rígida, as unhas fincadas em minha bunda.

Com uma das mãos, prendo as dela sobre a cabeça.

— Eu não vou te machucar, mas tem que confiar em mim.

Ela assente e desço a boca sob a dela. Afundo a língua em um beijo e enterro meu pau até as bolas em sua boceta, simultaneamente.

Ela solta um uivo de dor dentro do nosso beijo. Mal respira e eu deslizo a mão entre os corpos para transformar o sofrimento em prazer.

Chupo o mamilo duro enquanto acaricio seu clitóris, os dentes puxando de leve até sentir sua respiração se acalmar um pouquinho.

Enrijeço como madeira, tenso, desesperado de tesão quando a sinto dilatando-se à minha volta.

Eu sei que ela está com dor, mas mesmo com a expressão carregada pelo sofrimento, ela é linda para caralho.

— Você é uma deusa, Serenity. A mulher mais bonita que já existiu.

Eu não falei isso como um elogio vazio. Ela é perfeita mesmo. Porém, minhas palavras parecem ter devolvido sua

confiança, tornando-a mais ousada e ela segura meu rosto, tomando a iniciativa do beijo.

Lentamente, testo me mover, saindo e voltando a empurrar contra seu centro.

Seguro-a pela bunda, angulando-a como eu quero, as mãos cravando-lhe a carne.

Os seios redondos sobem e descem conforme a fodo, me provocam, e eu lambo os bicos duros, rosados, implorando por minha língua.

Aumento a velocidade. Ela me morde, tenta escapar, serpenteia sob mim.

— Muito?

— Dói.

— Vou fazer passar.

Ela me olha com os olhos rasos de lágrimas e algo dentro de mim balança.

Eu quero protegê-la, não por causa do fodido acordo de tutela, mas porque eu enfim entendo que desde o momento em que pus os olhos nela, Serenity passou a me pertencer.

Sua face está banhada de suor, mas agora, a cada vez que entro e saio, ela me acompanha, remexendo, erguendo

os quadris ao meu encontro, pedindo por mais.

— Que boceta gostosa.

Saio e volto cada vez mais rápido e a sensação de enchê-la, tomá-la inteira, está me deixando alucinado.

Tento controlar o ritmo da foda porque não quero gozar antes dela. Quero ficar dentro do seu corpo apertado por horas, dias.

Eu nunca senti um prazer tão intenso.

Como sua boca com a língua, no ritmo do bater de nossos sexos.

Dentro e fora, meu eixo devora sua boceta com uma urgência agonizante.

As paredes estreitas puxam-me para si, aprisionando-me.

Eu a como profundamente, trabalhando meu autocontrole para fazer o prazer durar.

As línguas se atacam em um beijo esfomeado, o êxtase da conexão completa eleva a luxúria a um nível que nunca experimentei.

Por muito tempo, revezo entre acelerar a foda, chegando à beira do precipício e recuar, retardando o prêmio final até o limite da dor.

A quentura de sua boceta é perfeita e o cheiro de tesão misturado se propaga pelo quarto, criando um perfume único, só nosso, que eu tenho certeza, vou memorizar para sempre.

Eu chego ao meu limite quando Serenity goza outra vez, me apertando em pequenas convulsões.

Começo a fodê-la com força, cada martelada confirmando que ela é minha.

Eu me dou conta de que talvez tenha ido longe demais quando ela me dá um gemido longo, mas ao tentar diminuir o ritmo, ela me implora para não parar.

Os corpos colidem, os sexos roçando molhados, escorregadios. Dentes, línguas, dedos, explorando tudo o que alcançam.

Seus músculos internos palpitam à minha volta em um aviso de que mais um gozo se aproxima.

Eu saio quase todo e volto, surrando seu sexo com meu pau duro.

Ela se contrai ainda mais e quando sugo um mamilo, rodando a língua na carne dura, Serenity explode em um

orgasmo, o rosto de anjo a mais pura imagem da luxúria saciada.

Sinto a pressão para o meu clímax se construindo. O corpo endurecendo pelo prazer quase animalesco do nosso ato.

Segundos depois, eu sigo, gozando duro, minha libertação tão violenta que por alguns segundos, fico meio fora do ar.

Seu sexo ainda convulsiona, mesmo depois de passado um minuto que gozamos.

Eu saio dela devagar, mesmo sendo a última coisa que desejo. Sei que é arriscado continuar. Ainda que eu sempre faça sexo protegido, não há chance de que Serenity use pílula.

Eu levanto-me da cama para descartar a camisinha e quando volto a me deitar, ela não espera convite para se esparramar sobre meu corpo. Como uma gata, sobre mim, dá um gemidinho e em seguida desmaia em sua languidez saciada.

Eu fico acordado, sentindo o corpo quente e delicioso sobre o meu, acariciando seu cabelo, vigiando seu sono.

— O que eu vou fazer com você, Serenity?

Eu achei que ela estava dormindo, mas talvez estivesse só cochilando, porque levanta a cabeça para me encarar.

— Precisa fazer algo? Não podemos só viver?

— Eu não funciono desse jeito. Sou um planejador.

— Não sou uma de suas empresas.

— Não, mas é minha.

Ela volta a deitar no meu peito e logo está ressonando outra vez, mas agora, cai em um sono profundo.



Eu acho que adormeci também, mas tenho sono leve e desperto com a sensação de que estou sendo observado.

Quando abro os olhos, Serenity está ajoelhada na cama, nua, me olhando.

— Eu não quero que saibam sobre nós.

Essa era a última coisa que eu esperava que ela fosse dizer.

— O quê?

— Não vai durar, você disse que não fica mais de uma semana com a mesma mulher. Não quero que sua família descubra. Sete dias passam rápido.

— Não.

— Não?

Eu ainda estou meio sonolento, o quarto se encontra na penumbra, mas se há uma fodida certeza no momento, é que não teremos um prazo.

Sem responder sua pergunta, eu a puxo sobre mim, uma mão em sua nuca, tomando sua boca com brutalidade.

Ergo seus quadris e seguro seu sexo, testando se está molhada. Ela encharca minha mão.

— Cavalgue-me.

Olha-me confusa.

— Eu preciso te foder, mas não confio em mim mesmo para tomar o controle.

Ela abaixa a cabeça, criando uma cortina para esconder o rosto e acho que está tímida. Ainda assim, ergue-se e encaixa a bocetinha no meu pau. Começa a descer devagar e nós dois gememos.

— Delícia. Diga-me se doer.

Eu seguro sua cintura e faço deslizar em meu pau duro.

Ela choraminga, mas me toma inteiro.

Quando volta a me olhar, seu rosto é pura sensualidade.

Eu a faço deslizar e Serenity apoia as mãos no meu peito, me deixando fodê-la cada vez mais profundo. Eu me enterro, mantendo-a sentada em mim.

— Ahhhh...

— Rebole no meu pau.

Minha voz sai áspera, brutal.

Eu me sento, trazendo-a comigo.

— Rebole — gemo em sua orelha. — Entregue-me essa boceta doce. Vou te fazer gozar só metendo, sem dedilhar seu clitóris.

Ela move os quadris em círculos, inicialmente obedecendo o meu comando, mas não leva muito tempo para que fique louca de tesão e goze em mim.

Apenas quando sinto a quentura de seu mel escorrendo pelo meu eixo, percebo que não coloquei preservativo.

Eu quero enchê-la, fazer meu esperma vazar de sua boceta, mas não sou um moleque e nunca trairia sua confiança assim.

Eu a deito na cama e saio dela. Ajoelhado entre suas coxas, bombeio meu pau, apertando as bolas com uma das mãos, a outra trabalhando uma masturbação áspera.

Quando meu orgasmo vem, fico fascinado em ver os jatos de sêmen em seus seios e abdômen. Com os dedos, espalho meu prazer por todo seu corpo como uma pintura.

Ela não se move.

Não para de me olhar.

— Não me leve muito longe, Ares, ou eu nunca vou conseguir esquecer você.

— É essa a ideia. Você é minha.



Capítulo 41

No dia seguinte

Eu acordei mais tarde do que ele.

Na verdade, estou morrendo de vergonha de me levantar, embora saiba que Ares está tomando banho e que eu poderia escapar rapidamente para o meu apartamento. Entretanto, eu quero muito ficar e perguntar o que quis dizer com aquele “você é minha”. Mas e o medo da resposta?

E se ele disser: *você é minha tutelada, Serenity.*

Minha protegida.

Minha órfã favorita.

Qualquer uma das alternativas é deprimente, mas se levarmos em conta o que ele me contou sobre não ficar muito tempo com a mesma mulher, é possível que seja isso o que vou ouvir.

Estou preparando-me para levantar, enrolando o lençol em volta do meu corpo, quando a porta do banheiro se abre e ele aparece com o cabelo ainda pingando do banho, uma minúscula toalha envolvendo-lhe a cintura estreita.

Eu não consigo falar, impactada demais com aquele quase dois metros de homem me olhando como se me quisesse para o café da manhã.

— Você me mata, Serenity.

— Oi?

— Eu sei o que está pensando. Eu também quero, mas se eu te comer de novo, não vai conseguir andar por dois dias. Eu não vou pegar leve como fiz ontem. — Ele solta a toalha, deixando-a cair displicentemente no chão.

Eu engulo em seco quando vejo que seu sexo enorme está semi-ereto.

— Escolha: eu ou o balé?

— Meu Deus, eu sempre achei que a dança era a minha vida, mas...

Ele joga a cabeça para trás, gargalhando, mais lindo do que seria justo com os outros homens do planeta.

Sem dizer nada, sobe na cama e me descobre.

Durante a meia hora seguinte, Ares me dá dois orgasmos com a boca e dedos e quando eu caio meio desacordada contra os lençóis, começo a questionar se não valeria a pena tirar umas férias para viver apenas de sexo por semanas.

— E sua apresentação? — ele pergunta, levantando o rosto do meio das minhas pernas, os lábios ainda molhados do meu prazer. A personificação do pecado.

— Eu falei em voz alta?

Ele não responde, mas me dá um sorriso preguiçoso.

— Meu Deus, eu falei em voz alta!

— O que decidir, estou dentro.

Ele deita de costas e me puxa para si.

Eu não tinha a intenção de dormir, mas sei que apaguei quando acordo suando frio com um pesadelo. Ele não está mais comigo.

Eu acho que gritei porque Ares entra no quarto parecendo preocupado.

— O que houve?

— O quê?

— Você estava chorando.

Eu passo a mão no rosto e o sinto molhado de lágrimas.
Levo um tempo para me lembrar. O pesadelo de sempre.

— É um sonho recorrente, que tive a vida inteira.

Ele se senta na cama e me puxa para seus braços.

— Conte-me.

— Eu estou sozinha em frente ao espelho de corpo inteiro que havia na casa em que nasci, em Nova Orleans. Era do quarto dos meus pais. Estou me olhando, penteando os cabelos e então papai e mamãe aparecem atrás de mim. Mas eles não têm rosto, não tem cabeça, só o corpo e mesmo assim conseguem falar. Eu os ouço chamarem meu nome. Quando eu contei sobre esse sonho a JeAnne, ela me disse que pode ser porque me sinto culpada de não me lembrar deles.

Ele passa a mão na minha cabeça e, aos poucos, eu me acalmo.

— Já conversou com alguém a respeito?

— Você quer dizer um terapeuta?

— Isso.

— Uns anos depois que me mandaram para o internato, eu fui a algumas sessões. Não me lembro bem, apenas de

uma mulher conversando comigo, a portas fechadas, no colégio alemão, quando eu ainda era pequena. Ela me dava papéis e lápis coloridos para desenhar. Mas se era terapia, foi por pouco tempo e acho que não funcionou porque eu não falava nada. Em todo o caso, são apenas flashes de memória.

— Não tem vontade de tentar novamente?

— Acha que devo?

— Eu não sei, Serenity. Não sou a melhor pessoa do mundo para dar conselhos sobre como se abrir. Ao contrário, eu e meus irmãos crescemos ouvindo que nunca podemos demonstrar emoção.

— Por que são homens?

— Porque somos Kostanidis, gregos e um grupo de bastardos orgulhosos.

Eu levanto o rosto do peito dele para olhá-lo. Ele tentou soar leve, mas já estou aprendendo a conhecê-lo um pouquinho e sei que Ares não me contou isso para me consolar. Ele deve ter sido doutrinado mesmo, assim como eu, a manter a emoção sob controle.

— Quando eu cheguei ao colégio, nos primeiros dias, eu chorava muito com saudade de casa. Eles me colocavam de castigo. Logo aprendi a fingir que estava tudo bem. Eu passei a relacionar demonstração de sentimentos com algo ruim.

Eu não gosto de confessar isso, mas ele, de uma certa forma, me entregou uma pista sobre o passado. O mínimo que eu posso fazer é lhe devolver algo em troca.

— Você era só uma garotinha.

— Sim, eu sei. Gosto de pensar que se eu tiver filhos um dia, nunca os ensinarei que demonstrar sentimentos é errado. Não quero criar pessoas como eu.

Apenas depois que termino, percebo que posso tê-lo ofendido também.

— Desculpe-me. Falei sem pensar.

— Não sou sensível, Serenity. Comigo, nunca precisará esconder o que pensa ou sente.

O que sinto, preciso esconder sim, porque nesse instante mesmo eu gostaria de criar uma lei dizendo que você é meu.

Limpo a garganta e tento fazer o mesmo com o cérebro. Apesar do que acabamos de conversar, o futuro do nosso relacionamento é uma grande interrogação, se é que há um relacionamento, e não quero pensar nisso agora.

— Eu tenho medo de um dia esquecê-los. Quero dizer, esquecê-los de vez, porque ao menos com as fotografias posso tentar forçar a memória. — Eu pauso, lembrando da última conversa com JeAnne. — Por que não me contou que o senhor VanLith havia falecido, Ares?

Ele me vira para que eu fique montada de frente em suas pernas. Pega uma mecha do meu cabelo que escapuliu e coloca atrás da orelha.

— Porque ele me pediu que não o fizesse.

— O quê?

— Eventualmente, eu contaria. Tanto quanto quero te proteger, que não vou permitir que a machuquem, não quero mantê-la em uma redoma de vidro. A dor faz parte da vida. Querer só dias felizes é irreal. Mas ele estava morrendo e me pediu que não lhe contasse naquele momento e, para ser sincero, eu acabei me esquecendo. Como soube?

— JeAnne me ligou para falar.

— Ela lhe telefonou para contar sobre isso?

Aceno com a cabeça, fazendo que sim.

— Ela disse que viu nos jornais locais uma nota sobre a morte e uma única pessoa no cemitério: você.

— Não havia fotógrafos no cemitério. Meus seguranças sempre vasculham o perímetro quando eu vou a algum lugar.

— O quê?

— Ela mentiu para você, Serenity. Eu não sei a razão, mas JeAnne mentiu. — Ele faz uma pausa. — Como ela estava quando se falaram ao telefone?

— Normal. Quero dizer, o *novo normal* dela, porque apesar de não saber o que está acontecendo, ela mudou comigo.

— Mudou como?

— Está mais distante. Não apenas fisicamente distante. Sou eu sempre quem tomo a iniciativa de telefonar. É como se ela estivesse querendo cortar laços.

Ele parece pensativo e depois me dá um beijo na testa e me senta na cama.

— Espere um segundo.

Quando volta, tem uma caixa nas mãos.

— VanLith deixou isso aqui comigo. São lembranças dos seus pais.

— Lembranças? E ele as estava retendo? Por que não me entregou desde o começo?

Ele dá de ombros.

— Deu a desculpa de que estava tentando protegê-la da dor, mas talvez apenas a tivesse esquecido mesmo.

Eu pego a caixa com formato quadrado.

— O que tem aqui dentro?

— Fotografias, eu acho. Talvez cartas. Eu não a abri.

Eu a coloco de lado.

— Não vai ver o que tem dentro?

— Agora, não. Estou me sentindo feliz hoje. Tenho medo de que ver essas recordações traga a tristeza de volta.



Já é noite quando volto ao meu apartamento. Ares precisou ir à *S/N*, mas disse que regressaria dentro de uma hora.

Quando abro a porta do meu duplex, no entanto, fico surpresa ao encontrar JeAnne de pé, no hall de entrada.

— Oi. A empregada me deixou entrar. Espero que não se importe.

Eu ando até ela e a abraço, suspirando de alívio quando corresponde. Apesar da nossa última conversa, o abraço e beijo que me dá se parecem com os de sempre.

— Eu nem acredito que você veio. Vai ficar quanto tempo?

Andamos juntas para a sala.

— Até sua estreia. Eu não perderia por nada. Onde você estava? Passou o dia todo fora. Tentei ligar.

— Meu telefone descarregou, acho que preciso trocá-lo. A bateria morre a toda hora.

— Não respondeu onde estava.

Aquilo me irrita, eu não sou mais uma criança. Em qualquer outra época, eu diria a verdade, mas não sinto vontade, então falo apenas:

— Eu saí.

Antes que ela possa fazer mais perguntas, a empregada do turno da noite entra na sala.

— A senhorita Villatorro está subindo.

A expressão de JeAnne muda na hora e eu reviro os olhos.

Elas nunca vão se dar bem?

— Seja boazinha — peço. — Debra estava viajando e veio para me ajudar nos ensaios para a minha estreia.



Capítulo 42

Duas semanas depois

— Então os médicos estavam certos?

— *Sim, o escorpião foi geneticamente modificado. Quem quer que o tenha colocado lá, não queria matá-la, e sim feri-la ou dar um susto* — Odin responde.

— Um susto? Bastava que o corpo dela tivesse reagido mal ao veneno ou que não tivesse sido socorrida a tempo e o resultado não seria apenas “um susto”.

Pensar nessa mera possibilidade me faz desejar matar alguém.

— *Não há dúvida de que esse perseguidor é um psicopata. Se o que Serenity disse é verdade, que o stalker deixava flores e bilhetes em qualquer lugar do mundo em que estivesse, significa que é um homem com dinheiro e também que sabe se esgueirar, já que nunca foi apanhado pelos guarda-costas. Como eu disse antes, se ela tivesse contado o que estava acontecendo desde o começo,*

poderíamos rastrear as filmagens. Mas elas são apagadas depois de alguns meses.

— E quanto às do teatro em Paris? Seriam as mais recentes. Foi o último lugar em que ela se apresentou antes de se mudar de volta para cá.

— *Eu já verifiquei. Lá, houve uma entrega de uma única rosa por um portador. Rastreei a loja. Foi uma encomenda anônima, online. Entrei nos servidores dele para ver de quem partiu, mas a única coisa que descobri foi que feita de uma cafeteria aqui nos Estados Unidos.*

— Isso não faz o menor sentido.

— *Até faz. A pessoa é esperta. Usou o wi-fi do lugar para não chamar a atenção, mas eu mandei que um funcionário de confiança verificasse as filmagens. Você não tem ideia de quantas pessoas entram em um coffee shop ao longo do dia, mas ele analisou tudo com calma, cruzando dados. Infelizmente, as filmagens do dia da encomenda da rosa já haviam sido apagadas. A compra foi feita com um cartão de crédito roubado de uma viúva de noventa anos.*

— Eu mal posso esperar para colocar esse filho da puta atrás das grades.

— *Sua preocupação com ela não parece a de um tutor apenas.*

— Nós estamos juntos.

— *Pode ser complicado pelo fato de vocês terem uma relação legal unindo-os.*

— Sim, eu já pensei nisso. A solução que encontrei foi transferir a tutela dela para você ou para Christos. Se a der a qualquer um dos meus irmãos, também criaria uma situação delicada.

— *Eu posso pegar, se precisar. Já conversou com Serenity a respeito?*

— Já, sim. Ela precisa saber de cada decisão sobre o futuro. Foi criada em uma redoma. Super protegida, mas logo fará vinte e um.

— *Concordo. Até mesmo um controlador como eu não criaria meus três filhos tão despreparados para a vida. Ela só descobrir que era milionária através de você é imperdoável* — ele faz uma pausa. — *Você sabia que o pai de Serenity tinha um sócio?*

— Não. Eu nunca fui tão longe em minha pesquisa sobre ela. Eu foquei do momento em que ficou órfã em diante.

— *O pai dela tinha um parceiro de negócios cuja sociedade não terminou bem.*

— *Como assim?*

— *Eles não foram sempre ricos. O pai de Serenity fez fortuna como construtor, mas começou de baixo. Pelo que pude verificar, antes de se tornar milionário, Roger Blanchet desconfiou que estava sendo roubado pelo sócio e pôs fim à parceria.*

— *Roubado?*

— *Sim. Parece que o sócio estava desviando parte dos lucros. Logo que a sociedade chegou ao fim, o pai de Serenity fechou um grande negócio no Oriente Médio, com um Sheik e de uma construtora local, de repente criou um renome mundial.*

— *Sim, essa parte eu sei, mas não sobre o tal sócio.*

— *Como eu disse, a sociedade foi desfeita antes do pai de Serenity expandir os negócios e ficar rico. Para tornar curta uma história longa, o ex-sócio não aceitou bem o fim da parceria. Houve brigas na justiça e quando o homem, Edgar Hazen, perdeu a ação, aconteceu inclusive um confronto físico entre eles.*

— Caralho. VanLith certamente sabia disso. Por que não me contou?

— *Talvez acreditasse não ser relevante.*

— Mas você pensa diferente?

— *Eu não raciocino como uma pessoa regular, Ares. Quando me deparo com um problema, eu analiso cada nuance até encontrar o pedaço que não se encaixa no cenário.*

— E acha que pode ser esse sócio? Acredita que de alguma forma ele esteja tentando prejudicar Serenity?

— *Seria o único inimigo que ela poderia ter. Sua garota passou a vida praticamente toda trancada no colégio interno. Ela contou que a sensação de estar sendo perseguida começou tão logo saiu do internato de volta a Nova Orleans. É muito pouco tempo para alguém se tornar tão intensamente obcecado por ela.*

— Acha que é ele o perseguidor, então?

— *Eu não sei. Perseguir alguém assim parece a ação de um homem mais jovem. Não tenho todas as peças do quebra-cabeça ainda, Ares, mas pode ter certeza de que*

não vou parar até desvendar esse mistério. Enquanto isso, mantenha sua mulher sob vigilância.



Serenity

Noite de estreia como primeira bailarina do New York City Ballet

Eu puxo várias respirações para acalmar meu coração.

Finalmente aconteceu. Eu cheguei ao topo, no ponto mais alto dos meus sonhos. Eu estreei como primeira bailarina do New York City Ballet.

A família de Ares acabou de sair do meu camarim.

Todos já sabem sobre nós dois, JeAnne inclusive, e ela não demonstrou surpresa. Eu achei, dada a maneira superprotetora como me criou, que não iria gostar que eu estivesse namorando, mas ela apenas disse que era bom ter alguém como o doutor Kostanidis para “cuidar de mim”.

Foi uma reação estranha, se considerarmos que ela tentou me envenenar contra Ares com aquela história dele ter me escondido a morte do senhor VanLith.

Daqui a alguns dias, minha tutela será transferida para Odin Lykaios, um dos primos dele. Eu não me importo. Nunca dei a mínima para dinheiro, mas sei que Ares está fazendo isso, como me explicou, para que não reste dúvida de que não há um conflito de interesses em nossa relação.

A única decepção da noite foi Otis, que não veio. Temos nos falado pouco porque desde que contei a verdade sobre minha relação com Ares, ele tem me evitado.

A porta se abre e no momento seguinte, o homem por quem sou apaixonada entra no camarim, a fecha e se recosta nela.

Ele me encara, o rosto sério.

Eu sei que esperou que toda a família saísse, depois de me darem os parabéns por minha apresentação, para poder falar comigo a sós.

Aos poucos, eu o estou conhecendo. Ele não brincou quando disse que aprendeu a não demonstrar sentimentos, mas se há algo que aprendi sobre meu grego nas últimas

semanas, é que as palavras não têm o mesmo peso que as ações.

Ele nunca falou sobre o que temos, mas eu me sinto adorada a cada noite que passo em sua cama.

— Eu tenho uma surpresa — diz.

Estou sentada, descalçando as sapatilhas e depois de flexionar um pé, levanto a cabeça para olhá-lo.

— Surpresa?

— Vou te roubar por vinte e quatro horas.

— Eu...

— Eu sei. Tem que ensaiar. Mas a próxima apresentação é daqui a cinco dias. Eu quero te sequestrar.

— Até sua escolha de palavras é a de um ogro. — Sorrio, levantando-me, indo até onde está e enlaçando seu pescoço.

— Qual outro nome além de sequestro posso chamar te isolar nos Hamptons, nua, apenas me alimentando do seu corpo?

Ele me suspende em seus braços e eu cruzo as pernas em volta de sua cintura.

— Isso parece um bom sequestro.

— Vamos de helicóptero. Vinte e quatro horas. Sem celulares. Só nós dois.

— Soa como o paraíso.

Eu me ergo um pouquinho para beijá-lo, mas assim que colo nossos lábios, a porta se abre.

— Oh! — Debra diz, parecendo sem jeito. — Perdoem-me. Ares me coloca no chão devagar. Depois de me beijar a boca, diz:

— Tem meia hora para se aprontar.

Depois que ele sai, Debra sorri.

— Você está feliz.

— Sim, tanto que sinto até medo.

Eu termino de me despir, sem qualquer vergonha de ficar nua na frente dela. Não seria a primeira vez.

— Então o jantar de comemoração foi abortado, pelo visto?

— Pode apostar nisso. Ele quer me sequestrar.

— E você está louca para ser raptada.

— Não tenho como negar. Divirtam-se sem mim.

Ao invés do vestido formal que eu separei para usar, já que tínhamos reserva em um restaurante famoso aqui em

Manhattan, eu volto a vestir o jeans e a blusa de seda com que cheguei. Pego o scarpin que deixei no chão e, de pé, calço um. Quando deslizo para dentro do outro e fico sobre ele, no entanto, solto um grito.

Eu levo uns segundos para entender o que aconteceu, mas quando tiro o sapato e vejo o sangue, caio sentada no chão.



Capítulo 43

— Serenity? — Debra chama, olhando para o meu pé, horrorizada.

— Alguém encheu meu sapato com lâminas. Chame Ares, por favor.

Ela parece atordoada enquanto eu observo meu pé com minúsculas partículas do que parecem lâminas de giletes. Não são cortes profundos, mas está sangrando muito e eu começo a chorar, não pela dor, mas porque sei que aquilo significa que ficarei semanas sem dançar. Talvez mais de um mês.

Automaticamente olho para trás, mas sei que não tem ninguém escondido. Os seguranças verificaram o camarim.

— Chame, Ares, Debra. A pessoa que fez isso ainda pode estar por aí!

A minha voz soa meio histérica pelo pânico.

Ela finalmente parece despertar do transe, mas nem chega até a porta, ela se abre com um estrondo.

— Ares...

Eu odeio que minha voz soe chorosa, mas desmonto quando o vejo. Mostro meu pé e sem dizer uma palavra, sei que ele entende que além do medo, a razão de eu estar chorando é porque vai atrapalhar minha temporada.

Ele se aproxima de mim e me pega no colo. Beija minha testa e depois anda para o corredor.

— Aonde estamos indo?

— Ao hospital, ver seu pé.

— Ares! — Debra chama.

— Avise meus irmãos, Debra. Mande-os verificar todas as câmeras. Eu vou tirá-la daqui.



Ares

Horas depois

— Foram ferimentos superficiais — Zeus diz, enquanto eu ando de um lado para o outro no corredor do hospital de Athanasios.

Como a família foi assistir à estreia dela, estão todos comigo nesse instante.

— Eu verifiquei as câmeras. Ninguém estranho entrou no camarim. As únicas pessoas além de nós da família foram a mentora, Debra, e a babá, JeAnne — Odin diz.

— JeAnne?

— Sim.

— Mas ela não veio à estreia. Disse que estava se sentindo mal — falo.

Odin tira o celular do blazer do terno e depois de desbloqueá-lo, acessa as fotografias e vídeos.

Segundos depois, comprovo o que ele disse. JeAnne estava se esgueirando para dentro do camarim.

— Eu quero que essas imagens sejam entregues para a polícia — falo, a desconfiança começando a se instaurar dentro de mim.

— Eu já fiz isso. Eles devem estar chegando ao apartamento de Serenity nesse instante para levá-la à delegacia. JeAnne terá que prestar depoimento.

— Acha que foi ela? — pergunto.

— Não há outra resposta possível.

— Por que a mulher que cuidou de Serenity a vida toda a prejudicaria fazendo algo assim? — Hades pergunta, se aproximando.

— Não sabemos ainda — Odin fala —, mas eu acho que foi ela, sim. Disse-me que quando Serenity veio para Nova Iorque, a desculpa que a babá deu para não acompanhá-la foi que parecia doente.

— Isso. Foi o que ela deu a entender, ao menos.

— Não há qualquer registro de que ela deu entrada em um hospital para se tratar. Ela estava levando uma rotina normal na Louisiana, antes de viajar para cá.

— Eu desconfiei que ela estava mentindo depois que chegou aqui em Nova Iorque. Está com uma aparência ótima. Mas mesmo com os indícios de que foi ela quem colocou as lâminas nos sapatos de Serenity, eu ainda não

consigo entender a razão. Acha que tem algo a ver com o ex-sócio do pai dela?

A essa altura, todos os meus irmãos sabem do passado da minha namorada e como eu, estão obcecados para desvendar esse mistério.

— Talvez — Odin responde —, mas para que prejudicar Serenity? Mesmo que a ferisse, ele não conseguiria acesso à fortuna dela. Além do que, o homem também prosperou. Fez seu próprio patrimônio. É rico.

O telefone toca e quando olho no visor, vejo que se trata de um dos meus advogados.

— *Doutor Kostanidis, eu acabei de ser contatado por um detetive de polícia sobre o incidente com sua...*

— Com a minha namorada.

— *Sim. Ele tem alguém sob custódia, e gostaria de saber se quer assistir ao depoimento dela.*

É o procedimento padrão. Como nosso nome é conhecido, qualquer incidente relacionado a nós, os policiais entram em contato primeiramente com nossa banca de advogados.

— Eu estou indo encontrá-lo. Chegarei na delegacia em uma hora. Acha que pode segurar o depoimento até lá?

— *Sim, eu darei um jeito.*

— Vocês ouviram? — pergunto aos meus familiares quando desligo.

— Sim, e estamos indo com você.

— Eu preciso ver Serenity antes.

Ando para o quarto e quando chego lá, vejo as mulheres da minha família — Zoe, Elina, Madison, Brooklyn, Cici, além de Debra, em volta de Serenity que, apesar do semblante triste, parece calma.

— Podem nos dar licença um instante?

Todas começam a sair, mas eu peço a Debra:

— Fique.

Ela acena com a cabeça.

— Onde está JeAnne? — Serenity pergunta quando me sento na beirada da cama.

Eu trinco o maxilar, controlando a ira.

Hoje era para ter sido o dia mais importante da vida dela. Serenity me contou como sonhou a vida inteira em se tornar a primeira bailarina de uma grande companhia de balé.

Eu seguro seu rosto e a puxo para um beijo leve nos lábios. Por alguns segundos, considero ocultar a verdade,

então decido que está na hora dela saber quem a cerca e, talvez, começar a desvendar os mistérios de seu passado.

— Presa.

— O quê? — ela e Debra perguntam simultaneamente.

— Ao que tudo indica, foi ela quem colocou as lâminas no seu sapato.



Eu empurro a cadeira de rodas para a sala em que Serenity assistirá o depoimento de JeAnne. Não houve maneira de convencê-la a não vir e depois de pensar a respeito, eu cheguei à conclusão de que seria melhor assim.

É como se fala a respeito do luto. Você tem que conferir por si mesma a pessoa no caixão para ter certeza de que ela partiu.

Serenity consegue se levantar porque eles lhe deram um analgésico poderoso, mas está molinha ainda, um pouco tonta.

Apenas meus primos, irmãos e Debra vieram conosco, todos sem conseguir acreditar nessa merda.

Chegamos à sala e quase como fez na minha boate, quando assistiu ao casal fodendo, ela cola o rosto no vidro. Dessa vez, no entanto, está tremendo, quebrada, triste.

Eu me posiciono atrás dela para assistir à mulher que cuidou de Serenity a vida inteira confessar a verdade.

Ela revela como colocou as lâminas dentro do sapato e que sua intenção era impossibilitar Serenity de continuar se apresentando.

Quando o detetive pergunta a razão dela querer atrapalhar a carreira de Serenity, no entanto, ela diz que só contará a verdade a mim.

O depoimento não dura nem uma hora e quando termina, Serenity gira em meus braços.

— Eu quero vê-la.

— Baby...

— Eu preciso vê-la, Ares. Vou entrar com você — diz, quando eu lhe falo da intenção de ir perguntar à infeliz por que quis machucá-la. — Aquela mulher cuidou de mim como uma mãe.

— Ela tem razão — Debra diz. — Precisamos saber por que ela fez o que fez.

Cinco minutos depois, com Serenity sentada outra vez na cadeira de rodas, entramos na sala onde JeAnne está. Quando nos vê, ela tenta levantar, mas noto que está algemada à mesa.

— Por quê? — Serenity chora.

— Para protegê-la — ela responde, o olhar completamente insano. — Eles estão vindo e não vão poupá-la. Fuja com ela, Ares. Leve-a daqui antes que seja tarde demais.



Capítulo 44

— *Eles?* — Serenity pergunta. — Pelo amor de Deus, JeAnne, quem são eles?

— Eu não posso falar. Eu tentei te proteger. Não me importo comigo. É com a sua segurança que estou preocupada.

Ela se levanta da cadeira de rodas e quando tento apoiá-la, afasta minha mão.

— Minha segurança? Quer me convencer de que montou uma armadilha para mim, feriu meus pés, sabendo o quanto essa fase da minha vida é importante, pensando na minha segurança?

— É a verdade — a mulher repete, o olhar esgazeado, quase insano. — Ares, ela não vai me ouvir. Tire-a daqui.

Serenity sacode a cabeça, pálida e visivelmente abalada. Volta a sentar-se na cadeira de rodas e sem dizer uma palavra, Debra a empurra para fora da sala.

— Diga-me quem são “eles”, JeAnne? — peço, fazendo o meu melhor para manter a calma, porque mesmo com a raiva que estou sentindo, percebo que a mulher se encontra em um estado delirante, patinando dentro e fora da realidade.

— Não pode protegê-la deles, mas pode tentar, ao menos — diz.

— Pare de falar por códigos, porra! Você a viu crescer! Serenity confiou em você, infeliz.

Ela me encara em silêncio e por um momento, chego a pensar que vai revelar a verdade, então, diz:

— Eu quero um advogado.

Com isso, ela deixa a polícia de mãos atadas para qualquer outra questão. Tudo o que for dito a partir de agora, longe da presença do advogado que ela solicitou, será inválido no tribunal.

Eu dou um passo à frente, incapaz de me refrear.

— Quem ama e protege não fere. Dê a desculpa que quiser para si mesma, JeAnne, mas não passa de uma traidora. Não importa a razão. Você mentiu e a enganou.

Machucou minha mulher e pode ter certeza de que vou ao inferno se for necessário, mas você vai pagar.



Grécia

Duas semanas depois

— Por que sempre esconde seus pés? — pergunto, na piscina da minha ilha na Grécia.

Eu estava nadando e me aproximei dela na beira da piscina. Serenity, que tinha ambos os pés dentro da água, os escondeu embaixo do corpo.

— Tenho vergonha deles. São muito feios. Tenho calos, minhas unhas nunca crescem.

— Deixa eu ver. Não tenho como emitir uma opinião. Sempre os oculta de mim.

— Não.

— Eu quero vê-los, Serenity.

Ela bufa e os estica em minha direção.

Há duas unhas crescendo nos dedões, acho que tinham caído. A parte externa de ambos tem uma espécie de joanete e, sim, há muitas calosidades também.

— São *muito* feios — falo, beijando cada um.

Ela sacode a cabeça gargalhando e em seguida vem para os meus braços.

— Estava com medo de que mentisse para mim ou tentasse fingir que são lindos. Isso o faria cair no meu conceito.

O sorriso morre, o rosto fica sério e eu sei a razão. Ela está pensando em JeAnne. Em como foi falsa.

Depois que saímos do hospital naquele dia, precisamos tomar diversas providências. A primeira delas, nos reunir com o agente de Serenity e a diretoria do New York City Ballet. Eles já sabiam do ocorrido. A polícia precisou investigar o local, mas conseguimos abafar um possível escândalo e tudo que foi noticiado é que Serenity precisava descansar pois estava esgotada, emendando uma temporada na outra.

Os fãs foram solidários e ela recebeu muitos presentes e cartas, todos verificados por uma equipe especializada para

ver se encontravam qualquer pista de quem eram “eles”, como JeAnne os chamou.

A ex-babá calou-se depois do primeiro depoimento, recusando-se a falar sobre quem são seus cúmplices. É óbvio para mim que o que a motivou a tramar contra Serenity foi o dinheiro, mas eu não faço a menor ideia se a razão foi apenas essa.

Nem eu, meus irmãos ou Odin e Christos, conseguimos atinar o que o ex-sócio poderia lucrar ferindo Serenity, se o homem faz parte do “eles” a quem JeAnne se referiu. Não encontramos nada que manche sua reputação. Ao que consta, vive uma vida correta. É um empresário regular, com uma reputação ilibada.

Não sou ingênuo. Sei que o mundo é uma merda e que muitos dos que habitam o planeta não valem porra nenhuma, mas até mesmo para mim, um cínico, imaginar alguém tramando uma vingança desse porte contra uma órfã, é um pouco demais.

— O que está pensando? — ela pergunta.

— Sobre o que disse há pouco. Eu nunca menti para você, baby, e nem pretendo fazê-lo. Eu já omiti, ocultei tentando

te proteger, mas nunca menti.

Ela cruza as pernas nas minhas costas e recosta a cabeça no meu peito.

— Eu não consigo entender, Ares. Por que ela fez o que fez? Quem são essas pessoas que querem me machucar? Eu às vezes acho que estou sonhando. Ou melhor, em meio a um pesadelo.

— Tentou se lembrar do que eu te pedi?

— Sobre o sócio do meu pai? Sim, tentei. Não consegui nem mesmo ligar um rosto ao nome que você me deu. Edgar Hazen. Eu tenho certeza de que nunca ouvi falar dele.

— Esqueça isso. Estou investigando em diversas frentes. Nós vamos descobrir o que diabos esses bastardos estão tramando.

— Eu estou com medo deles mudarem de ideia.

— Está se referindo à direção do New York City Ballet?

— Sim.

— Não vai acontecer, Serenity. Foi aclamada pela crítica depois de sua estreia. É única. Eles não abrirão mão de você.

— Eu não vou viver escondida. Quando voltarmos aos Estados Unidos, quero recomeçar os ensaios, minha rotina. É como oxigênio para os meus pulmões, Ares.

— Nunca te pediria isso. Viemos para a Grécia para que se curasse e para protegê-la até sabermos ao certo o que está acontecendo, mas nem passou pela minha cabeça trancá-la em uma gaiola de ouro, Serenity.

— Eu não me importaria, se você fosse o carcereiro — diz, dando uma piscadinha e respiro aliviado por vê-la sorrir. Seu humor tem oscilado desde que chegamos, mas dado o que aconteceu, ela está levando tudo melhor do que eu esperava.

Começo a subir os degraus da piscina com ela em meu colo.

Eu a coloco de pé e solto os laços do biquíni, calcinha e sutiã.

Serenity não tenta se esconder. Ela se mostra para mim, sabendo o quanto me deixa com tesão quando se oferece à minha luxúria.

Eu me livro da sunga e deito na espreguiçadeira.

— Vem cá. — Estico a mão e quando ela se aproxima, puxo uma das pernas por cima da espreguiçadeira, com ela de pé, deixando sua boceta em um ângulo perfeito para minha boca.

Ao primeiro toque da língua em seu sexo já molhado, as pernas dela perdem a força, mas eu não pretendo torturá-la muito tempo, só deixá-la pronta para me cavalgar.

Serenity geme e passa a língua no lábio inferior, me pondo louco. A cada vez que fodemos, fica mais exigente, deliciosa, desinibida.

Eu a puxo para mim, sem permitir que goze e a faço montar meu quadril.

Com ambas as mãos por baixo de suas coxas, a suspendo, apenas para descê-la um segundo depois, aos poucos, empalando-a no meu pau.

— Assim mesmo, safada. Desce gostoso. Afunde essa boceta apertada em mim.

Ela geme enquanto desliza na minha extensão dura e grita quando eu impulsiono, penetrando-a completamente.

Eu me ergo e chupo seus peitos, o tesão escalando ao nível de insanidade apaixonada.

A conexão é intensa, febril, e eu a fodo duro, tirando dela, entregando tudo.

Serenity rebola, provocante, gostosa.

— Caralho, baby. Você fica um tesão toda preenchida com meu pau.

Agarro sua bunda, metendo com força enquanto ela cavalga.

Revezo chupadas e mordidas entre peitos e lábios, sem conseguir me decidir o que quero provar.

Eu a fodo com avidez, saboreando a sensação de meter na carne doce sem proteção.

Ela salta no meu colo, devassa, ofegante.

Quando estapeio sua bunda uma, duas vezes, fodendo-a mais rudemente, ela goza, gritando meu nome.

Eu aumento o ritmo, metendo forte e deslizo a mão, acariciando entre as bochechas de sua bunda.

— Eu ainda vou fodê-la aqui. Quero tudo de você, Serenity.

— Eu sou sua.

— Essa é a porra da maior certeza do mundo, gostosa.

Beijo sua boca, comendo seu sexo com meu pau e penetrando de leve com o dedo, sua abertura virgem.

Não demora para ela começar a me apertar dentro de si em pequenas contrações.

Serenity goza de novo, me levando junto e fico fascinado quando a ergo e vejo meu sêmen escorrendo de seu sexo.

— Você é minha. Sempre será.



Capítulo 45

Semanas depois

Eu não sei como posso chamar essa noite.

Reestreia?

Pode ser, porque a minha *estreia* aconteceu no dia em que JeAnne colocou as giletes para me machucar.

Entretanto, reestreia não parece adequado.

Recomeço.

Sim, acho que esse é um bom nome.

Um recomeço em que precisei aceitar que a mulher que eu amei como se fosse minha mãe, me enganou, me traiu e que a despeito de dizer que fez o que fez para me proteger, se recusa a revelar a identidade dos meus inimigos.

Ares me disse inclusive que o promotor ofereceu um acordo, livrando-a das acusações se ela entregasse os cúmplices, mas ela continuou em silêncio.

Quando a melodia de “O lago dos Cisnes” chega aos acordes finais, eu me sinto emocionada.

Deu tudo certo.

Ninguém vai poder me impedir de viver minha vida.

Enquanto a plateia irrompe em aplausos, me concentro no camarote à esquerda, onde todos os Kostanidis e Lykaios vieram me assistir.

Nem todos as pessoas importantes para mim estão na plateia, entretanto. Meu grego, que agora já posso chamar oficialmente de namorado, já que o papel de tutor ficou para trás, está nos bastidores, me esperando.

Eu levo uns bons minutos até encerrar os agradecimentos, mas assim que a cortina se fecha de vez, corro para encontrar Ares.

No meio do caminho, vejo as flores arremessadas pelo público, no chão.

É comum que me joguem rosas e até ursinhos de pelúcia.

Há uma flor, no entanto, uma rosa vermelha, com algo enrolado no cabo. Quando me abaixo para pegá-la, noto um bilhete amarrado nela.

Eu sinto meu sangue gelar porque mesmo antes de abri-lo, sei que é dele, do meu perseguidor.

Sem pensar no que estou fazendo, volto para o palco, olhando para a audiência que já começa a se dispersar. Em meio à confusão de corpos e cabeças no teatro lotado, eu não consigo enxergar nada.

Eu retiro o bilhete do caule da flor, e quando o leio, me sinto tonta.

“Sua hora está chegando, traidora.”

— Serenity? — ouço Ares chamar.

Ele está no palco também agora, indiferente aos olhares curiosos dos funcionários e alguns espectadores.

— Ele voltou.

Mostro o bilhete e imediatamente, depois de lê-lo, ele me pega no colo e sai comigo do palco.

Nós deveríamos ir a um restaurante para comemorar a apresentação, mas a despeito do que ocorreu em minha estreia oficial, os planos precisam ser modificados e

acabamos na casa de Eleanor, eu ainda vestida com o figurino com que dancei.

— Vem cá, minha filha. Vamos tomar um banho — a madrasta de Madison me chama.

Meia hora depois, estou com a roupa que eu deveria usar para a comemoração do restaurante — um vestido pink —, mas sem maquiagem e com o cabelo solto.

Assim que saio do quarto, Debra vem ao meu encontro.

— Eu sinto muito que sua reestreia tenha acabado assim. O primo de Ares, Odin, já está analisando todas as filmagens. Nós vamos pegá-lo.

Eu aceno com a cabeça.

— Eu acho que deveria ir para casa.

— Não. Sua noite ainda não chegou ao fim. Temos uma surpresa.

— Surpresa?

— Seu grego está te esperando lá embaixo, com a família.

— Eu não acho que estou no clima para comemorações, Debra. Eu nem sei porque Ares me trouxe para cá.

— Não permita que eles tirem seu brilho, Serenity. Você foi espetacular hoje. A função de perseguidores, pessoas

que gostam de causar medo e insegurança nos outros, é causar terror. Não estou dizendo que o que aconteceu deve ser ignorado. Ares está cuidando de tudo, mas você não vai estragar seu momento especial por causa desse ou desses filhos da puta.

Apesar da tristeza que estou sentindo, sorrio.

— Você nunca xinga.

— Eu não xinguei. Nomeei adequadamente seu perseguidor. Agora vamos descer. Estão todos esperando-a para partir o bolo.

— Bolo?

— Já é meia-noite. Oficialmente, seu aniversário de vinte e um anos.

— Nossa, eu nem me lembrava.

— Mas eu, sim. — Ouço Ares dizer atrás de mim. — Pode ir na frente, Debra. Eu assumo daqui.

Ela sorri e desce as escadas.

— Sua amiga tem razão.

— Eu sei, mas sou humana, Ares. Não tenho como me impedir de sentir medo.

— E nem deveria. O medo, se bem trabalhado, é uma ferramenta de sobrevivência. Nos deixa em alerta.

— O que sabe sobre isso? Não é do tipo que teme qualquer coisa.

Ele me puxa para seus braços e beija o alto da minha cabeça.

— Eu tenho um único medo atualmente.

— Conte-me.

O rosto dele parece atormentado.

— Eu temo que algo lhe aconteça. Eu não vou perdê-la, Serenity. Falhamos com sua segurança hoje. Eu coloquei um verdadeiro exército em torno do teatro e mesmo assim o desgraçado se esgueirou e conseguiu se aproximar.

— Não foi culpa sua.

— Como não? É minha mulher. Meu dever é mantê-la protegida.

— Ele é como um fantasma. Invisível.

— Para o bem dele, é bom que seja mesmo. Se for de carne e osso, eu não vou parar até destruí-lo.



Capítulo 46

— Serenity é forte para caralho, considerando que só tem vinte e um anos — Zeus diz, enquanto vemos nossas mulheres conversando no jardim de inverno da casa da sogra dele.

Já é madrugada, mas nenhum de nós dá sinais de cansaço.

Acho que todos, homens e mulheres, estamos acelerados pelo que aconteceu. Apenas Odin já foi embora com Elina, e sei qual é a razão. Ele já considera Serenity família, ainda mais agora que assumiu a tutela dela e o perseguidor da minha namorada acabou de se tornar um problema pessoal para o meu primo.

Além dos meus irmãos e de Christos, que veio especialmente com Zoe da Carolina do Norte para assistir à reestreia dela, Athanasios e o marido de Eleanor, Nashon, o dono da casa, está sentado conosco.

— Sim, ela é — digo.

— Nós vamos encontrar quem fez isso, Ares — Dionysus fala porque meus irmãos me conhecem o bastante para saber a importância de Serenity em minha vida.

As duas semanas que passamos na Grécia foi um divisor de águas. Antes de viajarmos, dormimos juntos todos os dias desde que eu tirei sua virgindade, mas Nova Iorque é o nosso mundo real. A bolha que criamos na ilha foi o que me mostrou em definitivo que eu não a quero como algo passageiro em minha vida. Serenity é minha em uma base permanente.

A noite de hoje saiu dos trilhos. Nada do que planejei aconteceu. Eu pretendia pedi-la em casamento. Tenho o anel guardado comigo. Organizei cada detalhe, mas depois do incidente com o bilhete, eu não poderia empurrá-la para uma decisão.

Eu não quero que veja em mim um porto seguro, embora eu pretenda estar sempre aqui para ela. Desejo seu amor, sua loucura, assim como me sinto por ela e não que corra para os meus braços por medo.

Eu sei que ela me ama, mas está sobrecarregada demais no momento e isso talvez a deixe confusa, insegura.

Quando ela me disser o sim definitivo ao meu pedido, quero que esteja se sentindo bem, feliz e que saiba para onde estamos indo.

Eu nunca imaginei que desejaria o todo. Mulher e filhos.

Eu valorizo a família. Amo meus irmãos, mas me entendi com facilidade e não podia me ver em um relacionamento a longo prazo.

Serenity me atingiu tão rápido que eu nem notei que o que eu sentia por ela, tesão, obsessão, se transformou em amor. O fascínio da primeira noite em que a vi, como corri o mundo sem que ela soubesse apenas para vê-la dançar, mas principalmente, o autocontrole que me impus em não seduzi-la quando tudo o que eu quis desde que pus meus olhos nela era me enterrar em seu corpo delicioso, me mostrou que ela para mim sempre foi única.

Eu coloquei suas necessidades acima da minha. Eu a protegi de mim mesmo.

— A demora para apanhar quem quer fazer mal a ela está me deixando louco — confesso, obrigando-me a voltar à realidade.

— Deixaria qualquer um — Athanasios fala. — Pensar em Brooklyn ou meus filhos correndo risco, que teria um psicopata ameaçando-os, me transforma em um selvagem cujo único pensamento obsessivo é destruir o inimigo.

Vejo que o marido de Eleanor tem no colo o álbum de fotografias que minhas cunhadas, com a ajuda de Debra, montaram para ela com imagens de várias fases de sua infância, inclusive as da caixa que seu falecido tutor lhe deixou.

Serenity nunca chegou a abrir a caixa que VanLith me deu. Eu já percebi que ela não gosta de olhar para o passado. Talvez porque não tenha sido feliz nele.

Ela agradeceu o presente que as mulheres da minha família prepararam, mas mal deu atenção ao álbum e acho que talvez não tenha sido uma boa ideia entregá-lo justamente hoje.

Um por um, meus irmãos se levantam, seguidos de Athanasios, restando somente eu, Christos e o marido de Eleanor na sala.

Nashon passa as folhas do álbum de Serenity, parecendo concentrado em cada uma das fotografias.

Ele é um ser humano incrível. Daquele tipo que não importa se a conversa é sobre um assunto que lhe interesse ou sobre o último desfile de moda em Paris, que duvido muito que saiba a respeito, o interlocutor recebe sempre sua atenção total, seja ele homem, mulher ou criança.

— Quem é essa bebê? — ele pergunta, apontando para uma imagem do álbum.

Estou sentado ao seu lado, então me aproximo para conferir de quem ele está falando.

Quando vejo um casal, que sei que são os pais dela, com uma garotinha de menos de um ano no colo, concluo o óbvio.

— Minha mulher.

Ele olha para mim sorrindo e sacode a cabeça, fazendo que não.

— Impossível.

— O quê?

Ele aponta para o pezinho da criança.

— Ela nasceu com o que chamamos de *clubfoot*, popularmente conhecido como “pé torto”. É uma condição

congénita. Está vendo aqui — nos mostra —, no caso dela são bem tortos mesmo.

— Eu não sei se estou entendendo — digo.

Christos vem se sentar do outro lado dele.

— Onde? — meu primo pergunta.

— Olhem bem. Com essa condição ela jamais aguentaria as horas de treinos a que se submete desde pequena e para uma bailarina, a prática leva à perfeição. Não estou dizendo que ela não poderia ser uma dançarina profissional ou bailarina clássica, mas dificilmente poderia se dedicar com tanta intensidade aos treinos.

Eu sinto meu sangue gelar.

— O que exatamente está tentando me dizer, Nashon?

— Espere um instante.

Ele volta o álbum para o começo e folheia uma por uma as páginas. Em apenas duas das imagens, a bebê está descalça, mas mesmo naquelas em que usa sapatinhos, fica claro que se trata da mesma garotinha.

— O que estou dizendo — ele começa, fechando o álbum —, é que a garota das fotografias não é Serenity. Agora, talvez você devesse descobrir quem ela é.



Capítulo 47

— Você está muito calado — digo enquanto o motorista nos leva para casa.

Ele não me tocou desde que entramos no carro, o que é incomum. Ares não parece poder ficar muito tempo sem ter as mãos em alguma parte minha.

Pescoço, ombros, cabelo, joelhos. Onde quer que estejamos, ele me faz sentir que lhe pertencço.

Hoje, no entanto, parece que se formou uma barreira invisível entre nós.

Não, não hoje. Agora, na saída, porque durante todo o tempo que decorreu desde o incidente após minha apresentação, ele não foi outra coisa que não apaixonado e protetor.

Embora a noite tenha sido cheia de altos e baixos, no fim, a comemoração do meu aniversário foi a melhor até hoje.

As garotas fizeram um álbum para mim, com fotos da minha infância. As mesmas que eu nem cheguei a conferir, quando Ares me entregou a caixa que o senhor VanLith lhe

deu. Na verdade, eu li umas duas cartas dos meus pais. Ambas em tom de despedida, como se soubessem que morreriam jovens. Elas me deixaram triste, então larguei o resto para verificar depois.

Eu me sinto muito mal por não ter qualquer ligação emocional com os dois. Eu olhei a primeira fotografia do álbum que as minhas amigas montaram e foi como se me entregassem as imagens de um trio de estranhos. Eu, em bebê, no colo das pessoas que deram a vida.

— Não gostou do presente? — ele pergunta, ao invés de comentar minha afirmação.

— De qual deles?

Ares me deu um conjunto de joias — brinco e pulseira — e agora que sei que é ele quem os escolhe, tem muito mais peso para mim.

— De tudo, mas do álbum, principalmente.

Dou de ombros.

— Tenho receio de que me julgue se eu lhe der uma resposta sincera.

— Fale.

— É como observar estranhos naquelas fotografias.

— Não tem qualquer lembrança de quando eram vivos?

— Não. Minha única recordação, o rosto do qual me lembro, é o de JeAnne.

Ele põe a mão no meu joelho e eu estremeço. Uma prova de que estou me tornando dependente de sua afeição.

Eu olho para fora da janela, fingindo não perceber o contato e que não me abala.

Eu quero ir para o colo dele. Dizer que o amo, mas eu não vou correr o risco de ser rejeitada. Não sei o que mudou, mas talvez, ele enfim esteja começando a perceber que já se passou muito mais do que o prazo que costuma estar com suas mulheres e que deve pôr um ponto final em nós dois. Se for o caso, eu não vou me humilhar. Vou aceitar o que ele disser e tomar distância. Terá que ser assim, ou não sei como conseguirei sobreviver.



Ares

Abro a porta do meu apartamento e a deixo passar.

— Quer ir para a cama? — pergunto.

Talvez eu não devesse tomá-la agora, e ao invés disso, conversar. Mas como eu posso contar à mulher que eu amo que a vida inteira dela pode ter sido uma farsa? Se for verdade o que Nashon disse, ela não é Serenity Clementine Blanchet, é outra pessoa.

Mas quem?

Ainda na casa de Eleanor, reuni todos na biblioteca da madrastra de Madison e contei sobre o que Nashon concluiu. Também liguei para Odin. Temos em mãos um intrincado quebra-cabeça e ninguém melhor do que o meu primo para desvendá-lo.

— Eu...

— Preciso ter você, Serenity, então tome uma decisão ou vou te comer agora, na mesa de jantar.

Ela engole em seco.

— Eu sou sua — repete o que já me disse várias e em cada uma, consegue o mesmo resultado: romper minha loucura.

Eu tiro sua roupa em silêncio e, ajoelhado aos seus pés, puxo jeans e calcinha. Livro-a das sandálias no meio do caminho.

Ergo-me, dando um passo para trás.

— Quero a blusa fora. Deixe-me ver o que é meu.

Eu mal me dou conta de como minhas roupas formam uma pilha no chão. Sapatos, meias, descartados também. Em segundos, estou nu, precisando dela, necessitando possuir minha mulher, afastar o caos de nós dois.

Eu não me importo com quem ela seja. Não dou a mínima de onde veio. Serenity sempre será minha.

Eu a deito na mesa e trago suas pernas para os meus ombros. Beijo o interior de suas coxas, sentindo a pele acetinada com a ponta dos dedos. Mordisco de leve sua carne, marcando-a com dentes e língua.

Amasso os seios com uma das mãos. Estão pesados pela excitação.

Inclino-me e tomo um na boca. Lambendo e sugando.

Acaricio seu sexo, testando a umidade. O clitóris está duro, minha Serenity está louca de tesão.

Agarro as laterais de sua cintura e encaixando-me em sua abertura, tomo seus lábios nos meus.

Passo a cabeça inchada do meu pau por sua entrada e ela geme. Não importa quantas vezes eu a foda, Serenity é deliciosamente apertada.

Em um movimento, penetro-a em uma investida profunda.

Ela geme alto, ofegante.

Sua boceta é quente e molhada e eu não resisto em bater duro dentro dela.

Eu a cavalgo como um animal, a posição me permitindo ir muito fundo.

Ela está tão molhada que encharca minhas bolas cada vez que entro em seu corpo.

Aumento força e ritmo das estocadas.

— Toque a boceta enquanto eu te fodo.

Ela me obedece, gritando de prazer, e eu meto duro, sem controle, martelando em seu sexo.

Serenity se aperta ao meu redor e meu pau pulsa, inchando, querendo a libertação.

Eu a fodo sem descanso por vários minutos.

Mordo e lambo seus mamilos e ela começa a contrair.

Sinto o orgasmo se aproximando, como uma avalanche poderosa.

Agarro seus ombros, alavancando-a, puxando-a para mim. Imprimindo um ritmo intenso.

— Essa bocetinha nasceu para ser fodida pelo meu pau.

Giro os quadris, testando os pontos dentro de seu corpo que lhe dão mais prazer, provocando-a.

Saio quase todo e a faço me receber uma e outra vez.

Ela choraminga, implorando para gozar e dou o que ela quer, massageando o clítoris tesó.

— Entregue-me tudo, baby.

Ela arqueia, chama meu nome e jura seu amor.

Eu me derramo dentro dela, preenchendo-a com meu sêmen, marcando-a por dentro e por fora.

Caio sobre seu corpo, beijando sua boca.

Eu não me importo com quantas batalhas terei que lutar. Se enfrentarei o próprio Satanás. Ninguém vai levá-la para longe de mim. Matarei qualquer filho da puta que tocar em um fio de cabelo dela.

Duas horas depois, eu ainda a mantenho presa em meus braços, em nossa cama.

Acabo de receber uma mensagem de Odin, e por mais que não queira deixá-la, sei que será necessário ver o que meu primo deseja.

Eu a retiro com cuidado de sobre o meu corpo e a pouso na cama.

Pego o telefone e saio do quarto.

Na mensagem, ele diz que precisamos fazer um teste de DNA para termos certeza sobre as suspeitas de Nashon. Caso seja verdade, teremos que descobrir quem Serenity é e por que está ocupando o lugar da verdadeira filha dos Blanchet.



Capítulo 48

Dias depois

— Ele está apaixonado — Debra diz, enquanto ajuda-me a me alongar para a prática de balé.

— Como pode ter certeza?

— Ele respira você, Serenity.

— Eu gosto de como isso soa. — Suspiro, me olhando no espelho da sala principal da escola de dança. — Eu gostaria de ser mais experiente. Talvez assim não me sentisse tão insegura com as mudanças de humor dele.

— Bem-vinda ao mundo das mulheres apaixonadas, querida. Não importa quantos anos você tem, a insegurança será a mesma. O amor não vem com garantias. É sempre o risco, a queda, a aposta e é justamente por essa razão que o ato de amar é tão emocionante.

Depois da sensação de que o estava perdendo, na noite do meu aniversário, Ares voltou ao seu modo normal.

Não, na verdade, ele se tornou ainda mais possessivo.

Eu só queria entender se essa paixão toda é *paixão* no sentido literal da palavra, ou desejo em sentido estrito.

— Está arrependida de ter se envolvido com ele?

— Não. Como poderia, Debra? Você disse que ele me respira e o contrário também é verdadeiro. Eu o amo, não apenas o que temos no quarto, cada nuance dele, até seu mau humor e o jeito dominante.

— Deve ter alguma explicação biológica para que nós mulheres fiquemos tão suscetíveis a ogros.

— Seu marido era assim?

— Muito, mas como seu deus da guerra, amava com a alma também.

— Eu não acho que ele...

— O fato de não ter dito com todas as letras, não significa que não a ama. Há homens que se declaram para suas parceiras a cada cinco minutos e mesmo assim, traem, mentem, enganam, iludem. Preste atenção nas ações dele, Serenity. Falar, até papagaio fala.



Eu devo ter adormecido. Cheguei tão cansada da prática que nem comi, caí em cima da cama, ainda vestida, e apaguei. Tomei banho na escola de dança mesmo.

Assim que desperto, a barriga faz um som estranho, uma mistura de ronco com trovão, avisando que está vazia há tempo demais.

Estou quase no corredor quando vejo o terno que Ares usou naquela fatídica noite de reestreia do balé, parecendo recém-chegado da lavagem a seco. Provavelmente as empregadas não souberam onde guardá-lo e deixaram aqui.

Eu o pego de cima da poltrona, mas assim que movimento a embalagem, uma caixinha de joias cai no chão.

Sacudo a cabeça, pensando que com a confusão daquele dia, ele deve ter esquecido de me entregá-la, junto à pulseira e os brincos que me deu.

Estou prestes a guardá-la novamente no bolso do blazer quando a curiosidade leva a melhor e eu abro. Fico de boca

aberta. Dentro, há um diamante solitário de pelo menos três quilates.

O formato da joia é inconfundível. Este não é um anel qualquer e sim, um de noivado.

Ele ia me pedir em casamento?

O meu coração dispara ao ponto de eu ter certeza de que estou passando mal, mas então o meu lado racional emerge.

Se ia mesmo me propor, o que o impediu? Mudou de ideia?

Guardo a caixa no bolso do terno outra vez. Sinto-me envergonhada por mexer nas coisas dele. Mesmo achando que o anel é para mim, ele não me deu, logo, não tinha o direito abri-lo.

Tento raciocinar com calma.

Claro que ele não me pediria em casamento naquele dia. Eu estava me sentindo sobrecarregada com os acontecimentos e provavelmente ele decidiu esperar uma ocasião melhor.

Estou pensando demais, como sempre, e deixando minha insegurança tomar a frente.

Com a mente preenchida pela conversa que tive mais cedo com Debra, saio do quarto, disposta a parar de agir como uma garota insegura.

Hoje à noite, quando Ares chegar em casa, vou seduzir meu ogro grego, deixá-lo aos meus pés e quem sabe então, ele me proponha.

Sorrindo enquanto caminho pelo corredor do apartamento, eu me pergunto se alguma hora ele vai me trazer para cá de vez. Nunca mais dormi em casa. O meu lugar ficou vazio por tantos dias que a empregada que trabalhava para mim subiu um andar e agora ela e a de Ares se revezam, cuidando de nossas coisas aqui.

Assim que piso na sala de estar, ouço a voz dele. Não é comum encontrá-lo a essa hora, perto do almoço.

Para a paz do meu ciúme, depois que começamos a namorar, ele raramente fica à noite na *S/N*. Tem deixado tudo na mão dos gerentes.

Eu sigo para onde ouço o que parece uma conversa por viva-voz. Noto que vem da biblioteca.

— Está confirmado, então? — ele pergunta ao interlocutor.

A porta está entreaberta, mas mesmo assim me sinto desconfortável por ouvir a conversa, então me preparo para voltar pelo mesmo caminho que vim. Mas então, ouço um homem dizer:

— *Sim. O DNA provou sem sobra de dúvida que não é ela. Não sabemos quem é, mas a mulher que o mundo conhece como Serenity Clementine Blanchet, a garota de quem sou o tutor, com certeza não é a filha dos Blanchet.*

Odin.

O homem que assumiu minha tutela está dizendo a Ares que eu não sou Serenity? Eles estão loucos? É uma brincadeira de mau gosto.

As pernas tremem ao ponto de eu precisar me apoiar na parede, enquanto eles continuam a falar.

— Se não fosse o marido de Eleanor ter descoberto aquela imperfeição nos pés da bebê ao olhar a fotografia naquela noite, nunca saberíamos da verdade — Ares diz.

— *Sim* — Odin concorda. — *Está óbvio que foi uma armação. Precisamos encontrar a verdadeira herdeira e...*

Eu não continuo ouvindo. Sigo para o quarto e depois de pegar a carteira e celular, desço pela escada de incêndio ao

invés do elevador.

Eu sei que, a essa hora, os guarda-costas não estão me esperando sair. Eu nunca fugi deles antes, então estou contando com o elemento surpresa.

Pego a saída dos fundos e dentro de poucos segundos encontro-me na rua.

O ar fresco do meio do dia não me acalma. Eu me sinto mal, enjoada, enquanto tento processar tudo o que ouvi.

As memórias voltam com força total. Eu nunca me lembrei dos meus pais. Nunca senti qualquer laço com eles e a resposta é porque eles não são nada meus.

Sinto os olhos encherem-se de lágrimas e ando a esmo até encontrar um táxi. Peço para ele apenas dirigir, sem lhe especificar um destino e fecho os olhos, recostando a cabeça no assento.

Agora está claro por que Ares não me pediu em casamento. Ele desconfiou que eu menti esse tempo todo e, de acordo com aquela conversa com Odin, acaba de ter a confirmação.



Capítulo 49

Eu deveria tê-la acordado, sei que Serenity está descansando em nosso quarto, mas a notícia que acabo de receber de Odin torna urgente uma conversa cara a cara com JeAnne.

Ela tem se recusado a me receber ou qualquer um de minha parte desde o dia em que foi presa. Porém, estou indo encontrá-la agora. Eu preciso conseguir respostas dessa infeliz.

Estou ficando louco. O que diabos eles fizeram com a verdadeira Serenity? E minha mulher, onde está a família dela? Preciso solucionar o enigma antes de contar tudo a ela.

Enquanto o motorista me leva até o presídio feminino onde ela está, eu envio uma mensagem para meus irmãos avisando onde estou indo. Os advogados já estão vindo me encontrar. O que quer que JeAnne diga, precisarei de testemunhas.

Não duvido que em pouco tempo meus irmãos cheguem também, mas eu não posso esperar por eles. Tenho urgência em desvendar essa trama sórdida.

Eu deixei um bilhete para Serenity dizendo que estive em casa, mas que saí para um compromisso.

Eu preciso encontrar um jeito de protegê-la pelo que sei que virá. Temos que descobrir onde está a verdadeira herdeira e quando a verdade vier à tona, o mundo da minha mulher vai virar do avesso.

O carro mal estaciona no presídio e eu recebo mensagens quase simultâneas de Zeus, Hades e Dionysus.

Os três me avisam que estão vindo como eu sabia que fariam, mas mesmo amando meus irmãos, eu às vezes gostaria que eles dessem um pouco mais de espaço para manobra.

Eu preciso resolver isso sozinho.

Desço do carro sem me preocupar em respondê-las.

Assim que entro no presídio onde JeAnne está presa, aguardando julgamento, um dos meus advogados me liga confirmando que ele não só conseguiu que o diretor

autorizasse minha visita, como JeAnne concordou em me receber.

Eu não sou ansioso, mas não é a minha vida que está em jogo, é a felicidade e principalmente a sanidade mental de Serenity, então sinto como se o coração martelasse dentro do peito.

Leva cerca de trinta minutos até que eles me instruem sobre o que posso ou não fazer quando estiver com a prisioneira e nesse meio tempo, dois dos meus advogados chegam.

Entramos os três, mas diferentemente de quando a encontrei pela última vez, na delegacia, JeAnne não está algemada, apesar de uma guarda se manter atrás da cadeira em que está sentada.

Eu fico impactado quando a vejo. Está mais magra, os olhos fundos. Mesmo sabendo de tudo o que fez, principalmente a razão que a levou a ser presa, é difícil aceitar que a mulher à minha frente, que cuidou de Serenity a vida inteira, conspirou com Deus sabe quem, possivelmente a tirou de sua família e roubou parte de sua vida.

— Eu sei que ela não é quem você afirma — falo, porque nem por um segundo passou pela minha cabeça que minha mulher esteja envolvida nessa conspiração.

Para minha surpresa, ela move a cabeça para cima e para baixo, concordando.

— Como descobriu?

— Os pés da bebê nas fotografias. A criança dos Blanchet nunca poderia ter sido uma bailarina.

Ela cobre o rosto com as duas mãos e chora.

Eu não sei por quanto tempo fica com a cabeça deitada no tampo da mesa, em prantos.

— Quem ela é e onde está a verdadeira Serenity, JeAnne?

— Morta.

— Porra!

É claro que eu desconfiava daquilo, mas eu tinha um fio de esperança de que não fosse verdade.

— Precisa me contar tudo, JeAnne. Eu sei que ama Serenity — falo com cuidado, porque, no fundo, do seu jeito distorcido, talvez ela a ame mesmo. Basta ver que afirmou ter colocado as giletes dentro do sapato de Serenity para

que eu pudesse protegê-la, levando-a para longe dos palcos.

— É por isso que resolvi ajudar, porque a amo. Mas depois que eu lhe contar tudo, minha vida estará em risco. Eles são muito poderosos. Quero dizer, *e/e* é, mas seu protegido, o verdadeiro mal, também.

— Quem são eles, JeAnne, e principalmente, por que tramaram algo assim?

— O senhor Edgar Hazen foi sócio do pai de Serenity — ela começa, contando o que eu já sabia e confirmando que a desconfiança de Odin estava correta. O maldito ex-sócio é o causador de tudo aquilo. — Eu não sei de detalhes, mas me lembro que logo depois que a menina, a verdadeira Serenity, nasceu, eles romperam a amizade. Eu só fui descobrir a verdade há pouco tempo. A esposa do senhor Roger, Leticia, teve um caso com o sócio do marido. Todos acreditaram que a sociedade acabou porque o senhor Hazen estava roubando o pai de Serenity, e pode ser parcialmente verdade, eu acho, mas acredito que o que contou muito foi a a traição. O senhor Hazen invejava o senhor Blanchet e tentou lhe roubar tudo: a empresa e a

esposa. Roger Blanchet percebeu o que estava acontecendo e seguiu seu próprio caminho, longe do ex-sócio. De repente, ele tinha tudo: mulher, filha e fez fortuna muito rápido.

Eu aceno com a cabeça, começando a juntar as peças do quebra-cabeça.

— Eu não sei se ele foi o culpado pela morte dos meus ex-patrões, talvez tenha sido só uma oportunidade que ele encontrou para se vingar. Nunca chegamos a conversar sobre isso, mas assim que eles morreram, o senhor Hazen surgiu com uma proposta: me daria um milhão de dólares se eu o ajudasse com o seu plano.

— E de que plano estamos falando?

— Trocar a verdadeira Serenity pela minha sobrinha.

— O quê?

— Eu não sei como, mas ele descobriu que eu tinha uma sobrinha. Na verdade, Serenity, sua namorada, é filha de uma prima minha de segundo grau, alguém muito pobre e que nem sabia quem era o pai da bebê. Essa minha prima, Mila Lawrence, morreu ao dar à luz, deixando a criança aos

meus cuidados. Ninguém sabia que ela existia. Minha sobrinha nunca foi registrada.

— Por que não?

— Eu poderia tê-lo feito, mas me apeguei à criança e tive medo que se a levasse a um cartório, os assistentes sociais seriam chamados e eles a tirariam de mim. Ela, na verdade, é dois meses mais velha do que a menina dos Blanchet.

— Continue.

— Tudo contribuiu para o plano dele. O senhor VanLith nunca tinha visto a filha do senhor Roger pessoalmente. Ele só a conheceu dois meses depois da morte dos Blanchet. Elas eram parecidas fisicamente. Passariam por irmãs, inclusive. Ele me ofereceu o dinheiro para fazermos a troca e eu aceitei. Durante esse tempo em que o tutor não a conhecia pessoalmente ainda, eu fiz uma verdadeira lavagem cerebral na minha sobrinha. Diariamente lhe mostrava fotografias dos “pais”, forçando memórias de eventos que nunca aconteceram, até que chegou ao ponto que ela, em sua inocência de criança, começou a repeti-las, como se as tivesse vivido mesmo.

— Por quê? Edgar Hazen é rico e poderoso. Por que se dar ao trabalho de elaborar um plano tão arriscado?

— Porque ele me disse que nunca perdoaria Roger, tanto por lhe roubar a mulher que amava quanto por expulsá-lo da sociedade. Eu não acho que foi só pelo dinheiro. Ele precisaria esperar muito tempo até pôr as mãos nele. Acho que foi porque mesmo depois dos meus patrões mortos, ele queria mostrar quem mandava.

— Como pôde? A filha dos seus patrões estava sob seus cuidados, JeAnne. Tinha o dever de protegê-la!

— Tem que acreditar em mim quando eu digo que não sabia que ele machucaria a criança.

— Eu não acredito, JeAnne. Sabia que ele odiava seu patrão, o invejava. Mesmo à época, já era uma mulher feita. Deveria saber que ele faria mal à menina.

— Ele não disse que fez mal a ela. Disse que sua morte foi uma acidente. Eu nem mesmo sei como aconteceu.

Eu olho para os meus advogados, que estão atentos a cada palavra. Eu não fiz faculdade de direito. Sou engenheiro de formação, mas até mesmo um leigo seria

capaz de entender que ela acaba de se declarar cúmplice de assassinato.

— Eu gostaria de ver Serenity. Contar-lhe tudo.

— Eu duvido que depois que souber a verdade, ela vá querer te ver.

Eu me levanto, pensando em como será difícil começar a contar para minha mulher essa história sórdida.

— Pode ao menos lhe dizer que a amo?

— Isso não é amor, JeAnne. Pode ter se afeiçoado a ela, mas roubou sua identidade. Nunca a amou.

— Ela cresceu com um conforto que nunca teria se eu não tivesse aceitado o acordo.

— Às custas da vida de outra criança. Será que não consegue enxergar isso, porra?

Começo a andar para a porta, completamente enojado.

— Ares, ele tem um cúmplice.

Eu paro e a encaro.

— O quê?

— Eu ainda não contei a história toda. Como acha que ele pretendia colocar a mão na fortuna dela? Ele tem um sobrinho em terceiro grau que, no momento certo, deveria

seduzi-la, mas você entrou em cena e estragou todos os planos. O rapaz ficou descontrolado. Não aceitou mais ordens. Ele está obcecado por Serenity.

Dê-me o nome dele, JeAnne.

Ela demora alguns segundos para falar, mas quando, por fim, revela, eu sei que preciso agir rápido. Ele está muito mais perto do que qualquer um de nós imaginava.



Capítulo 50

Eu não fico surpreso quando, ao sair da sala, me deparo com meus irmãos assistindo tudo pelo vidro.

Apenas Hades não está aqui conosco.

Sei que vieram para me apoiar, mas eu preciso encontrar Serenity.

Não falamos nada até estarmos do lado de fora do presídio.

— Se não estivéssemos escutando, não acreditaríamos. Eu achei que já tinha testemunhado todo tipo de merda na vida, mas essa é sem medo de errar a história mais podre que já testemunhei — Zeus diz.

— Liguem para Beau. Vejam se ele consegue encontrar o filho da puta do Edgar Hazen.

— Já fizemos — Dionysus responde.

— Eu preciso encontrar Serenity. Escutaram quem é o cúmplice de Edgar. Mandem os guarda-costas cuidarem disso.

— Já estamos cuidando disso. É por isso que Hades foi embora antes de você sair da sala de interrogatório. Ele está a caminho da sede do nosso Banco. Mas quanto a Serenity, ela não está em casa. Assim que comecei a perceber para onde estava se encaminhando a confissão de JeAnne, eu tentei contatá-la. A empregada disse que ela saiu por volta da hora do almoço e não voltou mais.

— O quê?

— Podemos tentar rastrear o celular através de Odin, mas vai levar um tempo.

— Uma coisa de cada vez. Primeiro tenho que neutralizar o cúmplice do desgraçado do Hazen. Peça a Odin para encontrá-la enquanto isso.

Eu entro no carro e tanto Zeus quanto Dionysus dispensam seus respectivos motoristas, vindo para o meu também.

Ordeno para onde eu quero que nos leve, pensando em como pude deixar algo assim passar. Como foi possível que o filho da puta se esgueirasse para tão perto de nós.

Cerca de meia hora depois, enquanto o motorista estaciona no meu destino, o celular começa a tocar com

uma mensagem de Serenity.

Serenity: “Precisamos conversar. Estou confusa. Eu ouvi você ao telefone com Odin hoje cedo. Se é verdade que não sou a herdeira Blanchet, tem que acreditar em mim: eu não sabia de nada, Ares.”

Tento completar uma ligação para ela, mas cai na caixa postal. Entro no meu elevador privativo da sede das nossas empresas, seguido dos meus irmãos, enquanto digito uma mensagem para minha mulher.

“Não importa como se chama. Você é minha. Onde você está?”

Serenity: “No terraço dos seus escritórios, na Kostanidis Group. Eu precisava respirar e Elmer me disse que eu podia te esperar aqui.”

Esmurro a porta do elevador para que ela abra, mas parece absurdamente lenta. Sinto meu coração bater no

ouvido quando finalmente chego ao meu andar.

Enquanto vou ao encontro dela, faço todas as orações que consigo lembrar, pedindo a Deus que não seja tarde demais.



Serenity

Minutos antes

Eu passei horas chorando dentro de um táxi. Pedi ao motorista que andasse comigo para qualquer lugar que fosse, e em um determinado momento, ele me perguntou se eu queria que chamasse alguém para me acalmar.

Primeiro, eu me senti miserável. Pensei que a vida que conheço vai mudar para sempre porque não sei quem sou, ou se existe alguém que se importa comigo, se tenha família. Mas logo que me acalmei, tentei pensar com a razão. Eu cheguei à conclusão de que sim, eu tenho amigos:

Debra, Otis, os Kostanidis, e principalmente, eu tenho o homem que eu amo ao meu lado.

Eu confio em Ares. Eu vi o anel. Ele ia me pedir em casamento. Não acredito que vá simplesmente me apagar de sua vida por algo que eu não tive culpa alguma. Por uma situação da qual eu não tenho a menor pista de como ocorreu.

Tentei mandar mensagem para o celular dele, mas estava desligado, então eu vim para a sede das empresas. Telefonei para sua sala, mas quem atendeu foi o assistente e não a secretária. Ele me disse que Ares já estava chegando e que sim, eu poderia esperar no terraço.

Estranhei que a secretária executiva de Ares não estava em sua mesa. Não queria invadir o espaço dele sem autorização, mas Elmer foi gentil e me deixou muito à vontade.

Já fazia cinco minutos que eu estava aqui, quando meu celular vibrou com uma resposta de Ares à minha mensagem. Ele disse que não importava quem eu era, porque lhe pertencia.

Ele também me perguntou onde eu estava e depois que lhe respondi, ele não enviou outra de volta, então acredito que esteja vindo me encontrar.

Ouçõ a porta da escada que dá para o terraço tornar a abrir e olho para trás. Sorrio quando vejo Elmer, mas rapidamente seu olhar me fez entender que algo está errado.

Eu já me encontrei com ele algumas vezes antes e em todas, me pareceu educado e inofensivo. Não o tipo de homem que uma mulher teme ter por perto. O olhar que ele me envia agora é tudo menos seguro e quando vejo o que tem nas mãos, eu grito o mais alto que posso.

— Acabou, Serenity. Você teve sua chance de se tornar minha rainha, mas ao invés disso, decidi ser a puta do maldito e agora vai morrer.

Eu começo a recuar até sentir a mureta, que bate na altura do meu bumbum, por trás das costas. Se ele não estivesse armado com uma faca, eu tentaria correr, mas não acho que conseguirei ser rápida o bastante.

Vejo a porta atrás dele se abrir novamente e choro de alívio e desespero, mas não é Ares quem está ali. É Hades.

— Você vai ser preso se me machucar.

— Não, eu não vou ser preso. Voarei com você do alto do edifício. Vamos ficar juntos para sempre.

— Corra, Serenity — Hades diz.

Eu não penso duas vezes. Mesmo apavorada, vou na direção da porta, para chamar os seguranças, rezando para que não aconteça nada com o meu cunhado.



Hades

Ele mantém a faca apontada para mim, o filho da puta, mesmo que nós dois saibamos que eu não vou recuar.

Eu avanço, não dando uma foda se ele me acertar. É bom que seja preciso em seu golpe, caso contrário, eu vou matá-lo.

Usando do elemento surpresa, corro em sua direção, como fazia quando partia para cima de um adversário na

época em que jogava futebol americano, e ele comete o erro de olhar para trás.

São pouco segundos, mas o suficiente para eu empurrá-lo sobre o parapeito.

— Hades! — Ouço Zeus gritar atrás de mim.

Metade do meu corpo está por cima do parapeito e eu poderia puxá-lo de volta. Eu o tenho preso pela mão.

— Você é um Kostanidis — Elmer diz. — Um banqueiro, não um assassino.

— Eu sou um Kostanidis e nunca perdoo quem machuca minha família. Morra.

Eu solto o solto e posso ver a expressão de incredulidade enquanto cai. Viro as costas sem olhar para trás, e vou ao encontro da minha cunhada, para verificar se ela está segura.

Ares a tem nos braços. Protegida como deve ser sempre, mas noto que ela desmaiou. Ele me olha e acena com a cabeça, em uma comunicação silenciosa. Eu sei que se estivesse no meu lugar, teria feito o mesmo.

— Você o deixou cair — Zeus diz.

Não há acusação em seu tom. É uma constatação.

— Eu não o matei. Eu tinha uma escolha e escolhi enviá-lo para o inferno.



Capítulo 51

Debra senta-se na cama assim que o médico sai. Ela beija minha testa e bochecha, se afastando para me olhar e logo voltando a me puxar para si. É como se precisasse conferir se estou viva ainda.

Eleanor, a madrasta de Madison, teve uma reação parecida. Aliás, todas as mulheres da família.

Já faz dois dias que tudo aconteceu e nas primeiras vinte e quatro horas, fui levada para o hospital e eles me doparam. Eu estava um pouco histérica, não apenas por conta da descoberta de que eu não era filha dos Blanchet, como também porque eu finalmente me deparei com o mal em sua forma mais pura.

A sensação de ter alguém querendo nos matar é apavorante em um nível que eu nem consigo descrever. Eu sabia que havia uma ameaça pairando sobre mim, mas nunca poderia imaginar que seria de alguém tão próximo como Elmer, o assistente de Ares.

Em sua fúria doentia, ele perdeu a vida no processo.

— Eu nunca vou me cansar de agradecer a Deus por você estar bem — Debra repete.

— Tão bem como possa estar alguém sem nome — respondo e vejo a tristeza no rosto de cada uma das Kostanidis.

Ares ficou comigo o tempo todo. No hospital, enquanto passei a noite em um sono forçado pelos calmantes, e ao mesmo tempo atormentado e inquieto; e depois que viemos para casa também.

— Você tem um nome. Eu não vou entrar em detalhes agora, pois acho que essa é uma conversa que Ares quer ter com você, mas só lhe direi que não importa o que aqueles miseráveis lhe fizeram. — Ela põe a mão sobre meu coração. — Você é Serenity, meu orgulho, a melhor bailarina da atualidade e eu não tenho dúvida de que dentro de alguns anos, se tornará a melhor de todos os tempos.

— Ela tem razão, minha filha — Eleanor fala, sentando-se na beirada da cama também. — Não há como mudar o passado, a história em que a envolveram é sórdida, sem dúvida, mas não é sua responsabilidade.

Eu aceno com a cabeça, mas não estou tão certa disso.

— Acho melhor deixá-los a sós agora, meninas. Ares e Serenity têm muito o que conversar — Debra diz.

Mesmo que já tenha quarenta e oito horas que eu acordei no hospital, Ares não tocou no assunto da minha troca. Eu tentei fazer perguntas, mas ele me disse que teríamos tempo para esclarecer tudo depois.

Agora, eu estou ansiosa para ouvir a verdade.

— Podem chamá-lo para mim?

Eu sei que deve estar na biblioteca do apartamento com os irmãos e os primos. Eu aprendi durante essa crise que os Kostanidis e os Lykaios são como um mini exército, lutando na mesma frente. Eles se unem e enfrentam o que for preciso, mas sempre juntos.

Elas se despedem de mim, me abraçando e beijando e eu sigo para o banheiro da suíte, para conferir minha aparência.

Fico espantada quando vejo as olheiras profundas, frutos de um sono artificial provocado pelos remédios.

Abro o chuveiro e entro embaixo dele, mas antes que possa dar um passo para a água, vejo Ares atrás de mim,

pelo reflexo do vidro do boxe.

Sem dizer nada, ele começa a se despir e depois me pega no colo, entrando comigo no boxe.

Por vários minutos, ele me beija. A princípio com delicadeza, mas o desejo escala muito rápido entre nós.

Ele faz amor comigo, duro e rápido e sua paixão e demanda finalmente me tiram do estado de torpor.

Depois, ele me banha, cuidando de cada parte do meu corpo, lavando meu cabelo, me envolvendo em uma das enormes toalhas brancas e felpudas.

Novamente me pega nos braços e me leva de volta para o quarto.

— Eu quero saber de tudo — falo, deitada sobre seu corpo, ambos nus.

Ele me levanta e me posiciona ao seu lado. Ficamos um de frente para o outro.

A mão alcança minha bochecha.

— Antes que eu comece a te contar, quero que saiba que suas origens não fazem a menor diferença para mim. Eu me apaixonei por você, agora eu vejo, desde a primeira noite em que a vi. Não há nada em você que eu não ame e não

tem a ver com seu sobrenome ou mesmo com o nome próprio. É sua essência, Serenity. Antes de conhecê-la, eu nunca me imaginei ao lado de alguém no futuro, mas mesmo no início, mesmo quando eu ainda continuava negando a mim mesmo, dizendo que o que tínhamos era só tesão, eu sempre soube que você era minha única.

Eu sinto os olhos cheios de lágrimas. Eu já conheço Ares bem demais para saber que ele não me julgaria, que ele teria certeza de que o que quer que tivesse acontecido no passado, eu não estava envolvida.

— Eu te amo. Perdoe-me por fugir naquele dia ao invés de esperar para esclarecer tudo como uma adulta. Eu tinha...
— sinto o rosto aquecer — eu tinha acabado de encontrar o anel de noivado... quero dizer, presumo que era um anel de noivado, e...

— Era, sim. Eu pretendia te pedir em casamento quando chegássemos em casa, só nós dois, então tudo aconteceu e eu achei melhor esperar. Você estava com medo da ameaça que recebeu. Eu pensei que se te pedisse em casamento naquela hora, você aceitaria pelos motivos errados.

— Eu acreditei que por ter descoberto que eu não era a verdadeira filha dos Blanchet, você achou que eu estava envolvida na trama e desistira de mim, mas depois de andar por horas pela cidade, percebi que não queria fugir de nós dois. Se fosse o fim, você teria que dizer isso em uma conversa cara a cara, olhando-me.

— Eu nunca vou desistir de você, Serenity. Vou te contar tudo com detalhes, mas jamais duvide do meu amor.

Eu aceno com a cabeça, a garganta travada pela emoção.

Depois de me beijar novamente, Ares finalmente começa a me explicar o que descobriu. Ele não teve pressa. Contou-me como visitou JeAnne no presídio e que ela confessou tudo.

Relatou que não sabem como a garota, a verdadeira filha de Roger e Leticia, faleceu, mas que tem alguém trabalhando nisso.

É uma história feia, que envolve traição em vários níveis: da esposa de Roger com ele, traindo-o com o sócio e então, amigo. De JeAnne com minha mãe verdadeira, que agora sei se chamar Mila Lawrence. De Edgar Hazen com a memória da mulher que ele supostamente dizia amar, Leticia,

roubando sua filha do lar a que ela pertencia e lhe fazendo mal, provavelmente tirando-lhe a vida, tudo em nome da inveja, ganância e vingança.

— E qual o papel de Elmer nessa história?

Assim que corri para os braços de Ares naquele entardecer no terraço do edifício do Banco Kostanidis, eu desmaiei e até agora ninguém tocou no nome daquele homem horrível comigo, dando-me detalhes. Eu apenas sei que faleceu, mas não como. Dois advogados que me foram apresentados como da banca jurídica que defende os Kostanidis vieram me ver, mas disseram que já estava tudo acertado com os detetives e que eu só prestaria depoimento quando estivesse me sentindo melhor.

Eu não tenho dúvida de que esse não é o procedimento padrão e foi somente nessa hora que eu entendi completamente o poder e influência do sobrenome da família grega.

— Morto.

— Sim, eu sei. Mas como aconteceu?

— Ele caiu do terraço naquele dia.

— Eu queria poder fingir que eu lamento, mas não consigo sentir pena dele, ou de qualquer um envolvido nessa trama. Nem mesmo de JeAnne. Isso faz de mim uma pessoa ruim?

— Não. Isso faz de você humana, Serenity.

— Quem era Elmer nessa história?

— Ele tinha um parentesco remoto com Edgar Hazen. Eu ainda não consegui determinar ao certo, o fato é que o objetivo dele era seduzi-la e casar-se com você para que pudessem ter acesso à sua herança. Mas o plano deu errado quando Elmer se tornou obcecado por você. Ele parou de seguir ordens, agir por conta própria, persegui-la, se expor.

— Ele era completamente insano.

— Acredito que sim.

— Você disse que queriam que nos casássemos para terem acesso à minha herança. O plano era me matar depois, então?

— Nunca obteremos todas as respostas, Serenity. Como saber o que se passa em uma mente criminosa? JeAnne disse que no começo não sabia que Edgar Hazen machucaria a filha dos Blanchet. Eu não acredito nisso,

como também, apesar do alegado amor que sente por você, tenho certeza de que ela estava consciente de que você corria riscos da mesma forma.

Eu concordo com a cabeça.

— Deus, tudo isso em nome da vingança e por dinheiro?

— Ao que parece, sim.

Ele me puxa outra vez para os seus braços.

— Não importa o passado, eu quero nosso futuro. Sem pressa ou pressão. Eu nunca vou te deixar ir, Serenity. Você é minha mulher.



Capítulo 52

Três dias depois

Saio do quarto em que ela está adormecida outra vez. Serenity ainda não voltou à sua rotina e estou começando a me preocupar. Ela não parece revoltada e sim, apática.

Ontem, dois detetives da polícia vieram colher depoimento dos fatos que envolvem a morte de Elmer, mas essa é somente a ponta do iceberg. Há muito mais pelo caminho. JeAnne confirmou a confissão e se declarou cúmplice pela morte da verdadeira Serenity Clementine Blanchet.

Eu sei que Beau está à caça de Edgar Hazen e tenho certeza de que a qualquer momento, irá apanhá-lo. Eu não me importo com o que será feito dele, meu único pedido para o Rei de Nova Orleans é que consiga a localização do corpo da criança que Edgar matou. Ela tem direito a um túmulo e a ser lembrada. Serenity me pediu isso e não há nada que eu deixaria de fazer para lhe dar paz.

Além do mais, sem um corpo, apenas com a confissão de JeAnne, eu não acho que haveria uma condenação. Ela finalmente parece disposta a pagar por seus crimes, mas diversos assassinos alegadamente confessaram autorias de mortes que não cometeram e duvido que o estado gastará dinheiro do contribuinte dando início a um julgamento baseado apenas em uma confissão de uma mulher que mentiu a vida inteira.

Eu sei que naquele dia, no terraço do meu escritório, Hades soltou Elmer propositadamente. Meu irmão desconhece o conceito da palavra perdão. Eu não teria feito diferente. Gostaria de tê-lo matado com minhas próprias mãos pelos anos que passou atormentando-a, por ousar ter pensamentos imundos em relação à minha mulher.

Ouçõ a voz de Eleanor conversando com a empregada e sorrio ao pensar que a madrasta de Madison tomou para si a tarefa de ser a matriarca da família. Sem qualquer planejamento, através dos nossos almoços semanais, conversas e cumplicidade, a mulher se tornou um tipo de cola amorosa, fazendo com que nossa união familiar se

solidificasse. Desde que Serenity voltou do hospital, não houve um dia que ela não tenha vindo visitá-la.

Eu ando até onde está e assim que me vê, abre os braços. Por muito tempo, eu e meus irmãos nos ressentimos de uma figura feminina mais velha, por conta das mentiras que inventaram sobre nossa mãe. Eleanor veio para resgatar isso. Lembrar-nos que somos um todo.

— Eu consegui o telefone de uma psicóloga para atendê-la. Foi muito recomendada.

— Acha necessário?

Eu não sou o tipo que sabe se abrir, então não imagino como alguém pode pagar semanalmente para contar seus segredos a um estranho.

— Acho, sim. Pode ser que no começo, ela pareça bem, mas em algum momento, vai quebrar, Ares. A vida que ela achou que conhecia não existiu. Ela só tem a você e o balé.

— Ela pausa. — E a nossa família, claro. Mas às vezes há coisas que não conseguimos compartilhar com os mais próximos. Precisamos de alguém de fora, que não esteja emocionalmente envolvido conosco, para nos ouvir.

Eu aceno com a cabeça.

— Tudo bem. Vai falar com ela a respeito, ou quer que eu fale?

— Pode deixar. Eu converso com ela — diz. — Outra coisa. Serenity quer ver a ex-babá... Quero dizer, a tia... eu nem sei como chamar aquela infeliz. Enfim, ela quer conversar com JeAnne uma última vez.

A ideia não me agrada, mas eu consigo entender a necessidade que sente de estar frente a frente com a mulher que, boa parte de sua vida, foi uma referência de amor.

Eu acredito que em algum ponto de sua mente egoísta, JeAnne a tenha amado mesmo. De uma maneira distorcida, mas mesmo assim, era amor.

— Eu vou providenciar isso.



Beau [\[19\]](#)

Nova Orleans

— Está fodido. Eu tenho ligação com a máfia siciliana. Eles me devem favores, porra. Vão acabar com você.

Caralho, eu estou ficando velho para esse tipo de merda. Esse filho da puta não para de choramingar e eu só não corto a língua dele de vez porque preciso saber onde enterrou o corpo da menina.

Ele está resistindo mais do que eu esperava. Há quatro horas, tenho *trabalhado* em seu interrogatório pacientemente, mas o infeliz ainda tem esperança de que sairá daqui vivo. Está na hora de lhe mostrar suas opções.

— Se tivesse mesmo ligação a sério com alguma organização criminosa da minha cidade, saberia que os sicilianos me pedem a benção em uma base diária. Todos aqui o fazem. Uma dica para a próxima encarnação: quando fizer amizade com alguém influente, certifique-se de falar com Deus e não com os discípulos dele. Agora, chega de perder tempo. Vou te dar uma escolha.

— Escolha? — Posso ver um dos olhos dele brilharem de esperança.

Ele tem um pé quebrado em um ângulo completamente anormal, está sem unhas e perdeu alguns dentes pelo caminho. Um dos olhos está inchado, fechado e mesmo assim ainda acredita que sairá daqui com vida?

Ele confessou que foi quem provocou o acidente que matou os Blanchet, mas de uma maneira, que só posso classificar como irritante, se recusa a falar sobre a morte da menina.

— Onde está Elmer? — pergunta.

— No inferno. Não se preocupem, logo se encontrarão.

— O quê? Você disse que eu tinha uma escolha!

— E tem. Aqui vai minha proposta: Eu posso acabar com seu sofrimento agora. Um único tiro entre os olhos e você nem vai sentir que já não está mais entre nós.

— Eu não...

— Quietos, porra! — Eu me aproximo. — Você não vai viver, Edgar, não importa o quanto argumente. Matou uma criança e estou pouco me fodendo se foi um acidente ou não. Você roubou a vida dela em mais de um sentido. Diga-me onde ela está ou tem minha palavra de que nas próximas horas vai me implorar para morrer.

Cinco horas depois, finalmente está na hora dele morrer. O filho da puta se apegou à vida como pôde e sua resistência me surpreendeu. Há três horas, Edgar me revelou onde enterrou o corpo da menina Blanchet e Roman^[20] acaba de me telefonar dizendo que a encontrou.

A polícia receberá uma denúncia anônima sobre a localização do corpo e eu vou acionar alguns dos meus contatos para ter certeza de que não ignorarão o caso. A menina merece justiça.

Eu sigo na direção da mesa de ferramentas e depois de escolher uma faca, em um golpe limpo, finalizo o serviço.

Tiro as luvas e saio do armazém sem olhar para trás, deixando Seymour, o braço direito de Roman, encarregado da *limpeza*.

Horas depois, chego em casa e fico no hall observando meus filhos e esposa.

Quando me notam, vêm me receber.

— Como foi seu dia? — Amber pergunta.

Eu a beijo.

— Entediadamente rotineiro. Já volto, baby.

Eu pego o celular e ligo para Christos. Sei que ele avisará ao primo.

— Está feito — digo.



Serenity

Dois meses depois

Eu custei a vir visitá-la. No início, eu queria vir de uma vez, então eu entendi que não poderia. Eu me sentia fragilizada demais, então aceitei a sugestão de Eleanor e comecei a fazer terapia primeiro.

Não estou me sentindo cem por cento bem ainda. Como poderia? Mas ao menos, aos poucos, estou entendendo que não tive responsabilidade sobre o que aconteceu.

Antes de vir ao presídio de Nova Orleans, para onde JeAnne foi transferida, já que a maior parte dos crimes dela foram cometidos na Louisiana, fui ao cemitério visitar minha

verdadeira mãe. Passei horas sentada na lápide dela, que Ares mandou mudar, deixando-a linda, e lhe contei sobre toda a minha vida.

Eu chorei e disse o quanto gostaria de tê-la conhecido e pedi que não se preocupasse, pois eu ficaria bem.

Eu pedi licença no balé. Três meses foi o prazo que me dei para realinhar a mente e torço para que seja o bastante.

A minha história explodiu em toda a mídia. Não houve como abafá-la. Eu também não queria continuar vivendo uma mentira, em todo o caso.

Neste processo de só falar a verdade, eu contei a Ares que nunca namorei Otis. Ele riu, orgulhoso, o bastardo arrogante e todo meu.

Eu precisei me reinventar literalmente. Sequer tinha uma certidão de nascimento verdadeira ou mesmo um número de seguro social.

Depois de muito pensar, decidi manter o mesmo nome — Serenity Clementine — com o sobrenome da minha mãe biológica, Lawrence.

Eu ainda quero, antes de sair da Louisiana, ir ao túmulo da menina cuja vida, sem ter conhecimento disso, eu

roubei.

Eu também darei uma entrevista coletiva daqui a alguns dias, contando toda a minha história, para pôr um fim às especulações.

Foi Elina, a esposa de Odin, quem deu esse conselho. Ela disse que se eu nunca falasse no assunto, como um elefante branco no meio da sala que todos fingem ignorar, a imprensa de tempos em tempos continuaria me atormentando.

Foi essa a razão também que me fez decidir visitar JeAnne pela última vez.

— Eu posso entrar com você — meu namorado diz.

— Não. Pode assistir, se quiser, através do vidro, mas tenho que fazer isso sozinha.

Eu tentei imaginar o que sentiria quando finalmente nos reencontrássemos, mas depois de dez minutos sentada em frente a ela, é como olhar uma estranha.

Ares me disse que é rancoroso, que a família toda é. Confessou que ama com a mesma intensidade com que odeia. Eu não. Acho que tenho uma capacidade anormal de “desamar”, mas que não chega a se transformar em ódio.

Eu não sabia se ver JeAnne mexeria com as minhas emoções. Pensei que fosse sentir raiva, mas só há um imenso vazio dentro de mim.

Ela falou sem parar desde que cheguei.

Tentou justificar seus atos, jogou com a minha memória, relembrando momentos felizes, e falou da minha mãe também.

Nada disso fez meu coração amolecer como pensei que aconteceria.

— Você me usou.

— Não, Serenity, eu....

— Usou. Eu fui um instrumento para sua ambição, me criou dentro de uma mentira. Planejou, enganou, inseriu falsas memórias. Roubou, junto àquele infeliz, a vida da filha dos Blanchet.

Nunca mais se ouviu falar de Edgar Hazen e eu tenho uma desconfiança de que os Kostanidis tenham algo a ver com seu desaparecimento, mas nunca perguntei a Ares a respeito e nem o farei.

— Eu preciso do seu perdão, Serenity. Eu sei que passarei a vida toda atrás das grades, mas ao menos preciso do seu

perdão.

Eu me levanto, ainda encarando-a.

— Quem tem que te perdoar é Deus. Ele é aquele que concede a absolvição até mesmo a pessoas como você. Quanto a mim, pretendo esquecer que existiu. Se um dia eu te perdoar, não será por você. Será por mim mesma.



Capítulo 53

Grécia

Oito meses depois

— Eu não gosto de surpresas — Serenity grita, sorrindo, quando saio com ela do mar, sobre meus ombros.

Bato em sua bunda.

— Mentirosa.

— Tudo bem, eu adoro surpresas, mas não queria entrar para comer ainda. O mar estava uma delícia.

Eu viro a cabeça e mordo seu quadril.

— *Você* é uma delícia.

— Então é para isso... que foi me buscar?

— Para “isso”? — pergunto quando chegamos na casa, enfatizando a última palavra.

Não importa que eu conheça seu corpo atualmente mais do que o meu mesmo, Serenity ainda guarda um quê de

garota que fica tímida para dizer sacanagens.

— Você me entendeu. — Ela revira os olhos quando a ponho de pé e seguro seu queixo.

— Não. Explique-me. Com “isso” você quis dizer te colocar de quatro na beira da cama e meter meu pau em sua garganta até que me faça gozar? — ela se remexe, trocando a perna de apoio e sei que está excitada. — Ou quer dizer eu me deitando e fazendo você me cavalgar duro? Ou talvez...

Ela não me deixa terminar, pulando no meu colo.

Quando a pego nos braços, rodeia meu pescoço, as pupilas dilatadas de tesão, lambendo os lábios.

— Eu não posso escolher realmente uma só opção, então vou ficar com todas.

— Você é uma descarada, senhorita Lawrence — falo, mordendo seu lábio inferior.

Como sempre acontece quando uso o sobrenome materno para me referir a ela, Serenity me entrega o sorriso mais lindo dessa porra de mundo.

— O que estamos esperando, então?

— Eu disse que tinha uma surpresa.

— Não é sexo? — pergunta, mas as bochechas ficam vermelhas.

Sacudo a cabeça fazendo que não.

— Reunião familiar.

— A essa hora? Mas são sete da manhã em Nova Iorque — diz, fazendo rapidamente os cálculos da diferença de fuso horário.

— Sim. Venha, não será demorado.

Há cerca de uma semana, Serenity encerrou sua primeira temporada no New York City Ballet. No começo, quando ela me disse que queria voltar, eu fiquei tenso, achando que seria pressão demais, dada toda a merda que passou a nos cercar.

Eu estava errado. Mergulhar na dança a resgatou em uma velocidade que acho que até mesmo a terapia que continua fazendo não seria capaz.

Chegamos à sala principal da minha casa na ilha e vejo a surpresa em seu rosto quando nota a tv de oitenta e cinco polegadas ligada e toda nossa família, além de Debra, aparecendo em pequenos quadros.

— Oi, pessoal — minha mulher diz.

Ela dá um tchau tímido como sempre acontece quando é exposta a muitas pessoas ao mesmo tempo. É incrível a diferença de comportamento da Serenity primeira bailarina do New York City Ballet e a garota de família.

Ela só é uma figura pública quando veste o personagem profissional. Dentro de casa, é cem por cento aberta somente comigo e como o fodido egoísta que sou, isso me faz sentir com três metros de altura.

Antes que ela possa perguntar o que está acontecendo, eu a viro de frente para mim, e na mesma pegada, me ajoelho aos seus pés. Vagamente ouço as mulheres da minha família dizerem algo, mas minha concentração é cem por cento dela.

— Eu não me importo como se chama — começo, repetindo o mesmo que venho lhe dizendo desde que soubemos da troca de identidade. — Eu não me importo de qual mundo vem, qual é seu sobrenome ou se tem os dedos dos pés mais feios que eu já vi, para mim você é toda perfeita. Desde o começo, o que me chamou a atenção foi o quanto você é verdadeira, apaixonada, entregue em cada pequena coisa que faz na sua vida. Eu te dei o tempo que

achei que precisava e meus irmãos são testemunha que foi um inferno de difícil controlar o desejo de te fazer minha. Eu não posso mais esperar. Case-se comigo, Serenity. Seja minha mulher e a mãe dos meus filhos.

Apesar de não ter ensaiado o que dizer, treinei um mini roteiro do que *fazer*, então agora seria o momento de lhe entregar o anel, mas nada com Serenity é previsível. O meu amor por ela não segue regras, então, ela não me dá tempo de sequer pegar a caixa. Passa os braços em volta do meu pescoço, ainda de pé, e chora agarrada a mim.

— Eu te amo, Ares. Talvez haja algumas partes minhas que sempre faltarão um pedaço. Cacos que ficaram pelo meio do caminho. Mas o que eu sinto por você é completo. Você é meu encaixe perfeito. Sim, eu quero ser sua.



Epílogo 1

Dia do Casamento de Ares e Serenity

Um mês depois

Talvez devêssemos esperar. Em algum lugar, em um manual para noivas, estará escrito que eu deveria fazer tudo com calma. Escolher o lugar do nosso casamento, planejar com cuidado a festa, ter certeza de que tudo sairia perfeito.

Eu e Ares, no entanto, não sonhamos com a perfeição. Desejamos o real.

O nosso amor não é um caminho florido, repleto de canteiros impecáveis, com uma paisagem primorosa.

Ele é acidentado, com várias pedras fora do lugar, alguns tropeços e muita briga.

Às vezes, seu jeito arrogante de assumir que deve, e pode, decidir tudo por mim, me faz querer matá-lo.

Às vezes, seu jeito arrogante de assumir que deve, e pode, cuidar de mim, me proteger e, eventualmente, ultrapassar algumas linhas espaciais, me faz amá-lo ainda mais.

Ele não é perfeito. Eu não sou perfeita. Ainda assim, fomos feitos um para o outro.

Eu decidi por um casamento em nossa ilha — sim, ele diz que é nossa e eu não vou discutir. Aprendi a escolher minhas batalhas.

Eu não quis nada grandioso, apenas as pessoas que estiveram ao meu lado no pior momento da minha trajetória. Os amigos que a vida me deu, a família que eu nunca tive.

A única família que eu quero, porque a cada dia que passa eu tenho me empenhando para me esquecer de JeAnne.

Ela fez um acordo com a promotoria e pegou uma pena relativamente pequena dado a quantidade de crimes que cometeu: vinte anos com possibilidade de condicional em dez.

Eu não me importo se ficará atrás das grades para sempre ou se sairá amanhã porque para mim, ela não existe mais.

Há algo que eu me lembrei no outro dia. Uma coisa que apenas para Ares eu contei. Na pesquisa sobre o meu passado, eu soube que nunca fui registrada, mas não me recordo de alguma vez ter sido chamada por outro nome que não fosse Serenity.

Eu pedi a ele que o advogado a visitasse e lhe perguntasse se eu tinha outro nome próprio, ainda que não registrado.

A resposta dela foi que sempre me chamou pelo mesmo nome da filha da patroa porque achava que nós duas éramos parecidas. Ainda que sem registro, eu já era Serenity.

Quando o advogado nos contou o que descobrira, eu e Ares chegamos a mesma conclusão: desde o início ela estava de conluio com Edgar Hazen. Talvez tenha sido até mesmo dela a ideia da troca.

Nunca saberemos e agora, não faz mais a menor diferença.

Ouço uma batida na porta e sorrio antes que se abra, porque sei quem é.

As minhas amigas e as crianças acabaram de sair, então só pode ser ele.

— Pronta?

Eu aceno com a cabeça, vou até onde está e o abraço.

Ele fica rígido e meu coração estala de tristeza pelo meu cunhado que não se permite “sentir”.

— Nunca vou entender por que você me escolheu para levá-la ao altar, Serenity.

— Porque quando eu precisei, junto ao seu irmão, você foi meu herói, Hades.

Depois do episódio no terraço do Kostanidis Group, que resultou na morte de Elmer, eu e Hades nos tornamos próximos. Por insistência minha, claro.

Passei a reparar que mesmo em seus momentos em família, parece solitário e eu sei muito sobre solidão para ignorar a dele.

— Você é nossa para proteger — diz.

— E para amar?

Ele não me responde. Oferece o braço e sai comigo da suíte, seguindo para o altar montado na praia, para me entregar ao irmão.

Eu vejo Ares se aproximando e como sempre acontece, meu coração dispara. A certeza de que dentro de poucos minutos meu “para sempre” vai começar deixando meu corpo tremendo em antecipação.

Antes que meu noivo chegue até nós, Hades se abaixa e diz:

— Eu não sou capaz de amar, Serenity.

— Está enganado. Tem muito amor dentro de si e um dia, uma sortuda vai recebê-lo.

Ele não responde. Com o rosto sério de sempre, beija minha testa e me entrega ao irmão.

— Pronto para ser meu dono? — brinco, porque não custa nada iludir meu grego mandão.

Mas sendo Ares quem é, não deixa passar.

— Pronto para oficializar minha posse. Você sempre foi minha.



Epílogo 2

Noite de núpcias e início da lua de mel

Ela quis continuar na ilha.

Poderíamos viajar para qualquer lugar do planeta, mas Serenity escolheu a Grécia para nossa lua de mel. Disse-me que foram aqui suas melhores lembranças.

Enquanto a vejo caminhar para mim, totalmente nua, saída do banheiro, eu me pergunto se alguma vez conseguirei reagir com menos voracidade à visão da minha mulher pronta para se entregar para mim.

Levanto-me, encontrando-a no meio do caminho, o desejo já totalmente fora de controle, como uma avalanche impossível de ser parada.

O corpo retesado, os músculos transmutados em aço.

Eu seguro seu rosto e passo o polegar por seus lábios. Serenity os separa, prendendo entre os dentes, lambendo a ponta, provocando.

Eu enfio a mão em seu cabelo, torcendo-o em meu punho e mantendo-a parada, ataco seus lábios.

Os dedos pequenos tocam minha mandíbula, os peitos se esfregando em mim.

Deslizo a outra mão pela bunda, tateando a boceta por trás.

Roço sua entrada e ela ofega, geme, e quando tomo sua boca, responde ao meu beijo com avidez.

— Você é deliciosa. Eu vou te comer como merece na segunda vez, mas agora, quero te foder duro.

Eu a levo até a cama e a faço se inclinar, o rosto no colchão, empinada para mim.

Agacho-me e chupo de sua boceta à bunda, que já tomei vezes sem conta e que me dá tanto prazer quanto seu sexo.

— Vou te fazer gozar na minha boca. Vai ser rápido e intenso, amor.

Seguro-a pelas ancas e o cheiro dela é por si só um afrodisíaco. Boceta doce e encharcada.

Mergulho a cara em seu sexo, me lambuzando com seu tesão. Quando prendo o clitóris entre os dentes, ela engasga em um gemido de prazer, palpitando em meus lábios, gozando intensamente.

— Tão gostosa. Está prontinha para me tomar agora.

Ergo-me, e com as minhas pernas, obrigo-a a separar as coxas. De pé, seguro seu rosto contra o colchão e meto até o saco em sua boceta apertada.

Vejo suas mãos agarrarem o lençol com força toda vez que golpeio-a em um bater ritmado e profundo.

— Sou louco por você, Serenity.

— E e eu por você, marido.

Ouvi-la usar o título recém adquiro pela primeira vez, faz com que eu me sinta como um neandertal.

Eu seguro seus quadris e empurro para dentro em golpes rápidos.

Ela grita e se aperta à minha volta.

Movendo a mão por baixo dela, eu abro suas dobras, me dedicando ao clitóris sensível.

— Oh, meu Deus...

— Porra, você é um tesão.

Eu agarro um punhado de seu cabelo sem parar de meter.

A foda é suja e talvez um pouco dura para uma noite de núpcias, mas ela implora por mais.

Eu me afasto, saindo inteiro e volto mergulhar, martelando cada vez mais rápido, percorrendo várias vezes o caminho

dentro de seu corpo.

Deslizo em sua boceta, fodendo-a sem dó.

Sinto pequenos espasmos em volta do meu eixo.

— Vai gozar comigo, safada.

Meto sem interrupção o dedo médio, massageando o clitóris, deliciando-me com cada investida dentro de seu corpo.

As contrações aumentam e minha demanda se torna animalésca.

Segundos depois, ela geme e força o corpo para frente, gozando.

Eu bombeio dentro dela mais algumas vezes e então, chego ao meu limite.

Seguro-a pelas ancas e gozo, a encho com meu sêmen, mas não é o bastante, então deslizo o pau para fora e me masturbo, fazendo com que outro jato de esperma se espalhe pelas bochechas de sua bunda.

Eu me jogo na cama e a puxo comigo, deitando-a por cima do meu corpo.

— Eu te amo, Serenity Kostanidis. Sempre e para sempre.

— Eu te amo e sou louca por você, Ares Kostanidis. Eu serei sua até o meu último suspiro.



Dez anos depois

Como da primeira vez que a vi dançar, fico fascinado ao ver minha Serenity encerrando a temporada com “A Bela Adormecida”.

A menina que um dia foi uma promessa, é hoje a rainha absoluta dos palcos do mundo inteiro.

Mas não é só no palco que a minha Serenity comanda o espetáculo, hipnotizando seus espectadores. Ela reina em nossas vidas também.

Mãe, esposa, amante, amiga. Ela é o pacote completo em uma pessoa só.

A garota que teve sua história roubada, hoje é senhora do próprio destino.

Eu saio de trás dos bastidores com meus dois filhos no colo, ao encontro da nossa musa. Serenity mantém a mim, Hunter e Becker, totalmente aos seus pés. Em breve nossa família vai aumentar com a chegada de uma menina, Liz e é por isso que

minha mulher tomou a decisão de encerrar a carreira. Hoje não é o fim da temporada, somente. É o coroamento de uma caminhada de sucesso.

— A mamãe está chorando — nosso filho mais velho, Hunter, diz.

Ele tem seis anos e ainda não consegue distinguir lágrimas de alegria das de tristeza.

— Ela está emocionada.

— Por que não vai dançar mais?

— Não, sua mãe nunca vai parar de dançar. Ela é a nossa bailarina particular. A mamãe está chorando de felicidade.

E eu sei que é verdade. Não foi uma decisão por impulso. Serenity resolveu que queria parar, ou melhor, mudar sua contribuição para o mundo do balé, de maneira consciente.

Assim como Debra, ela quer dar aulas, para poder passar mais tempo conosco. Por mais que eu tente acompanhá-la, as crianças precisam de rotina e a cada separação, ela sofre ao ponto de não conseguir se concentrar como deveria.

O que um dia foi sua paixão absoluta, virou motivo de angústia.

Eu vi acontecer. Soube o exato momento em que ela ficou dividida e também adivinhei, antes que ela me dissesse, qual

seria sua decisão.

Quando nos vê, ela vem correndo em nossa direção. Nós, os três homens de sua vida, lhe damos um abraço triplo.

— Não chore, mamãe — Becker pede, beijando a bochecha dela.

— Eles estão preocupados — falo.

— A mamãe está chorando porque precisou ser muito corajosa — digo.

Eu entrego as crianças para as babás e a puxo para os meus braços.

— Talvez queira voltar no futuro, quando Liz estiver maior.

— Não, Ares. Eu já vivi meu sonho nos palcos. Agora quero criar memórias. Viver meu sonho de esposa e mãe em toda a plenitude.

Fim!

Não deixem de ler na página seguinte o bônus do livro 4 da presente série.



Hades Kostanidis

— *Hades! Você voltou.*

Eu a pego no colo e ela se agarra ao meu pescoço. Não sou o tipo de homem que se deixa abalar por sentimentalismo, mas as lágrimas da netinha da nossa governanta após saber que retornei de uma viagem de três meses para a Grécia mexem comigo.

— *Hey, como você se comportou na minha ausência?*

— *Muito bem, porque eu queria que ficasse orgulhoso de mim.*

— *Vou ter que analisar tudo o que aconteceu enquanto estive fora para ter certeza.*

Ela franze o nariz, em uma careta bonitinha.

— *Eu não minto, Hades, e nunca mentiria para você porque eu te amo. Você é meu super-herói.*

Segundos depois, o sorriso dela desvanece, o rosto mudando para o de uma jovem mulher.

Agora, está pálida, deitada em seu caixão e eu sinto o meu peito ser rasgado.

De repente, seus olhos se abrem.

— Você não me protegeu, Hades.

A frase é repetida vezes sem fim e eu quero dizer que está errada, que sempre cuidarei dela, mas não é verdade.

Ela se foi.

Como das outras vezes em que tive o mesmo pesadelo, acordo suando gelado e custo algum tempo para entender que aquilo realmente aconteceu. Não foi um mero pesadelo.

Eu me levanto, nu, e sigo para a janela, olhando a noite lá fora.

— Eu nunca vou parar, Pam. Eles pagarão pelo que lhe fizeram. Aquela traidora vai apodrecer na cadeia e se lembrará de você para o resto da vida.

Obras da Autora

*Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série
Corações Intensos)*

*Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série
Corações Intensos)*

*Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série
Corações Intensos)*

*Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e
Cativo)*

*Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da
Série Corações Intensos)*

*Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série
Corações Intensos)*

Nascido Para Ser Seu (Livro Único)

168 Horas Para Amar Você (Livro Único)

***Sobre Amor e Vingança (Livro 2 da Duologia
Primos Lykaios)***

***168 Horas Para o Natal (Conto de Natal - Spin-off
de 168 Horas Para Amar Você)***

***Uma Mãe para a Filha do CEO (Livro 1 da Série
Irmãos Oviedo)***

***A Protegida do Mafioso (Livro que deu origem à
série Alfas da Máfia)***

***O Dono do Texas (Livro 1 da Série Alma de
Cowboy)***

***Um Bebê Por Contrato (Livro 2 da Série Irmãos
Oviedo)***

***A Obsessão do Mafioso (Livro 1 da Série Alfas da
Máfia)***

***Uma Família Para o Cowboy (Livro 2 da Série Alma
de Cowboy)***

A Esposa Contratada do Sheik (Casamento de Conveniência)

Como Domar um Mulherengo (Livro 3 da Série Irmãos Oviedo)

Um Anjo Para o Mafioso (Livro 2 da série Alfas da Máfia)

O Herdeiro do Cowboy (Livro 3 da Série Alma de Cowboy)

Um Bebê Para o Italiano (Livro que deu origem à série Feitiço Italiano)

Sob a Proteção do Bilionário (Livro 2 da Duologia Seduza-me)

Bastardo Apaixonado (Livro 4 dos Irmãos Oviedo)

Proibida Para o Cowboy (Livro 4 da Série Alma de Cowboy)

A Eleita do Grego (Livro 1 da Duologia Primos Lykaios)

Destinada ao CEO (Spin-off Irmãos Oviedo - A História de Isabel e Stewart)

**A Princesa Seduzida pelo Magnata (Spin-off de A
Esposa Contratada do Sheik)**

**A Esposa Inocente do Mafioso (Livro 3 - Série
Alfas da Máfia)**

A Mãe da Minha Menina (Irmãos Oviedo - Livro 5)

**Seduzida Por Contrato (Irmãos Kostanidis - Livro
1)**

**Sob o Domínio do Mafioso (Série Honra Irlandesa -
Livro 1)**

**Deliciosa Armadilha (Livro 1 da série Feitiço
Italiano)**

**Como Encantar seu Príncipe (Spin-off de Como
Domar um Mulherengo)**

**Um Herdeiro para o Sheik (Spin-off de A Eleita do
Grego)**

**O Devasso e a Viúva Virgem (Livro spin-off da
série Alma de Cowboy)**

**Senador Gray - Meu Cowboy Protetor (Livro 5 da
série Alma de Cowboy)**

**Tentadora Confusão (Série Acordo com o Cupido -
Livro 1)**

**Arrogante Rendido (Série Deuses de Branco -
Livro 1)**

A Filha do Inimigo do Mafioso (Livro 4 - Série Alfas da Máfia)

Imprevisível Perfeição (Série Uma Esposa para o meu Pai- Livro 1)

Nas Mãos do Magnata (Série Bilionários Turcos - Livro 1)

A Garota Inocente do Bad Boy (Brutos Sedutores - Livro 1)

Desejada pelo Pecador (Duologia Seduza-me - Livro 1)

Destinada ao Grego (Irmãos Kostanidis - Livro 2)

A Tentação Inocente do Mafioso (Série Honra Irlandesa - Livro 2)

A Bela dos Mafiosos (noveleta spin-off do livro 2 da Série Honra Irlandesa)

Indomada Irresistível (Livro 2 da série Feitiço Italiano)

Todos os Natais até encontrar Você (Prequela da série Corações Intensos)

A Paixão Inesperada do Herói (Livro que deu origem à série Fardados e Dominadores)

Proteção - O Jogador e a Herdeira (Livro 1 da série Field Kings)

Acordo com o Magnata (Série Bilionários Turcos - Livro 2)

Irresistivelmente Proibida (Livro spin-off da série Fardados e Dominadores)

***A Redenção do Cowboy Arrogante (Livro 1 da série
Coração de Cowboy).***

***Arrogante Impiedoso (Série Deuses de Branco -
Livro 2).***

***Cinderela Inesperada - A Escolhida do Príncipe
(Livro 1 da coleção A Princesa dentro de Mim).***

***Obcecado pela Protegida (Irmãos Kostanidis -
Livro 3)***

Livro 1 da série Fardados e Dominadores

Papo com a Autora

Espero que tenham apreciado acompanhar a trajetória do delicioso Ares e sua Serenity. Quem conhece minha obra, sabe que eu adoro um mistério e há muito tempo eu queria contar uma história sobre identidade trocada.

No caso deste livro, nossa menina não teve qualquer culpa pelo jogo de ganância, maldade e mentira no qual se viu envolvida.

Ainda bem que ela teve um grego protetor e apaixonado para livrá-la das garras daqueles seres inescrupulosos.

Como viram pelo bônus, o próximo livro da série Irmãos Kostanidis é do nosso lindo e vingativo Hades, o deus do submundo segundo a mitologia.

Eu não vou mentir, estou muito ansiosa para entregar essa história a vocês.

Um beijo e até a próxima aventura.

D. A. Lemoyne

Interaja com a autora através de suas redes sociais

[GRUPO DE LEITORES NO FACEBOOK](#)

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

[PÁGINA COM TODOS OS LIVROS DA AUTORA](#)

Sobre a Autora

D. A. Lemoyne iniciou como escritora em agosto de 2019 com o livro *Seduzida*, o primeiro da saga *Corações Intensos*. De lá para cá, foram várias séries de sucesso como *Alma de Cowboy*, *Irmãos Oviedo*, *Alfas da Máfia*, dentre outras, além de duologias e novelas.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua “biblioteca” particular, que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Brasileira, mas vivendo atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos, e os heróis apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor, e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: dalemoynewriter@gmail.com

[1] Boate fictícia pertencente a Ares Kostanidis, ela já foi palco de algumas cenas do primeiro livro da saga, “Seduzida por Contrato”.

[2] Esse personagem, já mencionado em “Seduzida por Contrato”, será protagonista de um dos livros da minha série com dez magnatas sócios.

[3] Em resumo, a busca do prazer como estilo de vida.

[4] Protagonista do livro 1 da saga, “Seduzida por Contrato”.

[5] Inserido apenas para fins de contexto, já que essa questão é tratada no livro 1 da presente série, pois é um dos plots de “Seduzida por Contrato” e não tem relevância para a presente obra.

[6] Protagonista de “Sobre Amor e Vingança”.

[7] Protagonista de “A Eleita do Grego”.

[8] Ele é o filho de Dionysus. É importante lembrar que neste momento Cici, protagonista do livro 2 da presente série, “Destinada ao Grego”, ainda não havia surgido na vida de Dionysus.

[9] Os Kostanidis são uma tradicional família de banqueiros.

[10] Protagonista de “Como Encantar seu Príncipe”.

[11] Plot do livro 4 da presente série.

[12] Como já explicado anteriormente, esse assunto é o plot principal do livro 1 e não relevante para a presente obra, tendo sido trazido aqui apenas para fins de contexto.

[13] Protagonista de Sob a Proteção do Bilionário.

[14] Um pequeno aperitivo antes da entrada oficial dos pratos.

[15] Perseguidores, geralmente, de celebridades.

[16] Por liberdade literária, exagerei a reação dela à picada de escorpião.

[17] Mencionado apenas para fim contextual e temporal. Não tem relevância para a presente obra e daria spoiler do livro 1 desta série, “Seduzida por Contrato”.

[18] Protagonista de Arrogante Rendido.

[19] Protagonista de Sob a Proteção do Bilionário.

[20] Protagonista de Salva para ser Minha.